



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES
(POSIH)
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES (MIH)**

FABRÍCIO DARLAN VIEIRA DA SILVA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E A MULHER NEGRA NA LITERATURA
BRASILEIRA**

ACARAPE-CE

2024

FABRÍCIO DARLAN VIEIRA DA SILVA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E A MULHER NEGRA NA LITERATURA
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dra. Jacqueline Da Silva Costa

ACARAPE-CE

2024

Silva, Fabrício Darlan Vieira da. S586c

Carolina Maria de Jesus e a mulher negra na literatura brasileira /
Fabrício Darlan Vieira da Silva. - Redenção, 2024.
105f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Interdisciplinar Em Humanidades,
Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Humanidades, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Jacqueline Da Silva Costa.

Coorientador: Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz.

1. Educação. 2. Literatura negra. 3. Carolina Maria de Jesus.
4. Racismo. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 370

FABRÍCIO DARLAN VIEIRA DA SILVA

**CAROLINA MARIA DE JESUS E A MULHER NEGRA NA LITERATURA
BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dra. Jacqueline Da Silva Costa

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
JACQUELINE DA SILVA COSTA
Data: 22/10/2024 18:52:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Jacqueline da Silva Costa
(Orientadora – UNILAB)

Profa. Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz
(Co-Orientadora – UNILAB)

Prof. Dra. Jaqueline de Oliveira e Silva (Examinador/a – UFMG)

Profa. Dra. Hannah Lima Alcantara de Vasconcellos (Examinador/a – UFRJ)

Neste pequeno, mas sincero texto, dedico este trabalho a Deus, autor de maravilhas em minha vida, cuja presença me auxilia nas minhas escolhas, abrindo caminhos e me segurando pela mão, me dando confiança frente aos desafios e adversidades, me acompanhando rumo à realização dos meus sonhos. Sem Deus, (o todo poderoso) nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Olorum, Deus Único, criador dos Orixás e de toda a existência. Agradeço pela graça da vida. Aos Exús e Pombagiras agradeço pelos caminhos sempre abertos, Laroiyê Exús e Pombagiras! Agradeço a Oxalá pela força da minha fé! Epa Babá! A Iemanjá agradeço pela harmonia e paz no meu lar, Odayá Iemanjá! A Obaluaiê agradeço pela saúde, Atotô Meu Pai! Ao Candomblé agradeço pela oportunidade de evoluir! Saravá Todos os Orixás!

Aos meus pais que, desde cedo, me ensinaram o valor da educação para se entender o mundo e que me mostraram, com muita paciência e amor, que não há limites para a busca de um sonho, para se querer sempre mais da vida e ser feliz. Aos meus primos/as por tudo que fazem por mim, com risadas, conversas sinceras e instruções para uma vida colorida.

Aos meus avós, tios e tias, meus maiores incentivadores, pela educação que me deram, pela disciplina que me ensinaram e por serem um verdadeiro pilar de esperança, sabedoria, respeito a Deus e amor em minha vida. Ninguém mais do que vocês poderiam ter me dado tanta força, foram anos de batalha, eu venci! Amarei-vos eternamente. Tenho a certeza de que, sem a minha base familiar, este sonho não teria sido realizado.

A minha orientadora Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz pela sua orientação, parceria, dedicação, paciência e profissionalismo. Todo o apoio e atenção dedicados a mim foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho. A minha Co-Orientadora Professora Dra. Laísa Marra de Paula Cunha Bastos, graças a ela, consegui chegar onde estou, e minha aprovação será apenas mais uma etapa desta caminhada.

A banca avaliadora por aceitarem o convite, contribuindo com maestria na finalização destes escritos. Tenho certeza de que fiz a escolha certa, incluindo-os neste importante desafio. A bolsa de financiamento CAPES pela confiança e, especialmente, pela parceria. Estreitar essa parceria será sempre o nosso foco.

Gratidão, também, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH) e a todos os docentes do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) por acreditarem em meu potencial, vocês foram fundamentais para minha pesquisa e dissertação como um todo.

Aos meus amigos e colegas, principalmente ao Francisco Danierbes, seu imenso conhecimento e experiência abundante me encorajaram em todo o tempo da minha pesquisa acadêmica e da minha vida diária. A Silmara Sampaio, sua força e companheirismo me ajudou a ser uma pessoa muito melhor. A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para que este ciclo fosse concluído com êxito. Gratidão!

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados. Eu era revoltada, não acreditava em ninguém. Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre. Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade.

(Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

A pesquisa objetiva investigar a escrita de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) a partir da obra publicada durante a década de 1960, intitulada —Quarto de Despejo—. Essa obra possui temáticas comuns que abordam a pobreza, a vida nos subúrbios de São Paulo-SP e as formas como as mulheres são tratadas e representadas em uma sociedade estruturalmente racista, machista e sexista. Além disso, essa obra traz a revelação do cotidiano de Carolina e da luta dos seus contemporâneos pela sobrevivência e pela dignidade. Através de uma pesquisa bibliográfica utilizamos os escritos de Abraçado (2008); Abrano (2010); Alves (2002); Amado (1958); Amorim (2013); Barbosa (1985); Barros (2011); Beauvoir (1980); Bento (2008); Borges (2020); Bourdieu (1998; 2003); Butler (2018); Camargo (2008); Camurça (1968); Carneiro (1995; 2003); Evaristo (2009); Fanon (2008); Fernandes (1978); Ferreira (2020); Freire (2005); dialogando com outros estudos relacionados à temática. Pretende-se com o estudo, incentivar futuras investigações no que diz respeito à herança literária deixada e produzida nos dias atuais por outras mulheres negras, possibilitando pesquisadores e interessados na temática explorarem novos caminhos.

Palavras-chaves: Educação. Literatura Negra. Carolina Maria de Jesus. Racismo.

ABSTRACT

The research aims to investigate the writing of Carolina Maria de Jesus (1914-1977) based on the work published during the 1960s, entitled *—Quarto de Despejo*. This work has common themes that address poverty, life in the suburbs of São Paulo-SP and the ways in which women are treated and represented in a structurally racist, sexist and sexist society. Furthermore, this work reveals Carolina's daily life and the struggle of her contemporaries for survival and dignity. Through bibliographical research we used the writings of Abração (2008); Abrano (2010); Alves (2002); Beloved (1958); Amorim (2013); Barbosa (1985); Barros (2011); Beauvoir (1980); Bento (2008); Borges (2020); Bourdieu (1998; 2003); Butler (2018); Camargo (2008); Chamois (1968); Carneiro (1995; 2003); Evaristo (2009); Fanon (2008); Fernandes (1978); Ferreira (2020); Freire (2005); dialoguing with other studies related to the topic. The aim of the study is to encourage future investigations regarding the literary heritage left and produced today by other black women, enabling researchers and those interested in the topic to explore new paths.

Keywords: Education. Black Literature. Carolina Maria de Jesus. Racism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CAPÍTULO 01: ESCRIVENDO SUBJETIVIDADES – PÉROLAS DE MEMÓRIAS DE UM HOMEM PRETO DA ZONA RURAL.....	15
1.1 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes	15
1.2 Encruzilhadas de Saberes: trajetória e potência	18
1.3 A caminhada: entre o Profano e o Sagrado.....	21
1.4 Uma exploração autêntica da vida e da identidade.....	25
1.5 Em busca de sentido: uma vida de propósito e significado	26
1.6 Vida além do limite: como superei todos os obstáculos.....	28
2. CAPÍTULO 2: DIÁRIO DE UMA FAVELADA – REPRESENTAÇÃO DAS INTERSECCIONALIDADES SOFRIDAS PELAS MULHERES	38
2.1. Representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira	38
2.2. A Escrita Autobiográfica: denúncias e vivências expostas.....	49
2.3. O quarto de despejo: vozes a margem da sociedade.....	55
3. CAPÍTULO 3: UMA QUESTÃO DE GÊNERO – A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL.....	62
3.1. Conceituando Gênero: desemaranhando conceitos-chaves.....	62
3.2. História das mulheres: e pode uma subalterna falar?	73
4. CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS.....	82
4.1. Carolina e a representação da mulher negra.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94

INTRODUÇÃO

Ser negra e escritora em uma sociedade machista, misógina e sexista, segundo os escritos de Nunes e Nogueira (2021) significa romper com o silêncio secular imposto aos corpos femininos, além disso, é também transgredir o lugar da —não fala e da objetificação perpetuada por uma superioridade masculina. Por outro lado, a literatura atravessada por questões de identidade e diferença no interior da linguagem, isto é, tidos como pilares de criação linguística, a mesma surge como um terreiro fértil e privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos (Bhabha, 1998).

A escrita da mulher negra para Candido (2006) também é uma forma de resistência. A escrita segundo os apontamentos realizados pela autora trata-se de uma voz dissonante dentro de uma sociedade que ainda é predominantemente marcada pela branquitude e masculinidade. A produção e publicação de obra literária de uma mulher negra, além de inspirar e empoderar outras mulheres negras, possui a capacidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária (Duarte, 2009).

De acordo com os estudos de Ratts (2003) a representação da mulher negra é um tema complexo e multifacetado que tem sido explorado por artistas, intelectuais e ativistas há séculos. A imagem da mulher negra é frequentemente construída a partir de uma perspectiva patriarcal e racista, que a retrata como submissa, hipersexualizada e menos inteligente que as mulheres brancas. Esse cenário, de uma forma ou de outra, acaba causando um impacto negativo na autoestima e nas oportunidades das mulheres negras, contribuindo para a perpetuação do racismo e do sexismo na sociedade.

De acordo com os estudos de Dalcastagnè (2012) a literatura brasileira desde o seu surgimento aos dias atuais, insi em proclamar um discurso pautado nos padrões ideológicos estabelecidos culturalmente pelo homem, silenciando, excluindo e instituindo uma diferença negativa para as mulheres dentro do campo literário, principalmente quando se trata de corpos femininos negros, tornando o cenário ainda mais desafiador em um ambiente que, por muito tempo, foi fechado e estruturalmente condicionado pelo patriarcalismo dominante.

Conforme os estudos levantados por Leal (2008) a Literatura Afro-brasileira passa a se fazer presente somente a partir do século XVIII, percorrendo passo a passo o seu trajeto na cena literária contemporânea, sendo escrita nos mais diferentes espaços geográficos do território brasileiro, mas a produção de escritoras negras só ganhou força mesmo a partir de 1980, passando a ocupar espaços que há muito tempo sonhavam e, que somente os homens brancos da elite possuíam esse privilégio.

De acordo com Fanini (2008) a presença da mulher negra na literatura brasileira, sempre foi apresentada através de escritores brancos da alta sociedade com suas narrativas negativas elaboradas pelo imaginário masculino euro descendente que objetificam, hipersexualizam, excluem e silenciam o protagonismo das mulheres tanto no campo literário, quanto na história da humanidade. Quando são representadas através desses escritores, na maioria das vezes, são ligadas a temáticas, como: sedução, beleza, pecado, sexo frágil, entre outras temáticas que sempre estão conectadas diretamente ao corpo da mulher, nunca sendo mencionado sobre o que ela pensa e/ou deseja.

Ademais, percebe-se também que a imagem da mulher negra na literatura ainda encontra-se acorrentada ao seu passado enquanto escravizada, sendo vista ainda somente como um corpo para procriar e/ou como corpo-objeto de prazer para o homem. É nítido que ao colocarmos em discussão a mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira, teremos automaticamente dois percursos distintos para se aprofundar, são eles: a das próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao mesmo tempo reescrevem na história; e a da representação dessas mulheres na própria literatura. De todo modo, entenderemos a partir de qualquer percurso escolhido quem são o e que produzem, bem como se comportam mediante as relações de gênero e etnicidade que lhes atravessam no contexto dessas produções.

Conforme tal abordagem, as mulheres negras enquanto objeto de pesquisa, além de estarem relacionadas às discussões de gêneros, também são interligadas as questões de raça e da etnicidade, assim como toda a literatura produzida por elas. Nesse sentido, a seguinte dissertação desenrola-se a partir de um convívio-confronto entre a cultura e poder, entre instituição intelectual e dominação, entre privilégio e exclusão (Santos, 2014).

Mediante o exposto, a presente pesquisa surge da aspiração de entender e gerar produção de conhecimento referente ao papel da mulher negra, pobre, moradora de favela e —invisível na literatura brasileira. O seguinte estudo teve como motivação inicial os resultados de oficinas realizadas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), com vigência nos anos de 2016 a 2018. Em uma dessas oficinas, o foco foi à representação das mulheres negras na literatura afro-brasileira.

A seguinte oficina tinha como intuito incentivar os estudantes do Curso de Letras/Língua Portuguesa a leitura e escrita por meio da literatura negro-brasileira e, assim, fomentar através desse gênero a produção de novas narrativas. Esta oficina foi ministrada por uma docente externa e tinha como foco algumas obras da doutora e escritora Carolina Maria de Jesus (1993), apresentando a partir da mesma a pluralidade da escrita da autora como incentivo para nosso próprio memorial, tido como atividade final da oficina.

Outras obras também integraram a bibliografia da oficina, dentre elas: Yemonjá (2008) com —Caroço de dendê - a sabedoria dos terreiros: como ialorixás e babalorixás passam conhecimentos a seus filhos; Kilomba (2019) com —Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano; Hooks (2022) com —A gente é da hora - homens negros e masculinidades; González (1985) com —Mulher Negral; Davis (2016) com —Mulheres, raça e classe e, por fim, Chiziane (2013) em —Eu, mulher... por uma nova visão do mundo.

As obras analisadas na oficina revelam a diversidade de experiências das mulheres negras no Brasil e no mundo. Elas são representadas como mães, filhas, esposas, trabalhadoras, ativistas, e muito mais. As obras também mostram os desafios que essas mulheres enfrentam com o racismo, a pobreza, a violência e a discriminação. Além disso, o estudo busca contribuir para o debate sobre a representação das mulheres negras na literatura brasileira, acreditando que essas obras são importantes para a construção de uma memória e uma identidade nacional mais inclusiva.

A obra —Quarto de Despejo é um diário escrito por Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, pobre e moradora de favela em São Paulo-SP. O diário acaba sendo um relato honesto e cru da vida de Carolina e de outras mulheres que vivem na mesma situação. Carolina Maria de Jesus escreve sobre a pobreza, a violência, o racismo e a discriminação que enfrentava diariamente. A mesma também narra sobre sua esperança e sua determinação de sobreviver e construir uma vida melhor para seus filhos.

Esta produção literária acaba tornando-se um documento histórico, revelando a vida das mulheres negras pobres e moradoras de comunidades em todo o Brasil, sendo um sucesso de vendas e de público, já que lançava um olhar original da favela e sobre a favela, traduzida para treze idiomas, ganhando o muito inteiro e sendo reconhecida e comentada por outros grandes nomes da literatura, como: Manuel Bandeira, Raquel de Queiroz e Sérgio Milliet.

As escritoras, como Maria Firmina dos Reis (1822-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977), são apenas uma pequena amostra das muitas mulheres afrodescendentes que produziram literatura ao longo da história do Brasil. Essas escritoras ajudaram a moldar a literatura brasileira, dando voz às experiências e perspectivas das mulheres negras. Suas obras são importantes para a compreensão da história, cultura e sociedade brasileira.

Maria Firmina dos Reis e Carolina Maria de Jesus são duas pioneiras na literatura produzida por mulheres descendentes de africanos no Brasil. Embora não sejam as únicas, essas duas autoras se destacam pela crítica e subversão do quadro referente à mulher negra na literatura brasileira, isso ocorre porque a literatura nacional tem um passado racista e sexista,

que frequentemente estereotipa e marginaliza as mulheres negras.

A presente pesquisa busca contribuir para o debate sobre a representação da mulher negra na literatura brasileira. Acredita-se que a obra —Quarto de Despejo é uma obra importante que merece ser lida e discutida nos mais diversos espaços, levando em consideração suas primeiras reflexões dentro da academia. Na análise, pretendo observar a representação da mulher negra, seu local de —fala e o contexto no qual a autora está inserida.

Também buscarei traços autobiográficos presentes na obra e entender até que ponto os deslizamentos ocorridos na construção da obra a tornam, de fato, um texto autobiográfico. O ponto de partida da investigação é a biografia da autora que nos permitirá entender tudo que foi vivenciado pela mesma, e contrapor os dados obtidos com aquilo que se encontra presente no texto, possibilitando a comparação entre a vida da autora e a sua obra produzida.

Pretendo em seguida analisar e descrever a mulher negra na literatura brasileira, tendo Carolina Maria de Jesus como referência. A literatura brasileira, de acordo com Gomes (2012) possui uma grande variedade de obras escritas por autores de todas as regiões do país e uma destas figuras importantes e aclamadas pela crítica é Carolina que enraizada na cultura dos moradores das comunidades periféricas, sua obra captura a realidade destes sujeitos e questiona a forma como as minorias são representadas na sociedade.

Esta dissertação tem como objetivo investigar a escrita de Carolina Maria de Jesus (1993) a partir da obra publicada durante a década de 1960, intitulada —Quarto de Despejo. Essa obra possui temáticas comuns que abordam a pobreza, a vida nos subúrbios de São Paulo e as formas como as mulheres são tratadas e representadas em uma sociedade estruturalmente racista, machista e sexista. Além disso, essa obra traz a revelação do cotidiano de Carolina e da luta dos seus contemporâneos pela sobrevivência e pela dignidade.

A metodologia de pesquisa desta dissertação é de cunho qualitativo, complementando-se com uma pesquisa bibliográfica, englobando a leitura de obras que tratam da mesma temática, juntamente com uma análise crítica de diferentes perspectivas teóricas. Para isso, busquei fontes históricas e fontes primárias, tais como cartas, diários, entrevistas e observações. Esta abordagem me permitirá aprofundar minha investigação sobre a escrita de Carolina Maria de Jesus e a cultura que a formou.

Acredito que esta dissertação possa contribuir para o estudo dos movimentos literários e culturais brasileiros, bem como para a discussão sobre a representação e a voz de sujeitos marginalizados na literatura, ampliando e enriquecendo nossa compreensão da história de vida de Carolina Maria de Jesus. Em sala de aula, os estudos de suas obras permitem um trabalho multidisciplinar unindo áreas do conhecimento, tais como: história, geografia e sociologia para entender o contexto do Brasil no século XX e a formação das favelas.

Para fundamentar teoricamente e embasar nosso pensamento sobre a temática foram trabalhados com os seguintes autores (as): Beauvoir (1980); Bento (2008); Borges (2020); Bourdieu (1998; 2003); Butler (2018); Carneiro (1995; 2003); Evaristo (2009); Fanon (2008); Fernandes (1978); Ferreira (2020); González (1985; 2019); Hooks (2022), entre outros/as autores que contribuem com a temática trabalhada. Todas elas têm uma maneira de expressar sentimentos, experiências e pensamentos em prosa, de uma maneira artística única.

Uma narrativa autobiográfica feminina, segundo os estudos de Orlandi (2009) pode oferecer um vislumbre íntimo de como as mulheres negras vivenciam o mundo e como elas interpretam as suas experiências. Estes relatos podem acabar sendo úteis para compreender as problemáticas femininas, pois às vezes as escritoras tomam uma posição que desafia a perspectiva ministrada em relação às mulheres e ao feminismo. Também penso que a leitura desses relatos é motivadora e poderosa, pois essas obras afirmam a voz das mulheres e oferecem um modo de compreensão mais cativante sobre os problemas da mulher moderna.

De acordo com Romanelli (1986) a literatura oferece as mulheres negras um lugar para que suas vidas sejam contadas, além disso, estas narrativas autobiográficas proporcionam um acesso a visões perspicazes e lúcidas sobre a experiência feminina. Através da temática feminina acabamos tendo acesso a outros problemas sociais, como: o machismo, a violência e a discriminação, entre outras. Ao ler sobre a luta das mulheres negras por seus direitos, se desperta a inspiração para lutar por ganhos significativos. O resultado é de mulheres negras empoderadas, empenhadas na construção de um futuro melhor para outras mulheres negras.

Portanto, a leitura desses relatos autorais proporciona também oportunidades de reflexão sobre as desigualdades de gênero. Estas podem ajudar as leitoras a compreender como essas desigualdades afetam sua vida nos dias atuais, bem como a identificar as inúmeras formas de lutar por mudanças positivas. Por fim, essas narrativas acabam permitindo que as mulheres, especialmente as negras vejam a si mesmas com mais clareza e perspectiva, exigindo sempre respeito, igualdade e dignidade de uma vida melhor.

A estrutura da presente dissertação é composta de uma introdução, possui quatro capítulos estruturados a partir dos subtítulos descritos a seguir:

Capítulo 1, situamos o/a leitor/a sobre toda minha trajetória de vida, percorrendo desde minha infância a minha chegada à universidade, numa espécie de diário de recordações, contando coisas boas e más, acentuando o percurso percorrido que me levou até aqui;

Capítulo 2, demonstra ao leitor a complexidade das interseccionalidades sofridas pelas mulheres na sociedade atual, além disso, adentrar no que diz respeito à representação da mulher negra na literatura brasileira;

Capítulo 3, apresenta a construção social e cultural que envolve as questões de gênero é fundamental, tanto para promover uma sociedade mais igualitária e justa, quanto para um educar para as diversidades, desde a definição de gênero até as influências culturais e sociais que envolvem sua construção;

Capítulo 4, traz uma análise a partir da obra intitulada —Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus acerca da representação de gênero através de suas escritas, compreendendo que o fator gênero é um fator atenuante de opressão e que o mesmo resulta em um sistema perverso de opressão. O capítulo ainda lança foco sobre a realidade da periferia, desafiando-nos a refletir sobre a persistência das desigualdades sociais que tende a inferiorizar, em todas as esferas, a mulher negra aos demais indivíduos perante a sociedade.

Por fim, nas considerações finais se realiza um balanço do trabalho realizado, indicando-se abrir caminhos para outras pesquisas sobre o tema, considerando-se a importância deste tema para a literatura brasileira. Encerramos a estrutura da dissertação com as referências utilizadas.

CAPÍTULO 1: ESCRIVENDO SUBJETIVIDADES – PÉROLAS DE MEMÓRIAS DE UM HOMEM PRETO DA ZONA RURAL

Neste capítulo pretendo situar o leitor/a sobre minha trajetória de vida numa espécie de diário de recordações, contando coisas boas e más, acentuando o percurso percorrido que me levou até aqui. Fico muito envolvido com esse capítulo e também muito emocionado porque falo de um tempo da minha vida que somente agora entendo como foi e é importante para minhas escolhas atualmente. Relembrar, antes de tudo, é olhar para um tempo longe e trazê-las para mais perto, é como se desse um —mergulho em momentos da nossa história.

1.1 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes

—A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos! (EVARISTO, 2009, p. 21).

No primeiro semestre de 2022 participei da IX Semana da África – ocorrida entre 23 a 28 de Maio – com o lema —Presença africana e negra na diáspora: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em foco de uma comunicação feita por discentes internacionais; a vice-reitora da UNILAB, Cláudia Carioca¹; embaixadores dos países parceiros da UNILAB e pró-reitorias na mesa de debates sobre integração e solidariedade no Campus das Auroras, localizado em Redenção, interior do estado do Ceará.

Naquele momento, o Professor Dr. Segone² Cossa (pró-reitor de Extensão, Arte e Cultura) discorreu com maestria e de forma didática sobre algumas questões que integram o eixo do debate no que diz respeito ao estreitamento de laços entre Brasil e África promovido pela UNILAB, bem como as relações raciais existentes dentro da própria universidade, no Maciço de Baturité³, região no qual se localiza a mesma e, por fim, o Brasil.

¹ Foi a primeira vice-reitora eleita da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), por meio de um processo eleitoral democrático, que envolveu todos os setores e atores da universidade. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2002), especialização em Literatura pela Universidade Federal do Ceará (2004), mestrado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2005), doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2009) e pós-doutorado pela Universidade Federal do Ceará (2013) através do PNPd/Capes.

² Possui mais de 10 anos de experiência em busca de conhecimento em antropologia médica. Possui graduação em Licenciatura em Antropologia pela Universidade Eduardo Mondlane (2010). Concluiu o Mestrado (2014) e o Doutorado (2017) em Antropologia social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

³ Região interiorana do estado do Ceará composta pelos municípios de Baturité, Pacoti, Palmácia, Guaramiranga, Mulungu, Aratuba, Capistrano, Itapiúna, Aracoiaba, Acarape, Redenção, Barreira e Ocara.

Foi realmente gratificante, enquanto estudante da Universidade da Integração, perceber que novas vozes têm surgido cotidianamente no panorama intelectual brasileiro, pois antes de tudo, ser Professor negro no Brasil é um ato político, tendo em vista que o corpo docente das escolas brasileiras, em sua maioria, ainda é branco. Um ou outro são os negros.

Hoje, Segone Ndangalila Cossa é Pró-Reitor de Políticas Afirmativas e Estudantis, e afirma que é importante que o corpo docente não somente das universidades, como também das escolas de todo o país sejam contemplados pela diversidade, pois segundo ele, o Brasil, assim como o continente africano é rico em diversidade, desse modo, nossos espaços devem ser contemplados com essas diversidades, sendo de classe baixa, média ou alta; preto, branco, amarelo, cigano ou indígena; heterossexual ou homossexual; e assim por diante.

O capítulo intitulado —Escrevivendo Subjetividades – Pérolas de Memórias de um Homem Preto da Zona Rural reflete uma mistura do que ouvi naquela apresentação e dos trechos recitados por Racionais MC's em —Capítulo 4, Versículo 3 que denunciam uma desigualdade social e a luta pela sobrevivência num contexto desesperançoso onde tudo contribui para um clima de revolta extrema. E, como tal, os seguintes escritos de um jovem preto da zona rural contribuem significativamente para o avanço da literatura brasileira, terreiro onde autoras e autores negros/as tiveram suas contribuições minimizadas.

Quero também deixar meus escritos como marca de meu pertencimento com a função de preservar histórias, de garantir às novas gerações o conhecimento de seus antepassados. Essa ideia vai de encontro ao pensamento de Kilomba (2019, p.12) quando se referia a respeito da escrita em suas obras, isto é, a mesma tinha a escrita —*como um modo de tornar-se um sujeito*, pois eram de suas narrativas que a mesma conseguia transmitir a realidade do racismo diário vivido e contado através de mulheres negras.

Sem ter a audácia de comparar-me com os apontamentos realizados por Grada Kilomba, é o que também pretendo com essa dissertação, pois aqui peço permissão e depósito toda minha ancestralidade, no qual sou inteiramente guiado pela sabedoria ancestral dos Pretos Velhos, com energias de paciência, paz e muito amor, despertando-me para o que de fato importa nesta vida. Grandiosos somos nós, essa vitória é coletiva, sempre foi! Desse modo, eis me aqui falando —em nosso nome.

Por outro lado, através dos escritos de minha história de vida, além de situar-me no trabalho, é possível também justificar o entrelaçamento dos fatores que envolvem a realização da pesquisa. Dessa forma, apresento neste memorial, filosofias de vida, as quais, segundo Josso (2004, p. 43) são as experiências formativas, que —*contam não o que a vida lhes ensinou, mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida*.

Portanto, não tem como apresentar minhas experiências formativas sem destacar que a minha formação começou há muitos anos atrás, no próprio seio familiar, com meus pais. Coloca-se aqui também as memórias resgatadas de episódios vividos nas comunidades rurais de —Itapaíl, —Oteiról, —Faíscal, —Serrinhal, —Brenhal, —Piancóll e —São Gerardól, todas pertencentes ao município de Redenção-CE, ressaltando a importância e valorização de ritos, crenças e costumes de povos do campo, pois nesse local podemos ver, acima de tudo, uma pluralidade de conhecimentos e saberes que por mais que sejam invalidados e discriminados cotidianamente por muitos, trata-se de uma parte significativa da sociedade.

Todavia, precisamos compreender que um determinado território não deve ser reconhecido apenas como um —espaço geográficoll, muito pelo contrário, segundo Santos (2007, p. 61), —*a cultura e territorialidade são, de certo modo, sinônimos*ll, apesar das comunidades rurais concentrarem um menor número de moradores comparado aos dos centros urbanos, tratam-se também de espaços permeados de vivências, costumes, transformação, saberes e memórias que servem de fundamentação para criar e recriar os caminhos do homem onde estiver, afinal ele é compreendido como um —*espaço dotado de valor, que suscita e remete ao sujeito sentimentos positivos [...] trata-se do elo afetivo do sujeito com o espaço*ll (Tuan, 2011, p. 13).

Certamente, em algum dado momento de nossa trajetória já nos perguntamos: —quem somos?, —onde estamos?, —para onde vamos? ou —de onde viemos? . Logo, de prontidão respondemos de forma sucinta e rápida: —somos cidadãos brasileiros, frutos de um país violento, sempre buscando melhores condições de vida, pois de onde viemos somente Aquele lá de cima conhece. Porém, já pararam para pensar como é a vida do homem preto do campo? Como é o seu cotidiano? Sabia que também somos doutores do conhecimento?

Porém, de antemão devemos ter uma definição mais plausível de quem é o redencionista. O indivíduo Redencionista é, segundo o dicionário organizado por Azevedo (2010, p.142) —*um tipo de homem que foi liberto, reabilitado, reparado e salvo. Redenção é o ato de adquirir de novo, de resgatar, de tirar do poder alheio, do cativoiro. É livrar-se de um passo arriscado, é livrar-se das penas do infernoll*. De forma tradicional, podemos defini-los como moradores de um município pequeno, que desenvolveram uma mistura de sabores tradicionais do nordeste do Brasil e que também é marcada pela cultura da cana-de-açúcar, que parece a economia local com a produção de cachaça, rapadura e outros derivados.

Os visitantes podem experimentar pratos típicos, como carne de sol, tapioca, cuscuz e peixe frito, além de atividades extrativistas e plantações em pequenos roçados para

subsistência familiar por meio da agricultura familiar e também para o comércio.

As narrativas possuem um grande potencial, fazendo-nos entender nosso passado a ponto de nos ensinarmos sobre nossos costumes dos dias atuais, pois conforme Freitas e Freitas e Galvão (2007, p. 220) —*olhar para o passado pode ajudar-nos a encontrar explicação para significados nas ações que temos hoje como pessoas que foram construindo um percurso pessoal e profissional rico de cruzamentos com os outros [...]*l.

Os relatos dos mais velhos sobre o momento da caça em uma mata fechada, da pesca a beira de uma lagoa, crenças compartilhadas ao redor de uma fogueira, festejos de padroeiros, ladainhas na calçada e vivências no campo são umas das dezenas de memórias contidas neste memorial. Umas que me deixam com o coração transbordando de felicidade, outras que ainda me pego questionando o universo, sem rumo, travado e perdido, afogado na solidão com saudades de quem hoje não está mais entre nós, minha mãe (em memória).

Aqui recorremos aos escritos de Gnerre (1991, p. 05), que diz que: —*as pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos*l. Por tal expressão e referencial que percebemos que nossas histórias sempre serão inacabadas e incompletas, assim como sempre será passível de múltiplas interpretações, permitindo a produção de novos eus/outros.

1.2 Encruzilhadas de Saberes: trajetória e potência

Falar das próprias experiências formadoras é, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é —*vividol* na continuidade temporal do nosso ser psicossomático (JOSSO, 2004, p. 48).

Nosso passado não acaba, ele acontece todos os dias. Acredito que para estarmos aqui hoje, nossos ancestrais viveram dores inimagináveis, romperam barreiras, resistiram às perversidades do ser humano, superaram grandes obstáculos e venceram muitas lutas. Meu nome é Fabrício Darlan Vieira da Silva, nasci em 18 de agosto de 1989, na cidade de Redenção, município pertencente à região interiorana do estado do Ceará, filho de Tânia Maria da Silva (em memória) e Flávio Vieira da Silva.

Meus pais nunca esconderam sobre o verdadeiro sentido da vida no campo, muito pelo contrário, nas conversas jogadas fora sempre no final da tarde, lembro-me como se fosse hoje, sentado no alpendre debulhando o feijão na presença de meus irmãos/as, minha mãe cantarolava, muitas das vezes, para passar o tempo mais rápido ou até mesmo para que aquele momento se tornasse especial, de fato, estar ali já era especial.

Entre o cantarolar de uma ciranda e outra, saía o refrão de Redescobrir de autoria de Elis Regina que nos dizia o seguinte: —*Como se fora brincadeira de roda (memória) Jogo do trabalho na dança das mãos (macias) O suor dos corpos na canção da vida (história) O suor da vida no calor de irmãos (magia)*¶, deixando-nos aquecidos e o coração vibrando positividade naquele finalzinho de tarde em família.

Tânia Maria da Silva possuía uma maneira muito bonita de falar sobre o sentido da família, conversa bastante frequente durante minha infância, sendo sempre respondida com:

—Esse é o meu propósito da vida: cuidar de vocês, se novamente tivesse a oportunidade de retornar a esse mundo, não teria dúvidas, seria novamente com vocês¶. A mesma fazia questão de manter nossas raízes e a conexão existente com os demais familiares que não moravam nas redondezas. Naquela época, tudo era muito novo e quase nada fazia-me sentido.

Hoje entendo, o tempo foi muito curto, por isso a pressa para expressar o quanto nos amava, dos abraços quentinhos, a benção antes de dormir, restou-me apenas saudade. O importante disso tudo foram os aprendizados adquiridos ao longo dos anos, pois desde pequeno entendi que o afeto pode mudar vidas, não somente a da criança em si, mas também de toda a família. Sempre tivemos uma vida simples, com muitas dificuldades, meu pai era trabalhador braçal, com rotinas diárias de borracheiro e minha mãe dedicava-se as atividades de casa, cozinheira, parteira e artesã na cidade de Acarape-CE.

Além disso, ela era conhecedora de ervas medicinais, cuidava dos filhos e nos acompanhava durante as realizações de atividades da escola, na verdade, 24 horas não era o suficiente para concluir milhares de atividades que ficava responsável, já que muitas das vezes, adentrava a madrugada, para cumprir seus objetivos e garantir as necessidades básicas. No ano de 1992, fui matriculado em uma escola, na cidade de Acarape-CE, um pequeno município do interior, que como muitos outros tinha suas particularidades. Aquele ambiente durante toda minha infância tornou-se palco de descobertas, imaginação e aprendizagem.

No trajeto até a escola, todas as tardes, era possível sentir o sol escaldante e seus raios ultravioleta que penetravam nossa epiderme feito carrapichos que grudavam em nossas roupas na beira da estrada longa e velha de barro vermelho. Cada passo dado naquela estrada de barro, momentos eram capturados e guardados em memórias como uma antiga máquina fotográfica analógica que meu pai ganhara de presente naquele ano de Seu Chico (em memória) dono de grandes fazendas nas proximidades.

Por outro lado, junto aos meus irmãos, durante todo o trajeto até a escola, colhíamos folhas de flamboyant, uma árvore antiga da cidade que soltava muitas pétalas em determinadas épocas do ano e, que se espalhavam por toda a faixa de terra. No fluxo da

imaginação, tudo aquilo se tornava acessórios para por atrás da orelha, decorações para a sala de aula, na qual deixávamos em um pote transparente em cima da mesa da Professora Lúcia (em memória) ou até mesmo para agradar nossa avó quando retornávamos no final da tarde, a mesma foi derrubada para a construção de casas e que, nos dias atuais, tem se o mercado central, que tem passado por inúmeras transformações desde sua construção.

Ainda assim durante todo o percurso realizado cotidianamente, nessa época, os laços familiares se mantinham, mesmo distante de casa, pois atravessávamos grandes campos de plantio e colheita, no qual eram espaços utilizados por tios e avôs para a prática de caça de animais silvestres, assim como também para a colheita de frutos, como por exemplo, caju, goiaba, acerola, banana, entre outros. O crescimento da cidade de Acarape, com o tempo, levou a redução dos vastos campos e, conseqüentemente, da extinção de algumas dessas práticas, sobretudo as de caça que foram proibidas pelo órgão fiscalizador, IBAMA.

Quando finalmente chegava à escola, o corpo, as emoções estavam completamente aguçadas diante do pequeno portão que parecia nos dar acesso a uma realidade distante de tudo que o mundo real nos proporcionava, eram atividades e jogos que estimulava a imaginação, proporcionando transformações a partir de saberes e conhecimentos compartilhados nas rodas de conversa com os colegas. Ao ultrapassar o portão, a primeira visão era de um parquinho composto por três balanços de pneu, uma caixa de areia e dois escorregadores, construído e organizado para atividades, como por exemplo, jogos educativos, hora do lanche, entre outras a quais no momento foge-me das lembranças.

Todos os dias realizava esse percurso até adentrar os muros da escola e ocupar o chão da sala de aula. Falar da sala de aula faz-me recordar das emoções que sentia durante toda à tarde, na verdade, era um misto de felicidade, que a florava durante as brincadeiras, surpresa cada vez que caminhava rumo à cantina para receber o lanche, admiração quando conversava com alguns colegas sobre determinado assunto, raiva, quando caía durante o intervalo e até mesmo tristeza, toda vez que se encerravam as atividades e novamente, teria que voltar para casa, refazendo todo aquele percurso, mas que agora na companhia de vários colegas, pelo menos, até certo momento daquela longa estrada.

O cheiro que a sala de aula exalava também é bastante forte em minha memória, como por exemplo, o chocolate quente na panela da cantina, as bolachas que ficavam no fundo da lancheira, a tinta guache fresca no papel, do suco fresco de acerola e até mesmo do álcool utilizado para realizar impressões de atividades no mimeógrafo. Os aromas ajudaram-me a lembrar de coisas agradáveis e desagradáveis dessa época, foram tão fortes que me causou sentimentos de ansiedade e desconforto durante todo o processo de escrita deste memorial.

Acredito que toda essa memória visual e olfativa foi reconectada após adentrar os muros escolares após anos de formação, retornando como Professor da Educação Infantil e Anos Iniciais do município de Acarape-CE e Redenção-CE, desse modo, sintam-se convidados para mergulhar ainda mais nesse percurso que a seguir nomeio como —A Caminhada: entre o Profano e o Sagrado.

1.3 A caminhada: entre o Profano e o Sagrado

Iniciei aos seis anos de idade na primeira série, em outra escola da cidade que funcionava do 1º ano ao 5º ano, recordo que havia certa rotina nessa instituição, onde pela tarde iniciávamos com uma oração, em seguida, o lanche e depois as atividades escolares, e esta última era, por exemplo, aprender o alfabeto, os números, pinturas e brincadeiras educativas. Lembro-me que na minha sala de aula havia diversos brinquedos, mesinhas triangulares, um verdadeiro ambiente colorido e divertido.

Na nova escola as atividades eram um pouco diferentes, passávamos mais tempo dentro de sala de aula, todas as atividades eram organizadas a partir da divisão de meninas e meninos, na hora do lanche a entrega sempre funcionada a partir de filas, e no meio da tarde um intervalo para brincar no parquinho, que tinha somente dois balanço e uma gangorra. As festas juninas eram os momentos mais aguardados. A escola ganhava uma nova roupagem, atividades coloridas e palhas de carnaúbas espalhadas por todos os lados, inclusive nas árvores, tudo fruto de um processo criativo das crianças.

As músicas, os presentes que trocávamos com os colegas, os carrinhos novos, tudo isso alegrava a alma. Nossa professora Adalgiza, nas aulas ministradas na escola, muitas das vezes, ensinava aos alunos orações cristãs, incentivando os meninos para a missa do sábado e do domingo. Como eu estudava na 2º ano e tinha 07 anos, acompanhava a turma do 1º ano para a Igreja de São João Batista. O vigário da paróquia era o Padre Aldenor. De manhã, os sinos tocam e mamãe me acordava: —Fabrício, levante! Vai tomar um banho! Seu pai encheu todos os baldes. Tome o café para ir à missa! O sino já deu a primeira badalada!.

Nossa família nunca perdeu uma Missa de São João Batista, muitos familiares também faziam o cortejo, junto com o pessoal da cidade, a começar na última semana de Junho. O trabalho árduo no roçado, ara a terra, distribui as sementes, enche e esvazia o panelo e dessa forma o exaustivo trabalho vai em frente até o tardar, aproximadamente, 17h:00min da tarde. No entanto, o que move mesmo esses senhores e senhoras durante o trabalho são as histórias, entre um gole e outro de café, um modão e outro na rádio, e uma puxada no cigarro.

São tantas histórias que nos envolvemos cotidianamente e, que quando nos damos pelo tempo, já se foi. As memórias acabam procriando como se fossem pessoas vivas, um pensamento aleatório e, ao mesmo tempo, construtivo, pois, os anos nos têm e nos fazem; fazem com que sejamos nós.

No 3º ano foi ainda muito mais divertido, pois já estava familiarizado com os colegas e profissionais no geral, além do mais, foi o ano em que aprendemos a fazer o cabeçalho, para colocar a cidade onde morávamos e a data, em seguida, como se apresentar. A escola não era muito grande, mas era muito aconchegante. As salas de aula ficavam distantes do portão principal, tendo em vista que a mesma encontrava-se interligada a um grande terreno baldio, muitas das vezes, servia para realizar alguns eventos, entre outros.

Passava a tarde inteira na escola, todo dia pegava o livro, encarava fixamente a capa e perdia-me em pensamentos, como: —quantas letras?!, —o que será que diz?!, então olhava de cima a baixo cada detalhe daquela capa, suas imagens, e assim, iniciava uma contagem. Na turma havia colegas que já sabiam cada letra, admirado e surpreso ficava observando e questionando-me quando seria minha vez.

Durante todo o Fundamental I nunca perdi uma aula, a vontade de conquistar o domínio da escrita e leitura era grande, principalmente quando chegávamos à sala e a disciplina do dia era de Língua Portuguesa, deixando a turma nervosa somente com a primeira fala da Professora Adalgiza no qual dizia: —Peguem os livros, iremos começar com um ditado!;, as emoções durante toda a atividade eram à flor da pele, porém, foi somente a partir do segundo semestre que tive um avanço e em Dezembro já estava alfabetizado.

O primeiro livro que me lembro de ter ganhado foi de meu tio, tendo como título —Menina Bonita do laço de fita de Ana Maria Machado, considerada um dos maiores nomes da literatura infanto-juvenil brasileira. Meus pais tinham que ler esta história muitas vezes antes de dormirmos à noite, mesmo sabendo que eles não tinham muito conhecimento sobre o poder da leitura, mas que acreditavam e realizavam adaptações a partir das imagens presentes em cada folha que manuseavam em suas mãos. Como nos traz Caio Riter (2009, p. 30) —*familiares contadores de histórias são seiva que alimentam, que despertam o broto naquelas sementes carentes de tudo, que somos nós quando crianças*!.

Num Natal dos anos 2000, minhas primas e eu ganhamos a coleção infantil de Monteiro Lobato do nosso tio da cidade. Lembro-me que eram dezessete volumes encadernados em couro verde, publicados pela editora Brasiliense, em 1998. Recordo-me como se estivessem em minhas mão, onde as letras da capa eram prateadas. Na capa, havia o destaque do título em um quadro preto, com a Emília em pé e toda a sua turma.

Um detalhe que deve ser levado em conta era que, mesmo sendo um presente, a coleção não era nova, parecia que o nosso tio tinha ganhado de outra pessoa e, afinal ele ganhou, segredo que nos foi revelado quando já éramos adolescentes. Pelo meu raciocínio da época, enquanto criança, concluí que aquele presente era bastante valioso, afinal poderíamos viajar nas histórias do sítio, assim como os personagens. O primeiro volume escolhido para leitura foram as —Histórias de Tia Nastácia, nele continha todas as histórias que nossa avó nos contava toda noite. Encontrei até a de que eu mais gostava intitulada —A Moura Torta. Foi uma emoção contagiante. Agora eu poderia ler sozinho a minha história favorita.

Grande parte da minha infância foi ao lado de um primo distante, passei a maior parte do tempo com ele, sempre brincávamos, minha brincadeira favorita era com água. Nas comemorações em família, gostávamos de encher bexigas com água e jogar um no outro, além das bexigas gostávamos de brincar com espuma no quintal da minha avó. Os carnavais eram datas divertidíssimas em todo o bairro, e às vezes o carnaval caía no dia do aniversário de meu primo, outras vezes, na véspera, então a galera jogava água misturada com farinha de trigo nele, era muito engraçado e divertido ao mesmo tempo.

Nas férias, levávamos nossos brinquedos para o alpendre da casa do meu avô e brincávamos. O alpendre não era coberto por grades, era semelhante a um quintal aberto. Certo dia, meu brinquedo caiu no telhado da casa do vizinho, foi uma loucura tentar recuperar o brinquedo, meu primo teve que se pendurar no telhado e, somente assim conseguiu alcançar, lançando-o no ar em minha direção.

Quando estava sozinho com meus avós, costumávamos brincar de faz-de-conta por todo o terreiro que se transformava em um local mágico, levava cobertores e brincávamos de casinha, as folhinhas caídas tornavam-se nosso dinheiro, as pedrinhas nosso legumes, entre outros. As brincadeiras sempre ocorriam com mais frequência nas férias, pouquíssimo ou quase nunca depois da escola e nos finais de semana quando não tinha o que fazer em casa.

Quando não havia a possibilidade de brincar de casinha com os cobertores dos meus avós que eram feitos por redes velhas que se tornavam —tangas para fugirem do frio durante a noite, brincávamos de detetive, pega-pega, esconde-esconde, brincadeiras que não necessitavam de materiais físicos, só bastava à presença que já era o suficiente.

Quando as crianças da vizinhança viajavam para a cidade, eu e meu cachorro Lupi caminhávamos até um monte de areia que fica em frente da casa dos meus avós. Atrás desse monte havia um pequeno parque com três balanços e uma gangorra. Era incrível sentir o vento que soprava de acordo com a intensidade do balanço, me fazendo sentir completamente o ar da natureza, era algo libertador, mesmo estando sozinho.

O parquinho existe até hoje e me trás recordações bonitas, só de passar em frente e, que atualmente consigo ver a alegria das crianças, o sorriso de orelha a orelha, que se divertem entre um balanço e outro com seus pais e familiares. O Natal e o Ano Novo era uma data que aproximava familiares distantes, muitos vinham de suas cidades para jantar na casa dos meus avós. Lembro-me de uma vez após a comemoração eu e meus tios ficamos até altas horas da noite jogando bolinha de gude.

Certo dia minha meu avô me deu de presente no meu aniversário, um carrinho e madeira, eu era apaixonado pelo carrinho amarelo, bem diferente dos outros. Sempre que encontrava um local adequado para brincar eu brincava com meus primos, às vezes minha tia vinha da cidade me visitar, ficávamos altas horas no parquinho, parece que nossa bateria nunca acabava, pois passávamos o dia inteiro na rua.

O meu maior engano da minha infância foi quando o meu primo me propôs brincar de imitar um robô que faz massagem pelo corpo inteiro. Claro que o papel de robô era meu, e ele era a cobaia que fingia apertar alguns botões que diziam o que eu deveria fazer, desse modo, percorria de pé por todo seu corpo que iam desde suas costas ao seu calcanhar. Depois, ele tinha de mudar a configuração em um computador imaginário. Sinceramente, eu não entendia nada do que estava acontecendo, mas meu primo mais velho adorava.

Quando eu era criança eu gostava tanto de animações sobre super-heróis que sempre me apresentava em lugares, como a sala de aula, como Martin aos meus amigos. Há pouco tempo eu reencontrei um amigo de infância e ele ainda acha que meu nome era Martin. Uma verdadeira loucura! Minha prima mais nova e eu temos quatro anos de diferença. Durante a nossa infância, brigávamos muito. Mas havia uma palavra que podia fazer parar qualquer tipo de briga: fichitatata. Não me pergunte o que significa. Hoje, muitos anos depois, quando estamos juntos e falamos essa palavra, começamos a rir e quase choramos de tanta emoção.

Dançar na chuva com meus primos também era um momentos que nos conectava, afinal passávamos seis meses esperando a chuva para levar embora todo aquele calor que estava em nossos corpos, à natureza precisava, os bichos necessitam e nós agradecíamos.

Eu passei toda a minha infância com meus avós que sempre estavam acompanhados de sua amiga Adelaide, enfermeira que, muito cedo, precisou se aposentar por problemas no coração. Claro que desde os oito anos fomos ensinados a importância dos remédios e das porções que minha avó costumava fazer das ervas que se encontravam em seu quintal. Um dia, no final da tarde, Adelaide começou a passar muito mal e eu precisei correr para avisar vovó que, de imediato soltou sua xícara de café e um punhal de bolachas que carregava quando recebeu a notícia de Adelaide.

Em outro momento, ainda criança costumava dormir com a cama encostada na parede, dormindo sempre de rosto virado para ela, pois tinha medo dos monstros que podiam me pegar. Durante toda minha infância escutei as histórias que minha avó contava e que me causavam arrepios, ao mesmo tempo, que me pegava curioso em cada detalhe.

Outra vez, comi uma manga sem lavar, estava no pé de mangueira no quintal da minha avó e decidi de imediato comê-la. Logo em seguida, lembrei que as frutas e as hortaliças precisavam ser lavadas antes, mas agora não tinha jeito, já tinha comido. De repente, tive uma ideia: bebi um copo d'água, daqueles grandes que meu avô era costumado a levar para o roçado e, em seguida balancei a barriga, esperando que a manga fosse lavada dentro de mim. Orgulhoso da minha ideia genial, contei para a minha tia. Após alguns anos eu entendi por que ela não me disse 'parabéns Fabrício', mas me olhou com uma cara de 'Hammmm legal'.

1.4 Uma exploração autêntica da vida e da identidade

No 6º ano tive que mudar de escola, pois já não havia séries avançadas que me fizessem permanecer. Nesse mesmo ano, houve muitas excursões da escola, visitando as proximidades, a história do município, além do Mosteiro dos Jesuítas em Baturité-CE, esse mosteiro, foi uma das mais belas construções que já vi no Ceará, aconselho aos leitores deste memorial a fazer uma visita para comprovar pessoalmente, a grandiosidade da arquitetura.

Naquele mesmo ano, em turma fomos a um sítio fazenda em Oiticica ver animais, passear de carroça, observando marcas do período da escravização de povos africanos em nossa cidade e, ainda comemos uma deliciosa comida, com frango e jerimum. O Ensino Fundamental II foi marcado por momentos inesquecíveis que contribuíram para nossa formação humana, assim para a construção do nosso caráter e que fizeram parte de nossa vida para sempre, em fotos, imagens e memórias.

No 7º ano houve inúmeros desafios, apesar da comunidade, pais e responsáveis serem participativos em projetos, reuniões, assembleias, entre outras, a estrutura física da escola estava comprometida, muitas goteiras, paredes rachadas, chão com muitos buracos, a mesma teve que ser interditada por órgãos públicos, gerando desespero em muitos familiares. Os reparos demoraram, mais ou menos, quatro meses, mas que foi compensando no final do ano letivo. No 8º ano a escola organizou com toda a equipe pedagógica e o grêmio estudantil uma gincana que contemplava a disciplina de Educação Física, ocorrida no final do ano trazendo uma série de atividades lúdicas, visando promover momentos de diversão aliados aos conhecimentos que os alunos adquiriram na escola e conhecimentos de sua vida.

Lembro-me que a programação da gincana foi dividida em três momentos: execução das provas, divulgação dos resultados e entrega de brindes à equipe campeã. As pontuações já contavam com a organização da sala de aula, pátio e quadra poliesportiva, bem como na elaboração do Grito de Guerra no qual tínhamos que apresentar uma composição que estivesse relacionada ao nome da equipe através de julgamentos da banca avaliadora.

Outra prova que despertava as emoções dos estudantes era a da Caça ao Tesouro, onde eram escolhidos três membros de cada equipe para procurarem um baú com inúmeras premiações que iam desde bolsas 100% gratuitas em cursos técnicos em Fortaleza-CE a materiais escolares, como: bolsas, estojo, cadernos, entre outros. A prova era realizada por meio de dicas espalhadas por toda a instituição e ao final de cada gincana havia uma festa em comemoração a turma vencedora, neste caso, sempre era o 9º ano.

De repente, já estava despedindo-me do Ensino Fundamental II, dos seminários, feira científica e dos inesquecíveis festivais de Inglês e Língua Portuguesa, onde construímos uma cartilha individual, com figuras, letras, e até mesmo palavras completas, colhidas de recortes de encartes de mercados, lojas e /ou de outros estabelecimentos.

Lembro-me que ao final dessa produção, deveríamos entregar a um familiar que não tivesse tido contato nenhum com a sala de aula, não pensei duas vezes, a mesma foi dedicada e entregue aos meus pais que usufruíram por muito tempo daquele material produzido detalhe por detalhe. Na biblioteca, semanalmente havia registros de retirada de livros, mergulhar no mundo da leitura nunca foi um castigo como para muitos jovens da minha idade na época, trago em minhas veias correntes de Mário Quintana, Clarice Lispector, entre outros.

Nessa época também fiquei indo com frequência para os açudes com meu avô. A temporada de pesca me fascinava. Fiquei encantado pela primeira vez vendo um menino amarrando uma isca e praticando arremessos, provocando ondulações coloridas na água, logo as ondulações se tornavam prateadas por causa do efeito da Lua nascendo sobre o lago. Quando a linha vergou, senti um arrepio, afinal havia algo enorme do outro lado do açude. O meu avô olhava com admiração enquanto o garoto habilmente arrastava o peixe.

Quase sem força, o menino puxava o peixe com muito cuidado para fora da água, era o maior peixe que já tinha visto em toda a minha vida. O garoto, meu avô e eu olhávamos para o peixe, tão bonito, só assim nos demos conta que já era tarde e precisávamos voltar para a casa, minha avó, sua mulher, já deveria estar preocupada com nosso sumiço a tarde inteira.

1.5 Em busca de sentido: uma vida de propósito e significado

Entre a finalização do Ensino Fundamental II para adentrar aos muros do Ensino Médio houve uma pausa, pois a realidade exigia que ajudássemos em casa, desse modo, ocupei-me em uma casa de família, realizando atividades que iam desde a limpeza da residência a produção de refeições, como por exemplo, café da manhã, almoço e jantar.

Ao retornar aos muros escolares, nos anos 2005, preparei-me para diversos vestibulares, na época, tínhamos um modelo de educação tecnicista que tinha como tendência a profissionalização dos estudantes, preparando-os para a atuação no mercado de trabalho e para integrá-los ao modelo social vigente da época.

Como suporte, vimos à chegada de materiais educacionais voltados inicialmente para estudantes-trabalhadores que apresentavam, mesmo no Ensino Médio, um baixo índice de escolarização, além disso, os materiais eram inteiramente ligados ao Telecurso 2000, programa transmitido pela Rede Globo através de parcerias entre a Fundação Roberto Marinho e governos. Na época, as aulas ocorriam sob o acompanhamento do tutor presencial, tirávamos dúvidas a respeito do assunto, trocávamos experiências de vida, realizávamos atividades individuais de leitura, escrita e exercícios, além das avaliações.

Em todos esses momentos, o papel do tutor era fundamental, pois o mesmo acompanhava o desenvolvimento da turma, registrando as situações-problemas cotidianas e tomando decisões eficazes para aprendizagem de cada aluno e de toda a turma. No período de preparação para a entrada à universidade, momentos foram abdicados, inúmeras leituras foram realizadas na enciclopédia emprestada por uma colega de turma, pois o foco era conseguir uma vaga na Universidade Federal do Ceará (UFC), mas que foram interrompidos com o falecimento da minha mãe.

Perdi meu chão, os dias ficaram cinza, a solidão me consumia e a chegada da primavera não era mais como antes, sendo anunciada pela mamãe ao abrir a janela do quintal e ver todas as folhas caindo. Meus pais sempre concordaram com a minha opção de ser professor, pois o sonho deles era ter filhos reconhecidos como formadores de outros filhos de seus colegas e familiares. Além disso, segundo eles, apostaram muito no meu futuro e de meus irmãos, visto que nos deram uma boa educação. Não obstante, sem me importar com a opinião das demais pessoas, decidi dedicar-me a família.

Com alguns desafios pessoais cumpridos, outros a serem realizados, fui construindo aos poucos minha trajetória pessoal e profissional. Após esses escritos, fico certo de que, após relembrar todos esses episódios, momentos inesquecíveis, minhas escolhas durante todo esse percurso foram bem feitas. Além disso, concordo com o ditado popular sempre dito por meu pai nas comemorações de fim de ano, que diz que —relembrar é viver!, foi o que fiz até aqui.

1.6 Vida além do limite: como superei todos os obstáculos

Muitos anos se passaram. Por pressão familiar, depois de vagar sem perspectiva, fiz vestibular na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e fui aprovado no Curso de Serviço Social, mas que acabo não cursando devido ao surgimento de uma vaga de emprego em Guaiuba-CE, como caixa de supermercado. Acho que quem me salvou foi à literatura, meu interesse incansável pela leitura de romances e poemas. Com o meu primeiro salário, comprei parcelado um box literário, contendo: —O Guarani, de José de Alencar; —Dom Casmurro e —Memórias Póstumas de Brás Cubas de Machado de Assis; —Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa; —Vidas Secas, de Graciliano Ramos; —Capitães da Areia, de Jorge Amado e —Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz.

Aos sábados à tarde, o único tempo de fato livre que tinha na semana, tomava aulas de Informática Básica e Língua Espanhola no polo comunitário de Água Verde (distrito de Guaiuba-CE), com a Professora Fátima e Janaína. O primeiro livro que li em outra língua foi —Flamenco, um romance medieval de um autor desconhecido que narra a vida de uma jovem casada com um homem que enlouquece de ciúmes e a acaba encarcerando em uma cela. Fiquei desencantado algumas vezes, afinal a rotina diária acaba nos desgastando, mas alguma coisa sempre deixa você apaixonado novamente, como —Dias Melhores na canção de Jota Quest que diz o seguinte —Vivemos esperando dias melhores (Melhores! Melhores!). Dias de paz, dias a mais, dias que não deixaremos para trás. Vivemos esperando o dia em que seremos melhores [...] ou mesmo como quando se ouve um cigano cantando sob sua janela.

Vivia nesse período do trabalho para casa e minhas lembranças mais fortes são de caminhadas noturnas. Eu saía do Mercado Central e caminhava até a Paróquia de Jesus Maria José para conseguir uma carona ou o ônibus que cobria toda a região. Uma distância considerável. À direita de quem sobe a ladeira que leva à paróquia há um tamarineiro, vivo ainda hoje. Da murada, avista-se a serra que cerca toda a região.

Uma ideia vai crescendo em mim: ir embora de Redenção-CE. Vou até a Rodoviária da cidade, fico olhando os ônibus e pessoas que chegam e partem. Sempre um desejo de ir embora, de sair, ver outros lugares. Meu tio era leitor do —Jornal do Nordeste também, além do jornal —O Povo. As folhas eram preenchidas por Drummond quatro vezes na semana, Clarice Lispector e Carlinhos Oliveira ganhavam destaque nas edições do fim de semana.

Minha rotina por muitos anos foi acordar às 6h00min da manhã, sair para o café,

comprar o jornal e sentar de frente para o Alto de Santa Rita, em Redenção-CE para devorar as notícias que rodavam o Brasil e o mundo inteiro.

Quase sempre depois do almoço (preferencialmente nas escadas do Mercado), ou no meio da tarde, pegava meus livros e ficava lendo até fechar, às dez. Meses foram se passando até que o estabelecimento teve que fechar, o dono faleceu, disputas familiares começaram e o negócio passou a não gerar lucro, enfim, fiquei desempregado. Desliguei o telefone que me trazia esta triste notícia e, logo me vi cercado dos ruídos intensos da Rodovia Governador Faustino de Albuquerque. Ansioso, falava sozinho, buscando uma explicação. Busquei várias alternativas: auxiliar de cozinha, entregador de pizza, montador de móveis, qualquer coisa, mas o emprego não vinha. Um pouco mais de quatro meses tinha se passado, mas a experiência me afetara de modo intenso e me fortalecera, então, voltei a estudar.

Minhas tias ficaram felizes com meu retorno aos estudos. Nessa altura estava disposto a me dedicar exclusivamente à educação e, principalmente a literatura. Foram inúmeras vezes tentando o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) até que, como dizia minha mãe —Deus honra! e, assim ele quis. Adentrei aos muros universitários com a Licenciatura Plena em Língua Portuguesa (LETRAS), nessa época, lembro-me de que me sentia completamente —um peixe fora da água, visto que havia naquele curso diversos colegas da cidade, filhos de colegas, diferentes estilos de vida e dos mais variados lugares do mundo.

Neste curso, passei por muitas dificuldades, pois alguns professores, ao contrário de outros muito bons, desempenhavam o papel de ridicularizadores de alunos, pois nos faziam sofrer muito com determinadas falas em momentos de apresentações de seminários e/ou até mesmo dentro das rodas de conversas a respeito dos textos discutidos, além disso, havia muitos apontamentos, nos obrigando a ler e realizar breves comentários sobre o mesmo, caso contrário, eramos rebaixados e, muitas das vezes, comparados ao seu tempo de estudos.

Ainda no curso de Letras, participei de inúmeros projetos de extensão, como por exemplo, Um Tesouro Chamado Nordeste que em sua criação busca valorizar e difundir a cultura nordestina, promovendo a música, a dança, o artesanato e todas as formas de expressão cultural presentes na região nordeste. No grupo, conheci muitas pessoas especiais e fiquei instigado a estudar e conhecer mais sobre a educação, já que o foco era as diversidades existentes na região nordeste, além de englobar todas as outras particularidades de cada um, tanto dentro dos muros escolares, quanto na sociedade. O grupo ainda permitiu um crescimento e uma vontade imensa de continuar no meio acadêmico.

Após um período de aperto financeiro, consegui uma vaga em uma instituição de rede privada no município de Acarape-CE, meio período como estagiário. Minha coordenadora, Maria, a quem sou grato e por isso menciono seu nome, me ajudava como podia, me liberando para aulas e para estudar para as provas.

Em outro momento, percebi algumas diferenças, novas disciplinas, os novos docentes já eram compreensíveis com a realidade de cada um e todos tinham espaço para dialogar e compartilhar suas vivências. No quarto semestre, participei de uma seleção pública para trabalhar meio período em uma instituição escolar na rede pública de ensino em Acarape-CE no qual fui aprovado e permaneci por doze meses. Durante toda minha permanência na instituição tive suporte dentro da disciplina de Ensino da Língua Portuguesa nos Países da Integração ministrada pela Professora Kaline Araújo Mendes de Souza⁴.

Meu ativismo se resume à criação de um grupo de estudos com colegas nacionais e internacionais da Universidade, resultado de participação no Sarau, slam e poesia negro brasileira organizada pelos próprios estudantes do Curso de Letras e Bacharelado em Humanidades, realizado na Praça do Obelisco, cujo conteúdo abarcava um histórico dos slams e saraus no Brasil e a contribuição destes espaços para o fortalecimento da literatura negro brasileira, especialmente, a poesia negro brasileira. Terminado o evento, os estudantes permaneceram se encontrando semanalmente e acabou surgindo um grupo de estudos literários, a que posteriormente se juntaram outros estudantes.

Durante a realização dos estágios, tive a oportunidade de ministrar juntamente com a Professora Preceptora da instituição a oficina de Bonecas Abayomi que, ao mesmo tempo em que conta a história por trás da boneca, a mesma faz alusão a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório em sala de aula o Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. A oficina foi realizada no ano de 2019 com parceria com a Prefeitura de Acarape no mês da Consciência Negra dentro da sala de multimídia.

A oficina teve duração de aproximadamente 2 horas que se dividiu em dois momentos, eram estes: uma roda de conversa para contemplar o conteúdo a ser trabalhado e a oficina. Os materiais necessários para a confecção da Boneca Abayomi foram basicamente retalhos de diversas cores e estampas, como também de cor preta para construir o corpo da boneca, além de tesouras para delimitar o tamanho da mesma e das vestimentas.

Durante todo o processo auxiliamos na confecção, mostrando passo a passo, mas também dando espaço à criatividade de cada um para selecionar tamanho e cores. Na oficina foi observado que cada estudante confeccionava mais de uma Abayomi, podendo levá-las consigo ao final da atividade.

⁴ Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, com estágio doutoral (CAPES) na Université de la Sorbonne Nouvelle (Paris 3). Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2006) e graduada em Letras pela mesma instituição (2002).

Essa atividade foi crucial para se pensar as diversidades presentes não somente no chão de sala, mas de todo o território brasileiro, transmitindo valores e crenças, além de auxiliá-los na construção da identidade de cada um, afinal —*A falta de representatividade pode ocasionar diversos problemas na formação de identidade, principalmente na infância. Não ver-se representado na televisão, nos livros, revistas, outdoors, etc. pode trazer à criança negra um pensamento de inferioridade [...]* (FARIAS, 2018, p.32).

Como forma de conhecer a satisfação dos estudantes, questionamos em tom de conversa, ao final da oficina, como se sentiram durante toda a oficina, se gostaram, e se presenteariam alguém com a boneca Abayomi. Como o foco principal da oficina era voltado diretamente para a confecção das Abayomis, essa conversa acabou sendo realizada de forma mais informal, gerando bastante comentários entre eles. Uma das falas que surgiu nesse momento e que chamou mais a atenção foi a de um menino de 14 anos: —que maneiro professor... fiz uma boneca parecida comigo e outra idêntica com a minha irmã. Esse momento foi crucial para alcançar o objetivo daquela oficina, afinal de forma simples, o mesmo foi capaz de se reconhecer a si e sua irmã através da Abayomi.

Após o sucesso da oficina na escola, fomos convidados pela Secretaria de Educação de Aracaju-CE para realizar a mesma no CRAS comunitário. Ao finalizarmos, foi possível confirmar que a mesma contribui de forma prática para a autoestima de quem dela participa, além de ser possível, através da mesma, de trabalhar temáticas entorno da questão racial e representatividade de maneira lúdica, seja com crianças, jovens e/ou adultos.

A cada estágio, semestralmente, havia discussões teóricas e reflexivas acerca dos temas abordados durante a prática em sala de aula. É verdade que nesta altura da graduação, a metodologia de aprendizado do Curso de Letras já havia sido incorporada no meu dia a dia, mas ainda me restava questionamentos, se havia feito à escolha certa em cursar uma graduação baseada no ensino de línguas. Havia ainda certa incerteza se estava sendo bem- preparado para o futuro profissional, pois os desafios em sala de aula faziam-me questionar o meu futuro, pensamentos como: —é isso que quero?!, —vale a pena enfrentar esse sistema?!, entre diversos outros me deixavam confuso toda vez que adentrava a sala de aula.

Junto a essas incertezas, a busca por novas atividades extracurriculares me aproximou de alguns professores, com o qual trabalhei por grande parte de tempo da graduação. Desenvolvi junto a um colega do curso vizinho, estudante de Pedagogia Francisco Danierbes de Sousa Santos, uma pesquisa que une o campo da linguística com a história no que diz respeito sobre as contribuições das línguas africanas no português brasileiro, campo em que o mesmo vem se dedicando até os dias atuais com publicações de grande relevância.

A pesquisa durante minha passagem pela universidade enquanto graduando foi um sucesso como aprendizado, pude desenvolver desde o plano da pesquisa até sua escrita. Tive grande crescimento profissional e científico nesta fase, sendo que, além disso, a pesquisa de iniciação científica me rendeu ao final uma publicação científica em periódico de relevância.

Ainda durante minha caminhada na graduação, realizei atividades por conta própria, auxiliando a Professora de Leitura e Produção de Texto I com objetivo de preparar os estudantes recém-chegados para a produção textual na universidade. As atividades não se tratavam de uma proposta inovadora, mas a mesma colocava em discussão metodologias, recursos e concepções de ensino de Língua Portuguesa no ensino superior.

Essa fora uma das dezenas de atividades que realizei dentro da Universidade UNILAB, mas que me desfiou de uma forma completamente diferente, pois me permitiu conhecer um pouco a respeito dos perfis de estudantes que chegavam ao Curso de Letras, de delinear suas iniciativas de ensino, indicando obras complementares e que seriam fundamentais para a realização futuramente da disciplina de Metodologia Científica da Pesquisa com outros docentes da instituição.

O diferencial da UNILAB encontra-se na inserção regional e no olhar para as potencialidades e carências do estado e da região Nordeste, além de receber com muita responsabilidade e afeto os estudantes de vários países lusófonos.

O memorial, como texto autobiográfico, foi o primeiro passo dado dentro do auxílio de atividades. Escolhemos este gênero, pois se tratava de um texto discursivo que se caracterizava pela identidade entre protagonista, narrador e enunciador, fazendo com que os estudantes narrassem suas trajetórias, de forma retrospectiva e cronológica, do passado para o presente e, por ser da esfera literária, o gênero —*possibilita o uso de diferentes normas linguísticas e favorece o fortalecimento dos estilos autorais* (BARROS, 2011, p. 26).

A escolha do gênero discursivo memorial ocorreu devido o mesmo nem sempre ser valorizado na universidade, mas que por um lado traz a conscientização crítica desses estudantes sobre sua formação na educação básica, bem como na sua prática profissional futura. As tecnologias digitais também entraram nesse processo de preparação, com uso de recursos educacionais abertos, tais como slides intitulados —A importância da escrita científica, com as ideias principais do texto lido pelos estudantes na componente.

Diante dessas situações, percebi que é preciso acolher essas manifestações e conhecer a individualidade de cada um, considerando como um processo natural e não rotulando a criança por tais atitudes, como muitas docentes acabam fazendo, pois a escola é um terreno fértil para as diversidades e, que acima de tudo, devem ser respeitadas.

Ao escrever essas linhas que dão forma este memorial, as lembranças me fazem viajar e refletir sobre todo o meu percurso de vida escolar conectados com alusões cotidianas da vida, me pego pensando por um instante e imediatamente chego à conclusão de que a educação foi à base da pessoa que hoje sou, entre livros, crenças e tradições encontrei pessoas que me ajudaram, me ensinaram e me inspiram e são exemplos para minha vida.

Como afirma os estudos de Morin (2000, p. 15) —a universidade conserva, memoriza, integra e ritualiza uma herança cultural de saberes, idéias e valores que acaba por ter um efeito regenerador, porque a universidade se incumbe de reexaminá-la, atualizá-la e transmiti-la [ao mesmo tempo em que] gera saberes, idéias e valores que, posteriormente, farão parte dessa mesma herança. Essa transformação é algo secular, que vem do passado ao futuro por intermédio da crítica ao presente, com intuito de humanizar a sociedade.

Desse modo, o sentido da educação para mim é o de possibilitar que todos os seres humanos tenham as mesmas condições de serem protagonistas e, ao mesmo tempo, desfrutadores dos avanços da civilização que, historicamente foram construídas por nossos antepassados na qual hoje, somos responsáveis pela formulação de novas propostas criativas, visando à superação dos danos causados por essa mesma civilização.

Paulo Freire foi um dos teóricos que nos guiou e continua nos guiando em todas as atividades dentro e fora da academia, embora ainda pouco utilizado dentro do Curso de Letras, pelo menos é o que se percebe ao visualizar a matriz curricular do curso na UNILAB. A educação é uma ferramenta com potencialidade de mudar o mundo, através dela podemos nos tornar cidadãos críticos, ter mais oportunidades de emprego e, conseqüentemente, melhorar a nossa qualidade de vida e, ela tem feito mais do que isso em minha vida.

—Se pararmos para refletir sobre a vida e como ela é, possivelmente chegaremos a várias conclusões, que ainda podem divergir de pessoa para pessoa em razão dos diferentes momentos [...] (Gonçalves, 2010, p. 11). Essa frase acabou me marcou em uma determinada passagem da minha vida, principalmente quando estava encerrando e começando um novo ciclo da minha história acadêmica.

Posto a isso, concluo que foi nessa caminhada que a educação me formou humanamente e intelectualmente, fazendo-me compreender a importância que o episódio da debilidade do feijão (episódio citado no início) tinha para minha mãe e que através dela aprendi a ser uma pessoa com saberes, mas que não deixa de lado seus valores e seu caráter. Atualmente, o menino de Acarape-CE cresceu, floresceu, gerou fruto. Ao final da minha graduação me sinto privilegiado por todas as vivências e oportunidades de crescimento pessoal e profissional que tive ao longo desses quatro anos de curso na UNILAB.

Minha formação como professor em muitos momentos exigiu superação de dificuldades pessoais e aprender com as mais diversas situações. Foi necessário questionar muito, ser crítico, aprender com erros, aprender a ser independente para buscar respostas e solucionar os problemas que insistem surgir dia após dia. Foi necessário também ter empatia, saber conversar e saber ouvir o outro. Foi um processo longo e trabalhoso de construção profissional e pessoal, que ainda não está finalizado e tenho certeza de que esse aperfeiçoamento será para o resto da vida.

Sobre esse processo, tenho muito orgulho e me sinto seguro em receber o diploma de licenciado em LETRAS, para poder exercer essa profissão, que para mim é tão maravilhoso e cheio de possibilidades. Pude perceber ao final destes escritos que a minha família sempre esteve presente em tudo que fazia, meus primos e tias foram realmente os meus melhores amigos durante minha vida. Em toda minha vida tive oportunidades de conhecer e dizer o que gosto e o que não gosto, sou extremamente grato a Deus, por ter tido momentos maravilhosos e ter tido pessoas especiais em minha vida. A caminhada foi bastante árdua, dificuldades sempre irão existir, mas somos nós que decidimos como iremos lidar com elas.

Muitas já não estão mais nela, mas muitas ainda estão fazendo parte ainda e com isso sou muito feliz, amo minha família, meus momentos de hoje e de alguns que me deixam saudade. São lembranças que carregarei comigo sempre. Ainda lembro claramente de duas professoras que me influenciaram na minha vida profissional. Ambas tinham uma característica em comum: sempre ouviam seus alunos, pois segundo elas, o professor ao contar sua história desperta em seus alunos à vontade de compartilharem suas histórias.

Quando adentrei pela primeira vez na escola após colar grau, a primeira coisa que fiz foi se aproximar e conversar com meus novos alunos. A ligação criada no início culminou no projeto —histórias, minhas histórias, em que relaciono fortemente à história do bairro Estrada Velha com a realidade de seus alunos. Em um primeiro momento, os alunos fizeram desenhos com o tema —família, usados para uma roda de conversa em que pedi para identificarem se haviam outras formações de famílias, além do pai e da mãe, como costumamos a ver na família tradicional brasileira. Depois, fizeram suas árvores genealógicas e levaram as fichas para entrevistarem um membro de sua família.

Davi Luiz, de 13 anos, se surpreendeu ao descobrir que tinha descendência indígena por parte do avô e avó, ambos vindos de Aratuba, onde se localiza a aldeia Kanindé. Utilizei também imagens para explicar os conceitos de preconceito, discriminação e racismo, atrelado a vídeos com depoimentos de trabalhadores libertados do trabalho escravo em pequenas fábricas do interior do Nordeste, o que acabou despertando ainda mais o interesse dos alunos.

O assunto tornou-se tão vivo que os mesmos ainda ficaram sem reação ao descobrirem que podiam encontrar pela região do Maciço de Baturité algumas das empresas que haviam sido denunciadas por precarização do trabalho pelo Ministério Público do Trabalho. Somente assim, partiram, então, para uma intervenção. A turma criou panfletos informativos sobre como identificar e denunciar o trabalho escravo, que distribuíram por toda a escola e pelas ruas de onde moravam, bem como em postos de saúde, comércios, entre outros.

Fiquei muito emocionado e satisfeito com a participação dos alunos, comprometidos em espalhar o que aprenderam durante as aulas. Na sala de aula, o principal resultado foi à melhora na relação entre os colegas, com mais integração e respeito. Observei ainda que a produção escrita da turma melhorou muito, principalmente por participarem ativamente na confecção de cartazes, além disso, passaram a entender melhor o enunciado dos livros didáticos e a interpretação de textos. Fiquei ainda mais orgulhoso quando um aluno sugeriu que deveríamos produzir cartazes incluindo a linguagem de sinais – LIBRAS.

A criança lembrou que tínhamos colegas surdos em sala de aula e, que devíamos abraçá-los, fazendo com que participassem das atividades. Durante minhas experiências vivenciadas em sala de aula encontrei uma diversidade de situações que me fez enxergar um mundo extraordinariamente diferente, fora do —encaixe!, isto é, diferente do que estávamos acostumados a ouvir em sala de aula, é assim que muitos de nós educadores nos sentimos —fora do encaixe! quando nos deparamos com o contexto do ensino na Educação Especial.

As expectativas são muitas vezes frustradas, pois não reconhecemos as nossas limitações em não saber acolher a diversidade, talvez por ter visto pouquíssimo a respeito da temática em sala de aula e quando ocorria, era de forma rasa. Senti-me frágil, muitas das vezes, de estar impossibilitado de criar recursos que nos auxiassem no nosso dia a dia, para que assim, pudéssemos compartilhar como é verdadeiro, fundamental e relevante nosso papel, enquanto professor, na vida de cada aluno.

Sáímos de nossas formações cheios de entusiasmo e desejos de colocar em prática todos os conhecimentos ali apreendidos durante os quatro anos, porém ao adentrar na realidade prática no chão de sala de aula, encontramos outro mundo que até então desconhecíamos de nossa visão. Deparamos-nos com escolas sucateadas por onde caminhamos, famílias desestruturadas, colegas de profissão desestimulados por vários motivos, dentre vários outros aspectos que acabam influenciando em nossa prática diária.

Não o bastante, ainda nos esbarramos com nossos próprios dilemas pessoais, na inquietude de refletir nossa prática como um fator basilar para o alcance dos nossos objetivos.

Por isso, a participação efetiva de todos eles na elaboração e construção do seu próprio

conhecimento é a chave para obtenção da aprendizagem verdadeiramente significativa, portanto, o processo de ensino e aprendizagem precisam necessariamente estar interligados ao contexto dos alunos, assim como tenho feito nesses primeiros anos, enquanto graduado.

Realmente, a Professora Francisca estava certa, somente após concluir a graduação percebi o quanto fui privilegiado estudando em uma das melhores Universidades do Brasil, senão do mundo, o quanto sou grato por ter tido os melhores professores, o quanto aprendi a valorizar a Educação e entender que não basta não ser racista, devemos ser antirracista, apoiando uma sociedade com mais equidade e justiça social.

Hoje, encontro-me dentro de uma Universidade Federal realizando mais uma conquista pessoal, profissional, mas que também é coletiva, pois carrego todos àqueles que sonharam estar ocupando esses espaços, mas que, de alguma forma, a eles foram negados. Minha mãe mesmo sem conhecer a escola nos dizia que a educação transformava e hoje, posso dizer, ela tinha razão.

Ter feito parte da história do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades (POSIH) no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) é algo que acaba qualificando o meu currículo naquilo que melhor um currículo pode significar para um profissional que batalha há anos para conquistar seus objetivos, ou seja, a identidade de ser pleno no que fazemos durante esses vinte e quatro meses.

Ser pleno, para mim, é acreditar no que fazemos durante a passagem por congressos, no que ensinamos em sala de aula, no modo como trabalhamos e compartilhamos nossas convicções e dúvidas com toda a equipe de profissionais da instituição. Foi com essa plenitude que a Professora Dra. Denise Ferreira da Costa Cruz me orientou. Sua paciência permanente era encantador, como sua generosidade em nos envolver em congresso e projetos, oportunidades e muitas possibilidades de crescimento.

Grandiosa também foi a Professora Dra. Laísa Marra de Paula Cunha Bastos com suas indicações literárias, uma verdadeira biblioteca ambulante que me fez enxergar as mais belas artes literárias do Brasil e do mundo. Minha escolha pelo Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) e pela professora Denise teve a influência de outro professor pesquisador que, pela dedicação à pesquisa e grandeza humana, vale ser lembrado com amor: trata-se do Professor James Ferreira Moura Júnior, Doutor em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Existem muitas outras histórias inspiradoras além da minha, histórias de pessoas que superaram obstáculos através da educação.

São pessoas que, muitas das vezes, enfrentaram dificuldades financeiras, preconceitos e outras barreiras para conseguir estudar. Essas histórias acabam nos mostrando que a educação pode mudar vidas e transformar realidades. Agora, pretendo participar de seleções de doutorado e adentrar a um novo programa para dar seguimento ao que iniciei nas pesquisas da UNILAB, enquanto ainda era mestrando do MIH. Encerro meus escritos, assim como iniciei invocando a proteção dos orixás, entidades espirituais cultuadas no meu candomblé, que possam limpar tudo que se faz de negativo em nossas vidas, deixando paz e prosperidade na vida de cada um que esteja lendo esse trabalho que preparei no meu terreiro ao som dos tambores e pontos de Obaluaiê. Atôtô⁵! Axé⁶!

⁵ Expressão muito utilizada no Brasil para saudar o Orixá Omolu / Obaluayê.

⁶ Força vital que dá vida, a todas as coisas, presente especialmente em objetos ou seres sagrados, também nome de objeto sagrado.

CAPÍTULO 2: DIÁRIO DE UMA FAVELADA – REPRESENTAÇÃO DAS INTERSECIONALIDADES SOFRIDAS PELAS MULHERES

Neste capítulo pretende-se demonstra ao leitor a complexidade das interseccionalidades sofridas pelas mulheres na sociedade atual, além disso, adentrar no que diz respeito à representação da mulher negra na literatura brasileira.

2.1. Representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira

Ser negra e escritora em uma sociedade machista significa romper com o silêncio secular imposto aos corpos femininos que, por muito tempo, foi e ainda é perpetuada por uma superioridade masculina (Nunes; Nogueira, 2021).

Conforme Bourdieu (2003) essa superioridade masculina advém dos padrões inconscientes de estruturas históricas da ordem masculina que a sociedade encontra-se inserida e, que, desse modo, sua visão estará sempre voltada sob o viés da ótica da masculinidade que reproduz a posição de inferioridade da mulher na sociedade, reforçando um sistema de privilégios à figura do homem, conforme nos explica,

Ora, quando se faz sociologia, aprende-se que os homens ou as mulheres têm sua responsabilidade, mas que eles ou elas são em grande parte definidos em suas possibilidades e suas impossibilidades pela estrutura na qual estão situados e pela posição que ocupam nessa estrutura (Bourdieu, 2003, p. 78).

Como se pode observar, o gênero trata-se de uma construção social, desse modo, o lugar da mulher na sociedade acaba dependendo do local em que se encontra inserida, historicamente situando-a como dominada em relação aos homens. Ademais, Bourdieu (2003, p.46) em seus escritos vem considerar a dominação masculina como uma violência simbólica que *—se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) [...]*», se manifestando na sociedade de diversas maneiras, ocorrendo quase sem que se perceba, fazendo com que essas relações de dominação sejam incorporadas pelos dominados de forma quase natural, podendo ser através da linguagem, dos símbolos e/ou de instituições,

A violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato este que se efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu poder

hipnótico‘ a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, ameaças, censuras, ordens ou chamadas à ordem (Bourdieu, 2003, p.12).

Mediante as palavras do autor, nota-se que essa violência simbólica é descrita pelo mesmo como sendo uma violência —docel e/ou quase invisível, sendo, então, algo pré-reflexivo e/ou pré-consciente sem levar em consideração se foi coagido e/ou consentido.

Para Beauvoir (1980), essa dominação está enraizada na cultura e na história, e é perpetuada por um conjunto de crenças e valores que colocam os homens em uma posição de superioridade (sujeito) sobre as mulheres, vista como o *Outro*, em todas as sociedades, como nos explica em uns de seus desabafos sobre a inconformidade a subordinação feminina,

O homem é pensável sem a mulher. Ela não, sem o homem. Ela não é senão o que o homem decide que seja, daí dizer-se o ‘_sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado. Para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela, a fêmea é o inessencial perante o essencial (Beauvoir, 1980, p.10).

A citação acima de Simone de Beauvoir revela à cultura falha da humanidade que define os parâmetros da sociedade a partir da imagem do homem, atribuindo-lhe a vocação de ser um indivíduo autônomo, enquanto as mulheres estão destinadas a se verem perante a sociedade somente em relação ao homem, o que acaba não definindo a mulher em si, mas relativamente à imagem do homem, como assegura a passagem de Rousseau (2004, p.527)

—Toda educação da mulher deve ser relativa ao homem [...].

No caso de uma mulher negra escritora, a dominação masculina se manifesta de forma ainda mais acentuada, pois a mesma precisa enfrentar não apenas o sexismo, mas também o racismo, que são formas complementares de opressão. A mulher negra, segundo Safiotti (2015) é frequentemente vista como inferior, tanto por homens quanto por mulheres brancas, sendo frequentemente excluída dos espaços de poder e de fala. Nessa perspectiva, o ato de escrever torna-se um grito de liberdade contra todo o tipo de opressão e silenciamento que cotidianamente tentam invisibilizar a mulher negra.

A escrita conforme os estudos de Camurça (1968) é uma forma de expressão que permite às pessoas compartilharem suas ideias, seus sentimentos e suas experiências. Para a mulher negra, a escrita é uma ferramenta poderosa para romper com o silêncio e denunciar a opressão que a mesma sofre cotidianamente pela sociedade. Ao escrever, a mulher negra reivindica seu direito à voz e à expressão que, desafiam os estereótipos e preconceitos que são impostos a ela, e constrói uma narrativa própria, refletindo sua experiência e sua identidade.

Um dos principais fatores que influenciam na construção da concepção da mulher negra é o habitus. O habitus é um conceito desenvolvido pelo sociólogo Bourdieu (2003) que se refere às disposições e estruturas mentais internalizadas pelos indivíduos através de sua socialização, como nos explica o próprio autor em sua obra, compreendido por ele como,

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (Bourdieu, 2003, p. 65).

Como nos explica a citação acima, o habitus é formado por uma série de fatores, incluindo a classe social, a raça, o gênero e a cultura. No caso das mulheres negras, o habitus é frequentemente marcado por experiências de racismo e sexismo. Essas experiências podem levar as mulheres negras a internalizar a ideia de que elas são inferiores às mulheres brancas, o que pode afetar sua autoestima e suas expectativas de vida.

Outro fator que influencia na construção de juízo da mulher negra é a mídia, pois esta acaba desempenhando um papel importante na construção de imagens e representações sociais. As imagens da mulher negra na mídia, segundo Castro (2007) são frequentemente estereotipadas e negativas, por exemplo, as mulheres negras são cotidianamente retratadas como empregadas domésticas, dançarinas e prostitutas. Essas representações estereotipadas acabam contribuindo para a perpetuação do sexismo na sociedade.

A ilustração da mulher negra é um problema complexo que não pode ser resolvido facilmente. No entanto, é importante estar ciente dos fatores que influenciam nesta representação e dos impactos negativos que a mesma pode ter na vida das mulheres negras.

Conforme Araújo (2013) é importante combater esses estereótipos e alterizações de caráter negativo, pois os mesmos são imagens simplificadas e muitas vezes negativas de um grupo de pessoas. As alterizações negativas são mudanças feitas em uma pessoa e/ou grupo de pessoas para torná-los mais parecidos com um estereótipo. Esses estereótipos e alterizações, segundo os estudos realizados por Azerêdo (1994) podem ser usados para rebaixar e menosprezar as pessoas, tornando-as objetos que podem ser estudados pelos outros, mas nunca sujeitos que podem ter seu lugar de fala.

De acordo com Bandeira e Batista (2002), as figuras negras femininas que produziram literatura afro-brasileira, em diversas épocas, na literatura nacional, desde Maria Firmina dos Reis (1822–1917) no século XIX, ou Carolina Maria de Jesus (1914–1977) no século XX,

servem como pequena amostra, em um determinado momento histórico, das mãos femininas afrodescendentes que produziram literatura. Ambas enfrentaram desafios significativos para se afirmarem como escritoras em um cenário literário dominado por homens brancos.

Maria Firmina, por exemplo, foi uma mulher negra, pobre e autodidata, que teve que superar preconceitos de gênero, raça e classe para publicar seu primeiro romance intitulado —Úrsula em 1859 que retrata a história de um triângulo amoroso no qual os personagens são negros/as que contestam o sistema escravocrata.

Carolina Maria de Jesus, por sua vez, foi uma mulher negra, favelada e ex-catadora de papel, que publicou seu primeiro livro intitulado —Quarto de Despejo, em 1960, de forma independente. Ao se pensar num contexto mais geral da literatura e da participação das mulheres, é possível entender, com base em Schmidt e Navarro (2007), que,

A cultura literária constitui parte integrante do campo cultural e seu desenvolvimento foi, até há pouco tempo, regulado e controlado ideologicamente pela hegemonia patriarcal e seus pressupostos sobre diferenças assimétricas e hierárquicas de gênero, o que significa dizer que as mulheres que atuaram, no passado, no campo das letras, ficaram à margem da literatura, esquecidas e silenciadas nas histórias literárias. Nesse sentido, uma visada crítica às culturas literárias nacionais ilumina as conexões entre cultura e poder, entre instituição intelectual e dominação, entre privilégio e exclusão (Schmidt; Navarro, 2007, p. 85).

Desse modo, para as mulheres, de um modo mais geral e a nível global, por muito tempo, a literatura, e não só ela, mas também o meio acadêmico, intelectual, cultural e profissional sempre foram espaços de exclusão, em que diretamente a participação das mulheres era negada. Assim, em um contexto de restrição, que acaba por limitar as mulheres somente aos espaços religiosos e domésticos, as mulheres ficaram a olhar de observação como quem é estereotipada, enquanto os homens, em sua maioria, redigiam e imperavam sobre as literaturas que circulavam nesse contexto (Giacomini, 1988).

Desta forma, segundo os escritos apresentado por Caldwell (2000), as camadas mais baixas da sociedade são formadas por aqueles que estão excluídos dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos dos estratos sociais dominantes. Essas camadas, segundo o autor, são constituídas por aqueles que sofrem de desigualdade econômica, privação de direitos, discriminação, falta de acesso a serviços básicos e outros fatores que impedem o acesso ao bem-estar. Estas camadas são particularmente vulneráveis e necessitam de maior proteção e acesso aos direitos e recursos essenciais para permitir que seus membros alcancem uma qualidade de vida melhor.

Os estudos de Rodrigues (2013) mostra que, ao longo dos séculos, essa condição de inferioridade da mulher tem gerado e ainda gera problemas em todos os setores da vida, como na política, na economia, na saúde e na educação. Na política, segundo Sarti (2004) as mulheres ainda não têm igualdade de direitos e são frequentemente excluídas do processo de tomada de decisões, além disso, ainda há uma forte desigualdade de gênero nos salários, que reflete a menor participação das mulheres no mercado de trabalho.

A desigualdade também se reflete na saúde, onde as mulheres ainda sofrem discriminação e tem menor acesso a serviços de saúde, como cuidados pré-natais, acompanhamento de doenças ou até mesmo tratamento para doenças crônicas. Na educação não é diferente, sendo ainda mais evidente. As mulheres têm menor acesso a educação de qualidade e, conseqüentemente, menor possibilidade de ingressar em profissões remuneradas. Ademais, são ainda frequentemente sujeitas a assédio moral e sexual nas escolas.

Segundo Hollanda (2019) todos esses problemas são decorrentes da desigualdade de gênero, que historicamente foi criada e mantida pela sociedade, por isso, é necessário que sejam tomadas medidas para combater esse tipo de discriminação e promover a equidade de direitos e oportunidades para mulheres e homens.

A década de 1970 apontada pelas autoras supracitadas apresenta-se como sendo o princípio da —explosão das investigações e discussões em torno das literaturas que tinham as mulheres como vanguardistas. Essa década seria então o período em que se expandiram as literaturas negras propriamente ditas, com produções de homens e mulheres negras conscientes e comprometidas com as causas da negritude (Lisboa, 2016).

Desse modo, quando se reporta à literatura nacional, não se pode discordar de Carvalho (2012) quando afirma que ser mulher e escritora no Brasil é romper com o silêncio, a —não falar e transpor os espaços que definem procederes e funções preestabelecidas. Ser mulher escritora no Brasil é ultrapassar os limites —do lar, onde a mulher foi confinada, com o propósito de proteção do contato (contágio) externo.

De acordo com Jesus (2015) é nesse mesmo contexto de aparição da mulher negra na literatura brasileira que a mesma aparece condicionada a duas vertentes iniciais: primeiro, o momento que o homem começa a falar da mulher negra na literatura, seja com a escrava branca e benéfica de Bernardo Guimarães (1876) em —A Escrava Isaura;

A escrava branca cantava bem, era muito bonita, tinha voz canora, doce, tocava piano e morava com a sua senhora a qual prometera dar a ela a liberdade para que pudesse ser livre e fazer o que quisesse de sua vida. Provavelmente, estes atributos visavam distanciar-la da condição

de escrava para que pudesse ser aceita pelo público leitor da época, em sua maioria burguês... Por ter um tratamento diferenciado, a personagem central causava inveja em outras escravas e, com sua beleza atraía a paixão dos homens da época que com ela queriam se casar. O preconceito era latente: Isaura só era cortejada porque era clara. Provavelmente, se tivesse a pele escura não teria chance, mas ela sempre se lembrava da condição que vivia, uma escrava como outra qualquer, sem liberdade de escolher seu destino, seu amor, sua felicidade (JESUS, 2015, p. 12).

Em segundo, a imagem da mulher sensual de Aluísio de Azevedo (1890) em —O cortiço com sua Rita Baiana, a animalidade e falta de inteligência de Bertoleza,

[...] No seu farto cabelo, crespo e reluzente puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinado (AZEVEDO, 1890, p. 56).

Ou, ainda, em imagens poéticas de Jorge de Lima (1958) com a obra —Essa negra fulô, que nos faz refletir sobre a dinâmica de uma sociedade escravocrata,

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
— Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!
Essa negra Fulô
Essa negrinha Fulô!
ficou logo pra mucama
pra vigiar a
Sinhá,
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,

vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!
Essa negra Fulô!
—Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.
Entrou na perna dum pato
saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cincol.

Essa negra Fulô! Essa negra Fulô!
Ó Fulô! Ó Fulô!
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
"minha mãe me penteou
minha madrastra me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou".
Essa negra Fulô!
(LIMA, 1974, p.21)

Como podemos observar, o poema de Jorge de Lima acaba construindo a imagem de uma escravizada que vai além das simples funções domésticas, isto é, a mesma é também a receptora das projeções e das fantasias sexuais de seus senhores, sendo representada como um objeto de desejo e de propriedade.

Por fim, há ainda a mulher-natureza, incapaz de entender determinadas normas sociais, cujo exemplo é a personagem central do romance —Gabriela, cravo e canela¹¹ de Jorge Amado (1958) com a sua postura de uma ingênua conduta sexual, vista na seguinte passagem,

O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: – Moço bonito... (AMADO, 1958, p. 134).

Todas essas representações da mulher negra no Brasil mostra uma mulher estigmatizada, ainda com o julgo da sexualidade, da exploração colonial, em que se encontra uma mulher muitas vezes —mulatal, que está sempre pronto aos serviços do senhor.

Essa imagem, aos poucos, conforme Carneiro (2003) vai sendo substituída por uma nova representação, prezada pelo lugar de falar, aonde as mulheres negras com os seus discursos vão caracterizando os lugares, aspirações, denunciando toda uma representação viciada na representação sexista e racista do pensamento colonialista.

Neste sentido, o pensamento de Gonzalez (2019, p. 02) é pertinente, sobretudo quando se afirma como mulher negra, que —*o lugar em que nos situamos (mulheres negras) determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo. Para*

nós,

o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Essa ligação do racismo com o sexismo é uma marca registrada na sociedade brasileira, presente não só na literatura, mas em vários espaços sociais.

Com efeito, é visível que a junção de racismo e sexismo, acabam produzindo efeitos violentos na sociedade sobre a mulher negra, em particular. E realmente a mudança, foi se dando, a partir de certas noções que, forçando sua emergência no discurso, levaram a retornar à questão da mulher negra numa outra perspectiva. Trata-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta (Gonzalez, 1985).

Ainda assim, no Brasil, muitas das representações da mulher negra eram de subordinação, marcado pelo racismo e pelo sexismo, assim, Giacomini (1988) alerta que é fundamental explicitar as grandes distâncias que ainda separam homens e mulheres e negros e brancos no Brasil, bem como o retrato das desigualdades que mostram como o racismo e sexismo são elementos estruturantes, pois por muito tempo a mulher era vista como:

[...] coisa; pau pra toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque, além de escrava, é mulher. Evidentemente, esta maneira de viver a chamada <<condição feminina>> não se dá fora da condição de classe... e mesmo de cor (Giacomini, 1988, p. 87-88).

Foi justamente essa busca incessante por se reinventar na literatura que fez com que as mulheres negras desconstruíssem e denunciasses essa imagem negativa de suas histórias de vida, se aglutinando em movimentos literários que pudessem expressar suas lutas, suas conquistas, suas narrativas, história e memória. Mulheres que começavam a construir a própria narrativa, a própria história, através da escrita, que foi muitas vezes ferramenta de subjugação e inferiorização da mulher em todo o decorrer da história.

Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira, ou seja, extrapola a materialidade do que é escrito. Os personagens conforme detalha Medeiros (2002) são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados, a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira.

Esses processos de construção de personagens e enredos, segundo Matta (1997) destoa dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral.

Surge, então, nesse período inicial, segundo Seyferth (2002) uma literatura que se identifica com a causa do negro exaltando o que há muito tempo foi sua causa de inferiorização, alertando e denunciando a sociedade racista em que os negros foram inseridos, identificando seus lugares de vida, mesmo que marginalizados, mostram a luta que é combatida diariamente, seja em uma favela ou em um cortiço.

É perceptível também que essa luta travada no campo do discurso acaba por ser diária, em parceria com o movimento negro que, no século XX, incorporou a necessidade de alfabetizar o negro, e essa alfabetização passa pela incorporação de personagens negros na escrita e na história do Brasil, assim como fala Evaristo,

Sabe-se também da luta discursiva que se tem travado nos campos da história e da literatura, amparada pelas vozes do Movimento Negro, para colocar Zumbi dos Palmares, João Cândido, Luiza Mahim e outras e outras heroínas no Panteão de heróis nacionais. Tal resistência por parte do discurso oficial em incorporar, como eventos históricos nacionais, aqueles ligados à trajetória dos africanos e de seus descendentes no Brasil (Evaristo, 2009, p. 24).

Como podemos ver, a literatura brasileira está, mesmo na contemporaneidade, repleta de escritores afro-brasileiros que, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos espaços escolares. Para Munanga (2020), isso é um dos fatores que ainda dificultam o enaltecimento de escritores negros que, mesmo produzindo, passam por uma invisibilidade social, ainda herança do racismo silencioso e escancarado presente na sociedade brasileira.

Esse cenário acaba perpassando não somente o campo do homem negro, mas também da mulher negra que acaba por ser alvo de uma intersseccionalidade que enquadra todos os fardos de ser negro e também o fardo de ser mulher numa sociedade além de racista, patriarcal. Nesse aspecto, pode-se concordar com Conceição Evaristo (2009), quando a mesma afirma dentro de seus escritos que os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua.

Tomando como exemplo, temos o livro —A cor da ternura (1994) de Gení Guimarães que pode ser lido como uma espécie de autobiografia ficcionalizada que nos conta em primeira pessoa, as vivências de sua infância, adolescência e juventude no seio de sua afetuosa família, onde viveu e cresceu num recanto rural desse imenso Brasil, menina pobre e negra em busca da construção de sua própria identidade, como podemos observar logo no início da história, em um trecho no qual a garota dialoga com sua mãe:

– Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta? – Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: – Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta... (Guimarães, 1994, p. 10)

Outro livro tido como exemplo é o —Caroço de dendêl (2008) de autoria de Beatriz Moreira da Costa, Mãe Beata de Iemanjá que traz vivências de terreiro que se transformam em temática narrativa para a autora, como podemos ver em uma de suas belas histórias,

Quando o mundo foi criado, o caroço de dendezeiro teve uma grande responsabilidade dada por Olorum, a de guardar dentro dele todos os segredos do mundo. No mundo Iorubá, guardar segredos é o maior dom que Olorum pode dar a um ser humano. É por isso que todo caroço de dendê que tem quatro furinhos é o que tem todo poder. Através de cada furo, ele vê os quatro cantos do mundo para ver como vão as coisas e comunicar a Olorum. E mais ninguém pode saber desses segredos, para não haver discórdia e desarmonia. É por meio dessa fórmula que o mundo tem seus momentos de paz. Existe também o caroço de dendê que tem três furos, mas a esse não foi dada a responsabilidade de guardar segredos. Existe uma lenda que diz que Exu, com raiva desta condição que Olorum deu ao coco de dendezeiro de quatro furos, quis criar o mesmo poder de ver tudo à sua moda, com brigas e discórdias. Ele chamou o coco de dendê de três furos e disse: - Olhe, de hoje em diante, quero que você me conte tudo o que vê. Aí o dendê lhe respondeu: - Como? Se eu só tenho três olhos e não quatro, como meu irmão a quem Olorum deu este poder? - Ousas me desobedecer, dendê? - disse Exu aborrecido. - Sim! Tu não é mais do que aquele que é responsável pela minha existência e a tua - respondeu o coco de dendê. Dizendo isto, sumiu. E Exu, desta vez, não foi feliz na sua trama (Yemonjá, 2008, p. 97).

Todas essas aspirações teóricas se fazem materializar na vivência através da escrita de Carolina Maria de Jesus que, a partir de sua condição de mulher negra e favelada, denuncia sua condição e mostra sua força e luta para manter sua dignidade e sustentar seus filhos,

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: – É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro minha pele negra, e o meu cabelo rustico [...] Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no álcool [...] Quando eu encontro algo no lixo que eu posso comer, eu como. Eu não tenho coragem de suicidar-me. E não posso morrer de fome [...] Lavei todas as roupas. Jurei nunca mais matar porco na favela. Eu estou tão nervosa que recordei o meu proverbio: não há coisa pior na vida do que a própria vida [...] Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela (JESUS, 1993, p.52-53).

Como visto na citação acima, várias discussões surgiram em torno da escrita de Carolina Maria de Jesus, marcada por sua condição de mulher negra, favelada e de pouca instrução escolar e vozes negras, de mulheres que, desde o início, estavam destinadas ao julgo da colonização, do sexismo e dos silenciamentos, como a de Carolina que ecoa através da escrita por dentro e por fora do sistema literário brasileiro, denunciando um Brasil invisível que se sustenta pelo racismo e pelo patriarcado presentes na sociedade brasileira. Como forma de por fim a esse silenciamento secular, a escritora Lorde (2020) convida a todas as mulheres negras a transformar o silêncio em linguagem, dentro das seguintes considerações,

a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de auto-revelação, e isso sempre parece estar cheio de perigos (...) Neste país em que a diferença racial cria uma constante, ainda que não seja explícita, distorção da visão, as mulheres negras temos sido visíveis por um lado, enquanto que por outro nos fizeram invisíveis pela despersonalização do racismo (...) Tivemos que lutar, e seguimos lutando, para recuperar essa visibilidade que ao mesmo tempo nos faz mais vulneráveis: a de ser Negras (...) (Lorde, 2020, p.23)

A partir desse convite, milhares de mulheres tem quebrado esse silêncio, inclusive Carolina e todas as escritoras aqui citadas. Essa luta por voz, por expressão é uma luta diária, hoje e todos os dias até que esse mal da discriminação seja totalmente extirpado da nossa sociedade (Evaristo, 2009).

2.2. A Escrita Autobiográfica: denúncias e vivências expostas

Segundo o pensamento de Bourdieu (1998, p.185) —*Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma retórica [...] uma representação comum da existência [...]*». Quando sentimos a necessidade de compartilharmos um segredo pessoal e íntimo, um dos caminhos literários mais comuns que buscamos para acalantar o nosso coração é na escrita de um diário.

Segundo Galvão (2005) o relato pessoal é um dos gêneros mais antigos, fazendo-se presente na história da humanidade desde os tempos mais remotos. Os relatos pessoais surgem com o objetivo de transmitir uma experiência vivida pelo autor, bem como suas emoções, reflexões e perspectivas, bastante utilizado para registrar momentos históricos como, por exemplo, a era das navegações, descobertas, invasões no Novo Mundo, entre diversos outros momentos foram registrados nos diários de bordo (SILVA, 2007).

Além de ser utilizado e reconhecido como fonte histórica por historiadores e cientistas do mundo inteiro, a prática da escrita em diário carrega consigo também uma popularidade, pois nela depositamos não só intimidade, mas também a confiança, o afeto, os sentimentos que sendo eles, bons ou ruins acabam preenchendo as folhas de papel em branco, principalmente a memória que costuma resgatar aquilo que por muito tempo foi esquecido ou que nem sempre são efetivamente esquecidos, pois:

[...] existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, —não ditos|. As fronteiras desses silêncios e —não ditos| com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal entendidos. (Pollak, 1989, p.06).

A partir das considerações feitas pelo autor na citação acima, o ato da escrita no diário pode-se se assemelhar a um abraço, não por carregar aquela força física braçal entre dois corpos, mas que para ele, é como se as páginas o acolhessem, proporcionando momentos de alívio, sendo visto como algo libertador e, ao mesmo tempo, terapêutico, como nos explica Cunha (1997) sobre o diálogo entre a experiência e aquilo que está sendo contado,

As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão anunciando novas possibilidades, intenções e projetos. É por isso que se pode afirmar que a escrita sobre uma realidade pode afetar esta mesma realidade, pois assim como são os pensamentos que orientam a ação racional, a narração conduzirá ao desempenho de fatos vitais. (Cunha, 1997, p.01)

Para contar histórias, antes de tudo, faz-se necessário em primeiro momento, traçar os percursos a serem percorridos. Dentro dos escritos pessoais, há uma diversidade de caminhos que podem levar uma escrita própria, ao mesmo tempo, em que estabelece ligação social com outras diversas pessoas. Segundo o pensamento de Dionísio (2013) o ato da escrita nos remete a cultura africana como um todo, pois através dela conseguimos resgatar as memórias de nossos antepassados que, por muito tempo compartilharam com seu povo através da oralidade, sendo incorporadas mais tarde na literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos, como nos afirma o autor em sua obra,

Nas culturas modernas africanas, a narrativa oral foi incorporada à literatura produzida pelos poetas, contistas e romancistas africanos comprometidos com a luta de libertação das colônias. Serviu como

palavra conscientizadora para o povo, foi arma e estratégia de luta. No Brasil, encontramos, sobretudo na voz dos afrodescendentes, uma narrativa que rememora África, denunciando a condição de vida dos afrodescendentes, e que, nas últimas décadas, apresenta-se afirmando um sentimento positivo de etnicidade (Dionísio, 2013, p. 58-59).

Dessa forma, é como a escrita registrasse e permitisse manter viva a cultura africana no mundo inteiro, afinal cada sociedade adotou seu sistema de escrita que dão, cada vez mais, continuidade as narrativas de milhares episódios históricos. Ainda segundo os estudos de Dionísio (2013) o intuito da escrita é dar continuidade a transmissão de conhecimento que antes, era feita somente através da oralidade. Por um lado, há quem utilize esse recurso para registrar acontecimentos de sua vida, narrando o lado bom da vida, por outro, as opressões sofridas pela sociedade, no entanto, é preciso compreender que:

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade. (Cunha, 1997, p.02)

Carolina, natural de Sacramento, em Minas Gerais, mulher preta, filha de uma família pobre que viveu na favela do Canindé, na cidade de São Paulo onde trabalhou como empregada doméstica e catadora de papel até voltar definitivamente para Sacramento, sua cidade natal. A escritora teve uma educação formal de apenas dois anos, tempo suficiente para se apaixonar pelos livros, pois para a escritora, a leitura era algo necessário e, que mesmo apesar de toda a dificuldade, sempre encontrava uma maneira de prosseguir com esse hábito, como nos revela um de seus relatos,

Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão (Jesus, 1993, p.10).

Além da prática de leitura que a mesma seguia, Carolina escrevia seu diário em cadernos velhos relatando seu dia a dia de sobrevivência, denunciando as perversidades da sociedade, bem como as injustiças sociais que invalidavam sua existência, violências estas que partiam até mesmo das autoridades da época que, pelo fato da mesma ler e escrever acreditavam que —ela lia somente para fazer feitiçarial.

Os registros de Carolina Maria de Jesus foram publicados, traduzidos para diversos países e que carregam o legado da escritora até os dias de hoje. Segundo Barbosa (1985) as palavras de Carolina Maria de Jesus ganharam o mundo por que narravam e narram a partir de um tom poético à realidade de muitas mulheres, principalmente por apontar as dificuldades de ser mulher, preta e mãe solteira a sociedade brasileira, ao mesmo tempo em que, descortina a cor da fome (amarela) e da discriminação (preta), assemelhando-se aos escritos de Pérez quando o mesmo afirma que sua —[...] escrita brota da solidão, do fundo desta solidão encontro pessoas, ideias e pensamentos. [...] povoada de vozes, de textos, de palavras, de encontros, histórias, acontecimentos e imagens (Pérez, 2003, p.01).

Na introdução de sua obra mais famosa intitulada Quarto de Despejo (1993) percebe-se a partir de notas introdutórias o suporte oferecido por Audálio Dantas à Carolina no que diz respeito à publicação de seus textos que, afinal segundo ele, foi o responsável pelas primeiras edições após se debruçar sobre vinte cadernos que continham o dia-a-dia de Carolina,

[...] Fui o responsável pelo que se chama edição de texto. Li todos aqueles vinte cadernos que continham o dia-a-dia de Carolina e de seus companheiros de triste viagem. A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. A fome aparece no texto com uma frequência irritante. Personagem trágica, inarredável. Tão grande e tão marcante que adquire cor na narrativa tragicamente poética de Carolina. Em sua rotineira busca da sobrevivência no lixo da cidade, ela descobriu que as coisas todas do mundo (JESUS, 1993, p.03).

Seguindo os passos de Carolina Maria de Jesus, Preta Ferreira (2020) também utilizou a escrita do diário para desabafar sobre a injustiça que sofreu no ano de 2019 e que a levou presa. Seus escritos traziam/trazem a realidade de mulheres carcerárias, afinal —[...] Os textos do “passado” também dizem o presente, não porque se encadeiem em um emaranhado de causalidades, mas porque o presente contém todo passado, já que o passado só existe enquanto discurso do presente [...] (BARBOSA, 2002, p.01), percorrendo os desafios no cumprimento de pena privativa de liberdade e finalizando com o abandono familiar, cenário que acaba piorando, cada vez mais, os efeitos da prisionização e o processo de ressocialização dessas mulheres na sociedade.

Em sua obra intitulada —Em Minha carne: diário de uma prisão pode-se acompanhar, exatamente, os 108 dias mais longos da vida de Preta ao enfrentar o sistema penitenciário feminino de Santana, também localizado na cidade de São Paulo, que quando foi presa já era cantora, compositora, atriz, produtora, publicitária e ativista. A prisão agora à torna escritora,

O processo de Preta iniciou-se com uma denúncia anônima, que a acusava, junto a mais três líderes do Movimento Sem-Teto do Centro (MSTC), de extorquir famílias moradoras das ocupações a partir de taxas condominiais. Cobranças essas que, segundo Preta, eram necessárias para a manutenção do prédio, definidas em assembleias e registradas em cartório. Preta foi presa em sua casa após um mandado de busca e apreensão no dia 24 de junho de 2019. Alguns dias depois, foi decretada sua prisão preventiva, privando-a de sua liberdade por 108 dias. Sua mãe, Carmen Silva Ferreira, líder do Movimento, também sofreu acusação criminal e esteve presa preventivamente entre agosto e outubro de 2019 (Ferreira, 2020, p. 09).

Como podemos ver, Preta é tida como uma das referências em nosso país na luta das ocupações por moradia digna, responsável por dar continuidade à construção do Movimento Sem-teto do Centro (MSTC). Através de sua obra, além de conseguirmos acompanhar sua trajetória como reeducanda naquela prisão, ficamos imersos às histórias das demais presas de Santana. Ao contrario de Carolina, os escritos de Preta são carregados de uma leitura do mundo real, afinal são gritos pela sua liberdade. Liberdade Pretas. No plural, pois,

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra, portanto tempo ensaiada e jamais dita, afagada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco (Freire, 2005, p.16-17)

De acordo com Ferreira (2020) a penitenciária trata-se de um local silenciador de corpos onde muitos pedem socorro e não são atendidos, neste caso, eram mulheres que, algumas, para não morrer tiveram que matar o companheiro, em legítima defesa, outras, por apenas conviver com seus parceiros que exercem funções de alto risco, isto é, comandam o narcotráfico em suas comunidades que por se sentirem vulneráveis e sem alternativa, acabam sendo atraídos pelo ganho financeiro fácil e rápido, chegando a relatar até mesmo em reportagens que o tráfico fora tudo aquilo que não puderam vivenciar dentro de casa.

Essas narrativas são apenas algumas dos inúmeros casos encontrados espalhados pelo Brasil, senão pelo mundo, pois muitas são as histórias de vida narradas por pessoas comuns que se sentem importantes, na verdade, elas são importantes quanto aos autores e as histórias livrescas renomadas presentes nas estantes das bibliotecas de universidades.

As confissões de Ribeiro (1997) também nos levam para o mesmo caminho de Carolina e Preta, já que nem mesmo a ditadura militar conseguiu ofuscar completamente seu

trabalho e se a continuidade democrática não tivesse sido interrompida no Brasil de 1964 e, com o trabalhismo continuando no poder Jango, o mesmo poderia ter chegado à presidência da República que, em suas obras denunciavam seu inconformismo com a realidade de um povo faminto e iletrado, oprimido por uma elite, como nota-se em seus escritos ao justificar tal feito, —[...] *Quero muito que estas minhas Confissões comovam. Para isso as escrevi, dia a dia [...] Sem nada tirar por vexame ou mesquinhez nem nada acrescentar por tolo orgulho. [...] querendo mais vida, mais amor, mais saber, mais travessuras* (Ribeiro, 1997, p.12).

Segundo os estudos de Camargo (2008) as narrativas feitas por mulheres, especificamente pretas, acabam sendo além de caráter pessoal possuem a capacidade de escovar a história a contrapelo, isto é, fazendo com que a sociedade vá descobrindo não apenas o que houve em dado momento e em um determinado lugar, mas sim como um todo, bem como o que ainda há e haverá a partir daquela produção de escritos, já que,

[...] as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados, que vamos fazendo, cada um deles e todos juntos, podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional que, embora involuntária, ou por isso mesmo, não seria menos sincera e veraz que o mais minucioso dos relatos de uma vida passada à escrita e ao papel. Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica [...] (Saramago, 2008, p.01).

Desse modo, através desses escritos autobiográficos se pode sentir a real experiência que se torna viva diante das histórias contadas pelas mãos desses escritores e, que tem resultado em um exercício que integra conhecimento, experiência e formação, apesar da resistência aos estigmas que sofrem cotidianamente por produzirem textos neste formato e ao mundo acelerado e fragmentado onde se encontram inseridos, como explica Larrosa,

Talvez [...] não sejamos outra coisa que não um modo particular de contarmos o que somos. E, para isso, para contarmos o que somos talvez não tenhamos outra possibilidade senão percorrermos de novo as ruínas de nossa biblioteca, para aí tentar recolher as palavras que falem por nós. [...] Que podemos cada um de nós fazer sem transformar nossa inquietude numa história? [...] não será talvez a forma sempre provisória e a ponto de desmoronar que damos ao trabalho infinito de distrair [...] (Larrosa, 2006, p.07).

Mediante o exposto, percebe-se que as leituras realizadas a partir desses textos faz com que as experiências ao nos marcarem profundamente, também nos forme, provocando novas elaborações.

De acordo com Larrosa (2006) não somente os comportamentos, mas os princípios e os valores acabam também se fazendo presente em nossas histórias de vida, impulsionando nossas ações até mesmo quando não nos damos conta disso. Portanto, a experiência se une a escrita como algo formador, possibilitando conhecimentos, sendo exclusivo de cada sujeito como revela Larrosa (2006) ao tratar sobre experiência,

É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos nos forma e nos transforma... Esse é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao largo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido (Larrosa, 2006, p.01)

Por fim, conclui-se que as importâncias das lembranças bem como a interpretação do passado atuam como subsídios mobilizadores de nossas eternas buscas e procuras.

2.3. O quarto de despejo: vozes a margem da sociedade

Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (Jesus, 1993, p. 07).

Ao verificarmos o significado que nos traz o termo —despejo, o dicionário on-line de Português – DICIO nos traz as seguintes considerações —*Saída obrigatória do local de residência; ação judicial que obriga alguém a sair do imóvel que alugou: ordem de despejo* (2024, p.01), além disso, o termo ainda faz referência ao que se joga ao lixo; o que não se pode mais usar; dejetos, mas para quem reside/residia na favela como Jesus (1993) significa,

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais [...] E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 1993, p.33).

Conforme a autora, o despejo para ela vem referenciar os corpos marginalizados que são tidos pela sociedade como o despejo das classes mais abastadas, abarcando a população que mora nas favelas, local onde a sociedade costuma acomodar o seu lixo. Conforme Negrão e Pinto (1990) a respeito da relação entre o lugar periférico e sua característica marginal, faz-se necessário validar diversos eixos que costumam atravessar essa relação, principalmente a estereotipação como encargo extra, já que se trata de uma questão social.

É perceptível que, por Carolina Maria de Jesus, ser uma mulher preta e periférica, o seu corpo parece não carregar apenas sua cor, mas estigmas, preconceito e diversos estereótipos. Conforme Oliveira (2003) o conceito de marginalidade passa a ganhar forma a partir do grande processo de urbanização no Brasil, mais precisamente por volta de 1950, quando ocorre uma expansão dos centros urbanos, sendo um deles a cidade de São Paulo.

Segundo os escritos de Paradiso (2010), por muito tempo, a favela do Canindé funcionou como abrigo, local de moradia para milhares de famílias de baixa renda. Em meados de 1950, o Brasil atravessava uma grande crise econômica devido ao crescimento acelerado dos centros urbanos que acabou afetando drasticamente a população, especialmente as classes mais baixas, devido ao crescimento incontrolável dos centros, restando como refúgio somente as comunidades, nomeadas como favelas segundo autor, local onde morou um dos maiores nomes da literatura nacional, Carolina Maria de Jesus.

Através de seus escritos, Carolina Maria de Jesus (1993) mostrou ao mundo um dos maiores significados, bem como sua relevância: a primeira, por ver a prática da escrita para além de uma estrutura linguística e da gramática; segundo por considerar um recurso de transformação, pois trazem consigo significados de uma vida real, desse modo, a obra intitulada —Quarto de Despejo nos leva a uma viagem para dentro do Canindé, onde a mesma nos conta em detalhes o que nenhum outro indivíduo poderia fazer tão bem, sem ao mesmo viver cotidianamente a realidade do local, como podemos ver em cada detalhe de sua obra,

— O que escreve? — Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana [...] Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro: — Olha o pão doce, que está na hora do café! Mal sabe ele que na favela é a minoria quem toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer [...] Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos (Jesus, 1993, p.197).

Conforme exposto pela citação acima, um dos pontos que levam o leitor ao se debruçar sobre os escritos de Carolina de Jesus é sua grande vontade em tornar-se escritora. O lançamento de —Quarto de Despejo no Brasil e no mundo foi um tremendo sucesso, mas que devido a uma sociedade patriarcal e o campo da literatura ser ocupado, em sua maioria, por homens, a autora não teve uma carreira longa ou uma ascensão social mesmo que sua obra seja uma das mais importantes da literatura brasileira,

As obras literárias do século XIX foram escritas, em sua maioria, por homens de classe alta, uma vez que as mulheres não possuíam acesso

à educação e, quando possuíam, esse acesso voltava-se a ensinamentos sobre a condução do lar, enquanto os homens tinham acesso ao conhecimento de diversas áreas, nos diferentes níveis de ensino. O movimento literário que predominou durante o século XVIII foi o Romantismo, dessa forma, a escrita das obras literárias desse período era voltada para temáticas relacionadas ao sentimento de patriotismo (Silva, 2022, p. 12).

A citação acima nos revela a presença exagerada do homem de classe alta nas produções literárias, fator esse que acabou sustentando, por muito tempo, um esquema de inferioridade que invalidava tudo aquilo que não viessem deles mesmo, neste caso, eram os escritos que vinham através de mulheres negras brasileiras. Na atualidade, o cenário quase ainda é o mesmo, pois temos nomes, como: Itamar Vieira Junior, Conceição Evaristo e Jeferson Tenório, premiados escritores, mas que não possuem tanta popularidade merecida como os demais, já que rompem com esse modelo social esperado.

Ademais, segundo Nascimento (2016, p. 21) sobre a escrita de si e memória, —*a literatura desse grupo social minoritário informa quem é o negro e sua história a partir de um ponto de vista destoante da concepção hegemônica*], isto é, a luta racial através da escrita surge a partir das entrelinhas da literatura negra, esses/as autores/as desenvolveram seus textos deixando transparecer um posicionamento de um sujeito étnico negro, assumindo o —eu negro brasileiro tanto no âmbito poético, quanto no narrativo, como assegura Cuti,

[...] esses autores constituíram um conjunto de textos primordiais para a assunção de uma perspectiva histórico-literária que evoluiu seus passos para a ideia de um coletivo de autores que, por mais disperso que seja, firmará a vertente negra na literatura brasileira, a literatura negro-brasileira (Cuti, 2010, p. 72).

Nos últimos anos, houve uma crescente evolução no que diz respeito a produções de escritores/as negros/as, o qual não podemos esquecer-nos de Carolina Maria de Jesus. Retomando os estudos de sua obra, sua escrita se torna única devido a inúmeros fatores: primeiro, sua história de vida, em segundo o uso de uma linguagem que rompe com a gramática tida como universal, estabelecendo o sufocamento entre a língua falada e o ensino da norma padrão e, por fim, apresenta apesar da sua condição de vulnerabilidade, uma visão de transformação, em outras palavras, de esperança.

Na verdade, o que acontece com Carolina Maria de Jesus e em outros casos não é um erro de uso da língua, é sobre uma herança ancestral que mesmo —*depois de quatro séculos de contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, esse*

processo de interação linguística [...] foi provavelmente facilitado pela proximidade relativa

da estrutura linguística do português europeu antigo e regional com as línguas negro-africanas que o mestiçaram (Castro, 2005, p. 12).

Para enriquecer ainda mais a respeito da importância e dos aspectos de construção do texto de Carolina, adicionamos o pensamento formulado por Marcuschi (2005) quando o mesmo traz para destaque que os gêneros textuais têm o papel de ações sociodiscursivas para agirem sob e sobre o mundo, assim como nos explica o autor ao mencionar como exemplo de tipos de textos: a narração, a argumentação, a exposição, a descrição e a injunção,

uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23).

Deste modo, como podemos ver a partir da explicação acima, o gênero diário se torna relevante a partir do momento em que traz à tona toda a realidade vivida não somente por Carolina, mas de todos que residiam na comunidade do Canindé-SP. A maneira como a escritora escolheu para relatar tudo o que ocorria dentro das paredes da sua casa, bem como em todo o espaço geográfico que transitava cotidianamente resulta-se, hoje, em um documento que conta a realidade não somente de mulheres brasileiras, mas do muito inteiro.

Arelados a essa escrita, encontra-se o racismo que segundo Nascimento (2019) faz-se presente constantemente em nossa língua, denominado por ele como Racismo Linguístico, não pelo fato da língua possuir uma cor, mas que muitas vezes estão localizadas numa posição racializada ao serem politizadas, como nos explica com suas próprias palavras,

[...] nenhuma língua tem cor porque nenhuma língua existe em si. Entretanto, ao serem politizadas, as línguas têm cor, gênero, etnia, orientação sexual e classe porque elas funcionam como lugares de desenhar projetos de poder, dentre os quais o próprio colonialismo fundado a partir de 1492 e a colonialidade que ainda continua entre nós como continuidade dele (Nascimento, 2019, p. 21-22).

Dentre os pontos elencados pelo autor na citação acima, há também a questão do que se conceitua por linguicídio e a escrita como um objeto de poder, no qual a língua local vai sendo apagada e/ou até mesmo substituída, segundo os apontamentos de Phillipson (1992),

O linguicismo envolve a representação da língua dominante, a qual são atribuídas características desejáveis, para fins de inclusão, e o oposto para as línguas dominadas, para fins de exclusão. A oposição binária língua/ dialeto e sua forma correspondente internacional

idioma/língua franca/ língua vernacular são exemplos característicos do discurso linguicista (Phillipson, 1992, p. 55).

O português brasileiro, segundo as explicações apresentadas acima, ao ser implementado em nosso território foi por meio da subjugação dos povos indígenas e africanos, isto é, da escravização desses povos e das suas culturas que foram retirados de seus lugares de origem e tiveram seu sangue derramado. A colonização europeia trouxe consigo a imposição de valores, práticas culturais e, principalmente de línguas que eram desconhecidas pelos povos originários que aqui habitavam.

Baseadas em referenciais ocidentais, brancos, patriarcais e cristãos, as comunidades europeias de forma perversa tentavam, a qualquer custo, apagar as línguas dos grupos dos territórios que por eles eram invadidos e dominados. Esse apagamento das línguas, conforme Caputo e Passos (2007) demonstrava o que poderia ou não ser validado nesses espaços, ou seja, toda uma cultura secular era exterminada e forjava-se, com isso, marcas de dominação e racismo. Com a invasão ao território brasileiro e toda essa imposição de costumes, os colonizadores construíram referências de línguas, produzindo estruturas hierárquicas através das línguas com o intuito de denominar aqueles que eram considerados *outros*.

De acordo com os estudos levantados por Nascimento (2019) os *outros* carregavam uma coloração de pele e um falar não europeu, marcas essas que acabam fazendo parte de um passado-presente e, que a partir da linguagem, nos racializou, materializando as formas que conhecemos nos dias atuais como racismo. A branquitude segundo Malomalo (2014) ao oprimir, além de impor o conceito de raça também acaba nomeando os *outros* como negros por não possuírem características dessa mesma branquitude. Essa marca linguística que foi nos atribuído, historicamente e socialmente, acaba nos separando dos demais, pois somos considerados outros; a linguagem nos fez outros. Afinal, as línguas apresentam as relações de poder construídas por aqueles que delas fazem uso (MARTINS, 2012).

Desse modo, a escrita para nós pretos (as) não é apenas um preenchimento do ócio, mas sim um ato político, fazendo com que sejamos protagonistas de nossas próprias histórias, pois é dentro da escrita que encontramos um espaço para nos expressarmos, contar nossas histórias que durante muitos anos foram silenciadas, portanto, escrever é sobre resistir a esse projeto perverso etnocida e genocida que é o colonial (MOORE, 2007).

A partir desse ato de obrigação e subjugação, segundo Nascimento (2019) levou também ao linguicídio dos povos colonizados, ou seja, a morte das línguas originárias, a aniquilação de seus corpos e, logo depois o surgimento do preconceito linguístico. O

preconceito linguístico segundo Abraçado (2008) manifesta-se no ato de julgar e tratar um indivíduo e/ou um grupo de forma errônea pelo jeito como fala a sua língua, bem como —[...] o julgamento depreciativo, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro [...]. O preconceito linguístico tem a ver, essencialmente, com a língua falada|| sendo impulsionada por pensamentos de que algumas maneiras de falar são melhores do que outras, considerando- as —corretas|| e outras como —erradas||, desconsiderando as diversidades, como Bagno afirma,

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática- dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, —errada|| [...] (Bagno, 2006, p.40).

Todas essas mudanças acabam promovendo não somente novas formas comunicativas, mas também as variações da linguagem que acabam sendo o reflexo da variedade social já que em todas as sociedades existem hierarquias de status e suas diferenças refletem diretamente na linguagem, como podemos ver nos estudos de Possenti,

As línguas fornecem também meios de constituição de identidade social. Por isso seria estranho, quando não ridículo, um velho falar como uma criança, uma autoridade falar como um marginal social, etc. Muitos meninos não podem usar a chamada linguagem correta na escola, sob pena de serem marcados pelos colegas, porque em nossa sociedade a correção é considerada uma marca feminina (Possenti, 1995, p.35).

Como podemos perceber nas explicações do autor, em toda comunidade linguística podemos encontrar variação, desse modo, podemos considerar que nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares. Essa variedade pode ser percebida viajando de um estado para outro ou interagindo com grupos sociais diferentes. Comum em diversos lugares, essa dinâmica também é marcada na vida de Carolina e de todas as mulheres periféricas, que tem de forma rotineira, sua legitimidade negada e ignorada pela sociedade, tida como um —português mal falado||, no qual se percebe, a todo o momento, e em cada palavra do diário de Carolina essas invalidações, tidas como rastros de todo esse aniquilamento.

Falar segundo Fanon (2008, p. 33) —é estar em condições de empregar um certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização||, desse modo, falar em português como Carolina Maria de Jesus, especialmente escrever em português é uma maneira de mostrar as heranças africanas que, por muito tempo, foram ocultadas e submersas na história da humanidade.

A intelectual e ativista Lélia Gonzalez (2019) afirma que no Brasil usamos o pretuguês, que segundo ela, nada mais é do que,

[...] a marca de africanização do português falado no Brasil [...], é facilmente constatável sobretudo no espanhol da região caribenha. O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes (como o l ou o r, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente (Gonzalez, 2019, p. 04).

Desse modo, contrastar essas línguas com a língua oficial, dominante e colonizadora torna-se ainda mais necessário, principalmente dentro dos muros acadêmicos, mostrando que existe também um saber que precisa ser legitimado, sendo a própria narrativa de Carolina Maria de Jesus que contraria a lógica hegemônica academicista, já que a mesma não precisou de regras para contar a sua própria história sobre as desigualdades sociais e o governo que acaba nos impondo até os dias contemporâneos (Couto, 2015).

A população negra e favelada, conforme Gomes (1990) por estar à margem das políticas públicas do estado acabam vivenciando cotidianamente a falta de políticas públicas que englobam os campos de saúde, educação, dentre outros. Com Carolina não foi diferente, a mesma estudou apenas até o 2º ano do Fundamental I e, por isso, não possuía domínio dos conhecimentos gramaticais e lexicais para escrever um texto que contemplasse a norma culta.

Como nos traz os escritos de Valladares (2000), a nossa escrita pode e deve carregar uma gama de diversidade que rompe a esfera tradicional de uma educação monocultural, que há muitos anos vem sendo escrita por um conhecimento branco e cis-patriarcal que tende a invalidar e, ao mesmo tempo, esconder as contribuições de outros povos que não sejam do continente europeu. Portanto, o —Quarto de despejo‖ problematiza o que foi considerado, por muito tempo, como universal, pondo fim a um pensamento alicerçado em uma única forma de compreensão de mundo, cabendo a partir de seus escritos refletir também sobre as formas coletivas trazidas pelo conhecimento africano para a sociedade brasileira. Como traz Nogueira (2014, p. 33) essa elaboração de universal foi estabelecida —[...] para a exclusão total do outro lado‖, neste caso, as contribuições africanas na formação da sociedade brasileira.

Em suma, sua obra possui grandes relevâncias sociais e educacionais, pois de acordo com Vieira (2020, p. 06), o —Quarto de Despejo‖ provoca o afroletramento da Língua Portuguesa, a fim de enegrecer a teoria do Pretuguês na sociedade brasileira através de seus relatos, que segundo ele —afrolettrar é fazer as crianças negras e pardas a terem orgulho da sua cor, do seu cabelo, do seu nariz, da sua cultura, da sua religiosidade‖, levando a

reorganização da escrita para o ensino e reconhecimento das línguas, sejam elas africanas e/ou indígenas, reforçando a contribuição desses povos na formação do território brasileiro e ao ser trabalhada em sala de aula estar em consonância com a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história africana e afro-brasileira em sala de aula.

Por fim, as criações de Carolina estão inteiramente ligadas a um projeto de transgressão histórica da colonialidade, criado com a intenção de desafiá-la, pois segundo Quijano (2005) é necessário se afastar do saber eurocêntrico para romper com a colonialidade do poder, dando voz aqueles que, por muito tempo, foram confiscados pela história.

CAPÍTULO 3: UMA QUESTÃO DE GÊNERO – A CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL

A questão de gênero tem sido amplamente aceita e debatida nas últimas décadas, ganhando destaque tanto no âmbito acadêmico quanto no social. Dessa forma, entender a construção social e cultural que envolve as questões de gênero é fundamental, tanto para promover uma sociedade mais igualitária e justa, quanto para um educar para as diversidades. Neste capítulo, serão abordados diversos aspectos dessa temática, desde a definição de gênero até as influências culturais e sociais na sua construção.

3.1. Conceituando Gênero: desemaranhando conceitos-chaves

Ser chamado de um gênero é ser dado um significante enigmático e esmagador; é também ser incitado em maneiras que permanecem em parte inconscientes. Ser designado como de um gênero é ser sujeito a certa demanda, certo impacto e sedução, e não saber inteiramente quais podem ser os termos dessa demanda (Butler, 2018, p. 123).

Nos últimos anos, houve um crescente reconhecimento no que diz respeito à diversidade de identidades de gênero, e com ela a necessidade de se educar, isto é, de buscar orientações sobre o assunto, afinal as discussões tem tomado grandes proporções na rua, no ambiente de trabalho, em programas de televisão e, principalmente em escolas e universidades. Os termos —sexo‖ e —gênero‖ são cotidianamente usados e, muitas das vezes, de maneira intercambiável, apesar de não serem sinônimos, muito menos, equivalente um ao outro, portanto, saber essa distinção é fundamental, tanto por corpos que performam um gênero e possui uma experiência de vida que acaba não se alinhando com o sexo registrado no nascimento, como pela sociedade no geral.

Segundo Louro (1997) diante de tais questionamentos e pensamentos errôneos da sociedade atual que envolvem a sexualidade e gênero, faz-se necessário, antes de tudo, tratar sobre os contextos históricos e conceitos que às definem. Conforme as definições de Mead (2003) o gênero acaba sendo algo muito mais complexo do que o sexo, segundo o autor, o mesmo refere-se a uma forma de entender, visualizar e/ou referir-se a uma organização social da relação entre os sexos, ou seja, trata-se uma construção social do sexo anatômico criado para distinguir a dimensão biológica da dimensão social, deixando em evidência que homens e mulheres são definidos como meros produtos da realidade social e não em decorrência da anatomia de seus corpos, como assegura os estudos realizados por Goldenberg,

O conceito de gênero possibilitou que se enxergassem as relações entre os sexos não como algo inscrito na eternidade de uma natureza inacessível, mas como produtos de uma construção social que é importante _desconstruir_ (Goldenberg, 1997, p.08).

Conforme vemos nos escritos realizados pelo autor acima, o gênero trata-se de uma construção social podendo ser construído e desconstruído, ou seja, podendo ser entendido como algo mutável e não limitado, com capacidade de abranger a diversidade das experiências humanas. Em síntese, trata-se de tudo aquilo que foi e/ou vem sendo definido ao longo dos anos e, que a sociedade acabou interpretando como o papel, função ou comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.

Particularmente, essas definições acabam tornando-se algo opressivo para aqueles que performam o gênero diferente do seu sexo biológico, pois além de definirem esses lugares a partir de posições de poder, acabam silenciando, calando sonhos e retirando esperanças de uma vida digna, enquanto nenhuma identidade deveria ser engessada ou rotulada.

Tratar sobre gênero, antes de tudo, é sermos automaticamente direcionados às ideias sociais e culturais do que era ou não indicado serem apropriados aos homens e às mulheres, uma construção secular e que nos remete ao movimento feminista. Segundo os estudos de Bakhtin (2003) a mulher sempre teve sua capacidade duvidada pela sociedade ao executarem suas atividades ou até mesmo de atingir, ocupar e permanecer em determinados lugares e espaços no mundo, sendo restringidas a todo o momento as atividades do cuidar, isto é, cuidar dos filhos, da casa e do companheiro.

Esse modelo trata-se de uma construção imposta pela sociedade ao longo dos anos e que se tornou culturalmente verídica e naturalizada, assimilando a imagem do homem aos dos super-heróis, forte e destemido e as mulheres como um ser frágil,

Ao longo da História da Humanidade, os homens e as mulheres ocuparam papéis distintos dentro da família e sociedade. Por vários séculos em diferentes épocas e na maioria das sociedades, as mulheres foram descartadas das decisões importantes da vida social e foram vistas, como o sexo frágil (Borges; Lapolli; Amaral, 2020, p.03).

A fragilidade como ressalta a passagem acima era expandida, segundo os autores, através da sociedade como sendo uma característica própria da mulher, sendo validada através submissão do feminino em relação ao masculino. Por muito tempo, as mulheres acabaram acreditando e naturalizando esse discurso de fragilidade, levando em consideração a submissão imposta pela sociedade.

Como se não bastasse, fatores culturais também reforçavam ainda mais esse modelo falocêntrico, onde muitas mulheres acreditavam que isso partia da —essência feminina, mas que na verdade não passava de uma visão social e cultural (Bezerra, 2017).

Por outro lado, é importante ressaltar que nem sempre foi assim, estudos realizados por Borges, Lapolli e Amaral (2020) nos revelam que as mulheres na pré-história não exerciam papéis inferiores aos homens e, que estas discussões trazem a tona o perfil da mulher na pré-história, como podemos ver a seguir de forma detalhada pelos autores,

Durante todo o período paleolítico a mulher ocupava o papel central da sociedade, os indivíduos eram caçadores-coletores e não havia necessidade de força, a cultura era cooperativa, de parceria, onde homens e mulheres conviviam harmonicamente. A divisão de trabalho entre os sexos existia, mas sem desigualdade. A mulher representava o poder de dar e nutrir, pois, nesse período o homem não conhecia sua função na procriação, o poder estava centralizado na mulher, porque acreditava-se que a reprodução era um privilégio divino (Borges; Lapolli; Amaral, 2020, p. 3-4).

Mediante as considerações realizadas pelos autores logo acima, a mulher na pré-história tinha a liberdade de reprodução, pois as relações sexuais ocorriam por motivos espontâneos e não com o objetivo de transmitir herança e poder, visto em outros períodos históricos, muito pelo contrário, as mulheres nesse período tinham a reprodução como um privilégio divino e ainda eram adoradas como divindade.

Assim, um processo de socialização se faz presente nas marcas permanentes que atribuímos às instituições existentes em nossa sociedade. Essas marcas acabam fazendo jus a situações experienciadas em nosso cotidiano, *"marcas que nos fazem lembrar, ainda hoje, dessas instituições têm a ver com as formas como construímos nossas identidades sociais, especialmente nossa identidade de gênero e sexual"* (Louro, 2000, p. 11), desse modo, para compreendermos a respeito dessas marcas que acabam criando correlações entre gênero e sexualidade, faz-se necessário ir ainda mais adiante, entendendo os papéis sociais e os comportamentos que são esperados para meninos e meninas.

Sob os escritos de Richard Miskolci (2012), a heteronormatividade nada mais é do que um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo daqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Esse marcador acaba marginalizando, ignorando e até mesmo perseguindo as orientações sexuais que divergem da heterossexual, naturalizando a heterossexualidade, culminando na construção de um estatuto da normalidade e naturalizando a heterossexualidade, como nos aponta Finco,

A concepção da fixidez das identidades de gênero confinaram a sexualidade ao desempenho de 'papéis sexuais' de homens e mulheres [meninos e meninas]. Esse pensamento culminou na construção de um estatuto da normalidade que 'naturalizou' a heterossexualidade e, em consequência, condenou a homossexualidade (assim como outras práticas sexuais não normalizadas) a existir como uma contradição a essa pretendida normalidade (Finco, 2010, p. 152).

A partir das considerações acima, vimos com nitidez que a sociedade organiza os seres humanos a partir do binômio homem/mulher e todos os corpos que fogem desse padrão dominante são excluídos, o que faz levarem, muitas das vezes, formas de serem incluídos e aceitos por esse modelo que vive a oprimir. Assim confirma o trecho abaixo:

Vivemos uma prática heterossexista baseada na identidade, o nosso meio está dividido entre o masculino e o feminino. O homem afeminado, a mulher masculinizada, e todos os que não se conformam frente aos valores fixos que nos são impostos procuram encontrar maneiras de serem aceitos (Neto, 2015, p.31).

O mais preocupante diante das explicações realizadas pelo autor é, que a partir desse modelo acabam surgindo brechas para atitudes discriminatórias e negativas com os corpos masculinos e femininos, pois a sociedade reproduz desigualdades e naturaliza os papéis de gênero, ao mesmo tempo em que atribui determinadas atividades como sendo únicas do homem e/ou da mulher e acabam gerando reforços nas barreiras que os separam.

Supomos que sobreviver em sociedade como mulher, preta, lésbica e gorda deve ser um desafio diário e, que muitas delas não conseguem fugir, sendo a todo o momento julgadas e rejeitadas, como bem salienta o trecho a seguir,

As mulheres [...] que destoam deste modelo são passíveis de julgamento, rejeição, críticas e propícias à marginalização, podendo desencadear aspectos como baixa autoestima [...] (Carniel; Diercks; Jung, 2023, p. 02).

Como se observa nos apontamentos acima, a heteronormatividade acaba impactando de forma intensa na vida das mulheres, principalmente, as de corpos pretos e lésbicos, colocando-as em uma série de narrativas que não são suas, como é o caso da branquitude e da heterossexualidade. Conforme Bento (2008) vivemos em uma sociedade androcêntrica, isto é, que levam em consideração o homem como foco e análise do todo, deste modo, na medida em que consideramos as experiências masculinas como a norma universal, o masculino acaba sendo considerado a medida de tudo e todos, desvalorizando —*tudo que seja codificado como*

„feminino”, paradigmaticamente - mas não somente - mulheres (FRASER, 2002, p. 64).

Antes mesmo de a teoria feminista redefinir o termo —patriarcado, o mesmo era utilizado para nomear o governo dos patriarcas, cuja autoridade derivava de sua sabedoria. Somente a partir do século XIX, com o desenvolvimento e a ascensão de teorias que explicavam a hegemonia masculina na sociedade, passou-se a utilizar o termo em seu sentido crítico, já que se tratava de um sistema social estruturado e baseado em uma cultura que favorecia os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual, desfrutando de uma posição de privilégio, de poder social, econômico e político, sendo definido como:

Forma de organização política, econômica, religiosa, social baseada na ideia de autoridade e liderança do homem, no qual se dá o predomínio dos homens sobre as mulheres; do marido sobre as esposas, do pai sobre a mãe, dos velhos sobre os jovens, e da linhagem paterna sobre a materna. O patriarcado surgiu da tomada de poder histórico por parte dos homens que se apropriaram da sexualidade e reprodução das mulheres e seus produtos: os filhos, criando ao mesmo tempo uma ordem simbólica por meio dos mitos e da religião que o perpetuam como única estrutura possível (Reguant, 2011, p.17).

Cabe destacar a partir dessas considerações que o patriarcado surge como um sistema político, mas que logo se estende sobre as famílias, às relações sexuais, trabalhistas e demais esferas, ponto primordial para que, mulheres do ocidente tomassem consciência de que não se tratava de um problema individual, mas sim, de algo coletivo que era comum a todas elas, frutos de um sistema opressor.

Essa virada de chave foi fator determinante para o questionamento sobre a violência de gênero, pois, por muito tempo as mulheres acreditaram que a culpa da violência que sofriam eram delas mesmas. De acordo com Oliveira e Ferreira (2013) milhões de mulheres pensavam que sofrer violência era algo normal até o ponto de virem à tona por movimentos feministas e serem tratada com a visibilidade e importância necessária. De forma alguma a existência do patriarcado significa que mulheres não possuam nenhum tipo de poder ou que sejam privadas de algum direito, entretanto, não podemos fechar os olhos diante das conquistas políticas nesse sistema, mesmo que sejam —vitórias paradoxais, isso porque,

[...] nas sociedades ocidentais contemporâneas, as mulheres conseguiram o direito à educação e ao trabalho remunerado, mas a maioria daquelas que trabalham fora de casa, tanto as assalariadas quanto as autônomas, continua encarregada do trabalho doméstico e do cuidado com os filhos. É a dupla jornada ou a dupla presença. Mesmo aquelas que conseguem delegar essa tarefa também o fazem sobre outras mulheres mais pobres ou mais velhas: as empregadas domésticas e as avós (Garcia, 2011, p. 20).

Entende-se a partir desta citação que, as maneiras como o patriarcado se manifesta variam de acordo com a sociedade e momento histórico, por exemplo, em um país como o Egito onde as mulheres devem tolerar a violência para manter a família unida ou como na Arábia Saudita onde as mulheres não possuem nenhum direito fundamental, suas realidades são diametralmente oposta a das americanas e/ou das europeias, porém, na América e na Europa o patriarcado utiliza outros instrumentos para manter os papéis sexuais, a violência de gênero e, principalmente os estereótipos, frutos de um processo histórico, possuindo base nas categorias que atravessam o gênero, classe, raça e suas relações com o poder.

Arelado a essa construção social que é o gênero, existem os estereótipos que, de acordo com Dias e Menezes (2017) define o mesmo como uma opinião e/ou preconceito generalizado no que diz respeito aos atributos ou características que homens e mulheres recebem socialmente, bem como as funções sociais que ambos desempenham ou deveriam desempenhar. Os estereótipos são criados a partir de expectativas construídas sobre como homens e mulheres devem se comunicar, vestir e, principalmente, de se comportar perante a sociedade, como vemos a partir das exposições de Garangnani,

São populares as expressões e os pensamentos que partem do que se concebe como feminino e como masculino para explicar comportamentos e torná-los piada. Quando associamos um comportamento específico a um grupo de pessoas só porque são mulheres, homens, meninos ou meninas, estamos reproduzindo estereótipos de gênero. Em outras palavras, estamos pensando que as diferenças biológicas entre pessoas do sexo feminino e do sexo masculino explicam e justificam diferenças de comportamento na sociedade. Toda vez que uma pessoa diz —isso é coisa de meninal, —mulher é assim! ou —homem não faz isso!, não está apenas justificando comportamentos a partir da diferença entre sexos, mas também ensinando como ela e toda a sociedade esperam homens, mulheres, meninas e meninos se comportem e limitando suas possibilidades de existir no mundo (Oliveira, 2016, p.10).

Como podemos observar, essas expectativas são prescrições sociais sobre o que é ser mulher e o que é ser homem, ambas fundamentadas em generalizações simplistas da e exageradas da sociedade burguês-moderna com a alta capacidade de marcar profundamente a vida de qualquer ser humano, limitando-os em suas atividades e reforçando as desigualdades de gênero, já que —*questionam a ideia de „natureza“ feminina (e masculina) e reforçam a concepção de que as características atribuídas à mulher (e ao homem) são, na verdade, socialmente construídas*! (Goldenberg, 1997, p.15).

Esta imposição que dita o que é ser mulher e o que é ser homem nos encaminha para o que o que Simone de Beauvoir (1980, p.11) concluiu que, segundo ela —*ninguém*

nasce

mulher: torna-se mulher trazendo a ideia de que a natureza não é responsável por determinar o ser mulher, mas sua vivência em sociedade que envolve uma tríade de fatores, são eles: sociais, culturais e emocionais, moldando a todo o tempo a identidade feminina. Portanto, entende-se a partir de Beauvoir (1980) que,

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (Beauvoir, 1980, p. 11).

Neste contexto, as definições e características atribuídas aos corpos femininos são dadas a partir da oposição ao masculino, acarretando em cenários preocupantes já que tais estereótipos acabam configurando os corpos para agirem e se comportarem de acordo com o sexo biológico, como vemos a seguir,

Durante a gravidez, as expectativas do que é ser menina e menino já existem e são manifestadas. Após o nascimento, essas expectativas vão se configurando em uma educação baseada nas diferenças e desigualdades. As crianças são educadas para desempenhar papéis em conformidade com gênero ao qual pertencem, identificando e reproduzindo as diferenças sociais entre o feminino e o masculino; a educação marcada pelos estereótipos sexuais (Reis; Maia, 2009, p.140).

Comungando com o pensamento de ambas as autoras, conclui-se que a construção dos estereótipos é criada muito antes do nascimento do indivíduo, ou seja, ainda no período de gestação a sociedade acaba depositando expectativas sobre os corpos ainda em formação, pensamentos que antecedem a realização do exame de sexagem fetal ou até mesmo do chá revelação como a sociedade burguês-moderna tem organizado para anunciar o sexo do bebê, como nos explica Bento (2008) em seus estudos,

Antes de nascer o corpo já está inscrito em um campo discursivo determinado. Ainda quando se é uma —promessa, um devir, há um conjunto de expectativas estruturadas em uma complexa rede de pressuposições sobre comportamentos (Bento, 2008, p.02).

As meninas são cobradas a gostar de rosa, brincarem com bonecas e serem comportadas; aos meninos que sejam forte e destemido, afinal acreditam que —homem não chora e, que de uma forma ou outra, ambos tentarão seguir aquilo, de fato esperado para eles, como descreve Guacira Lopes Louro em —Gênero, Sexualidade e Educação,

Nos processos sociais do cotidiano, são naturalmente atribuídos às mulheres os gestos delicados, a forma de sentar, a graça, o pudor, o trato com as crianças e com os assuntos domésticos, a afetividade, a timidez, por exemplo; em contrapartida, aos homens cabem os gestos e a fala fortes [...] e a proibição de chorar. Na escola, também podemos ver atuando alguns desses elementos sociais, por exemplo, [...] as atividades físicas [...] são separadas por sexo [...]. Ao mesmo tempo, também, funcionam mecanismos que regulam as preferências sexuais, ou seja, os meninos e as meninas só são autorizados/as a estabelecer relações de amizade - brincadeiras - com o mesmo sexo; no entanto, relações de afeto - carinho, abraços - são desautorizadas (Louro, 1997, p. 56).

Acerca de tais considerações feitas por Louro (1997), mostra que os comportamentos de meninas e meninos não estão mais interligados a características oriundas do corpo biológico, mas de construções sociais e históricas, tendo em vista que conforme (LOURO, 1997, p.09) —*a inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura*||, portanto, não se pode mais compreender as diferenças entre o masculino e o feminino a partir de fundamentos rasos e fincados no determinismo biológico (miskolci, 2012).

O conjunto de todos esses fatores acabou também influenciando na divisão sexual do trabalho, tendo como princípio a hierarquização em que o trabalho do homem é mais valorizado que o da mulher, resultantes de pesquisas realizadas na época no campo da medicina e biologia que atestavam a presença de duas categorias humanas específicas e distintas ao masculino e o feminino —*aos homens o cérebro, a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão; às mulheres, o coração a sensibilidade, os sentimentos*|| (Perrot, 1992 p.177), devido a esses estudos realizados, culturalmente a mulher foi e ainda é considerada, em muitas sociedades, como um ser desqualificado para determinadas tarefas.

Até os dias de hoje, mesmo após diversas transformações e conquistas da luta feminina, a mulher é vista como sendo a única responsável pelo cuidar, por isso, muitas das vezes, acabam buscando atuação na área da educação ou saúde; já os homens são instruídos a trabalharem fora do lar, modelo de família nuclear estabelecido desde os primórdios da educação familiar e que se cristalizou no âmbito dessa sociabilidade moderna, depositando as responsabilidades do cuidar sobre as mulheres desde que estas ainda eram crianças e que seguem a risca o modelo até sua vida adulta,

As crianças são levadas a se identificarem com modelos do que é feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes e as atribuições femininas não são apenas diferentes, mas também desvalorizadas, onde a mulher vive em condições de inferioridade e subordinação em relação aos homens. As

desigualdades entre homens e mulheres são construídas pela sociedade e não pela diferença biológica entre os sexos (Faria; Nobre, 2007, p.10).

Conforme observamos acima, esses sistemas de gênero – masculino e feminino – acabam operando, de forma significativa, nas relações sociais de poder entre homens e mulheres, acarretando em uma hierarquização em diferentes contextos sociais que favorece o masculino e coloca como inferior, o feminino. Cotidianamente somos acostumados a ouvir que as mulheres são mais sensíveis e menos capazes para a liderança, segundo autores,

Grande parte dos postos de direção são ocupados por homens (como no próprio sistema escolar). Significativas diferenças salariais entre homens e mulheres. Maior concentração de homens em áreas como engenharia, informática, enquanto as mulheres se concentram em atividades de ensino e cuidado. No entanto, se observarmos com atenção, veremos que a distribuição de homens e mulheres no mercado de trabalho e as desigualdades decorrentes podem ser socialmente compreendidas e atribuídas às assimetrias de gênero (Heilborn; Araújo; Barreto, 2009, p.39).

A partir destas definições apresentadas pelos autores, conscientemente e inconscientemente elas acabam levando a sociedade ao que conhecemos como sexismo, rotulando-nos o tempo inteiro para que possamos nos encaixar em um modelo binário, ou seja, homem e mulher, e seus respectivos comportamentos. Segundo Smigay,

o sexismo seria a discriminação em relação às pessoas do outro sexo, notadamente do outro gênero social, legitimando a violência contra as mulheres e todos aqueles que, em determinadas circunstâncias, são reconhecidos como tendo uma posição feminilizada (Smigay, 2002, p. 35).

O sexismo se manifesta de forma articulada, criando a ideia de que as diferenças entre os sexos é algo natural, como nos revela Louro (1997, p. 67) afirmando que —o processo de *„fabricação“ dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível*], portanto, como o mesmo é construído e, ao mesmo tempo, difundido no modelo de sociedade patriarcal, o sexismo de encontra em diversas culturas e nos mais grupos sociais, adentrando a locais, como: igreja, escola, empresa, entre outras.

Nas escolas, as mesmas podem promover em seu terreiro práticas sexistas, como: separar filas, atividades em grupos divididas por gênero ou até mesmo exigir determinados comportamentos também baseados no gênero, como vemos no relato Santos (2019) ao narrar suas experiência enquanto homem gay em seu tempo de escola,

[...] podemos constatar algumas situações marcadas pela divisão social dos gêneros. Tais, como: a divisão de brinquedos, o uso diferenciado dos uniformes, isto, é as meninas usavam short-saia e camiseta e os meninos calça cumprida ou short, havia fila separada para menino e menina, nos jogos recreativos só eram permitidos que os meninos jogassem bola, xadrez e pião; já as meninas podiam brincar de —queimada ou carimbal e elástico. Nas atividades em sala de aula havia separação dos brinquedos. Isto é os brinquedos tidos de meninos ficavam em um canto da sala e os ditos de meninas ficavam no outro canto. Caso uma menina fosse pegar uma bola, esta era repreendida pela professora. O mesmo ocorria com os meninos. (Santos, 2019, p.14).

A escola segundo os estudos trazidos por Amorim (2013) foi criada para ser um espaço acolhedor, entretanto, em certa medida, ocorre-se o inverso, pois há diversas pesquisas que também denunciam essas práticas desrespeitosas praticadas contra os corpos que se encontram fora dos padrões hegemônicos, sendo vista não somente por Santos (2019), mas para outros corpos que desejam viver sua identidade e/ou sexualidade oposta ao padrão normativo, como também no caso de Lima (2023) que recorda as violências sofridas em seu tempo de escola ao apresentar um trabalho em sua primeira graduação,

O meu impulso de pesquisar, especificamente em contexto escolar a partir das realidades de estudantes trans e travestis, surgiu na graduação no curso de Humanidades no semestre 2017.2 durante a disciplina obrigatória do curso de pedagogia, mas optativa para outros cursos, Educação, Gênero e Sexualidade nos países da Integração ministrada pela professora Jacqueline Costa por quem tenho muito apreço. Entre a bibliografia da disciplina teríamos que estudar a tese de 2012 da professora Luma Andrade, intitulada Travestis na Escola Resistência à Ordem Normativa. Me recordo que minha dupla era composta por mim e Nairóbi e ficamos responsáveis de apresentar Bela, Linda e Fran do trabalho de investigação de Luma Andrade (2012), que para nós, travestis, nos atravessa de uma forma diferente. Eu li pela primeira vez a tese de Luma nessa disciplina para a exposição do trabalho para a turma. (Lima, 2023, p.08).

Sobre esses relatos, Guacira Lopes Louro (2000) nos diz que,

A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém —assuma sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo sexual e que esse tipo — inato a todos — deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. (Louro, 2000, p. 30).

Assim, conforme os apontamentos realizados pela autora acima, que afirma que a escola não se encontra apropriada para esses corpos que divergem do padrão normativo de

gênero e sexualidade, complemento reforçando que a mesma também não estar para mulheres, pretos/as e, muito menos para aqueles que praticam as religiões de matrizes africanas, pois conforme Fernandes (2005, p. 380), —*a escola brasileira parece não ter aprendido, ainda, a conviver com a formação cultural multirracial e pluriétnica [...]*».

Apesar dos desafios enfrentados ao longo dos séculos, muitos avanços foram alcançados na busca pela equidade de gênero. De acordo com Farenza e Luce (2014) o surgimento de políticas públicas, leis e campanhas contribuíram para a desconstrução de estereótipos e para a promoção da igualdade entre homens e mulheres, fazendo com que muitas se sintam a vontade em se desvincular da sombra masculina, conforme Souza explica,

É inevitável que as mulheres sintam cada vez mais a necessidade de uma identidade social que não seja exclusivamente definida a partir do papel econômico do homem. As mulheres, menos presas ao lar devido à maior facilidade de desempenho das tarefas domésticas e maternidades menos frequentes, e, por outro lado, mais instruídas e preparadas naturalmente desejam utilizar suas capacidades, seus conhecimentos e sua competência para assegurar a sua própria independência e participar de modo mais completo e influente na vida da sociedade (Souza, 2005, p.72)

Desse modo, essa necessidade descrita pelo autor sobre as mulheres nos últimos anos, tem levado a resultados consideravelmente positivos, como, por exemplo, a inclusão de mulheres em posições de poder e liderança, a valorização do trabalho doméstico e de cuidados, bem como a luta contra a violência de gênero, todos fazem parte de um conjunto de avanços concretos na direção de uma sociedade mais igualitária.

Segundo Conceição e Calixto (2018), as mulheres vêm lutando por uma sociedade comprometida com mais equidade, ainda por cima, que trate as diversidades como um fundamento basilar, além de buscar uma educação livre de rótulos, contemplando todos aqueles que estão à margem dos padrões normativos, os chamados dissidentes.

3.2. História das mulheres: e pode uma subalterna falar?

De acordo com Abrano (2010) a história, como disciplina científica, tem sido desde os tempos mais remotos, dominada por homens brancos e heterossexuais. Desde os primeiros estudos históricos, mulheres do mundo inteiro têm sido silenciadas, excluídas e invisibilizadas de forma perversa, tendo suas narrativas invalidadas diante da imagem e discursos realizados por homens que ditam uma história única e se autodeclaram heróis.

Por muito tempo, as mulheres foram impedidas de participar ativamente dos escritos

históricos, sendo relegadas a papéis secundários, aparecendo somente como assistentes ou catalogadoras e, muitas das vezes, nem isso. Suas contribuições eram ignoradas, enquanto os homens recebiam o título de intelectuais e os créditos de reconhecimento, como se o mundo fosse pensado e realizado apenas por eles, como nos diz Corrent,

[...] ao longo do tempo e na historiografia oficial, as mulheres viram suas histórias dissolvidas na historiografia escrita por homens. Ademais, pode-se constatar que em preponderância, a história de mulheres fora silenciada e esquecida por cientistas das ciências humanas e artistas, fator que evidencia que grande parcela da humanidade parece furtar-se ao exame e, a história tem grandes dificuldades em erigir essa multidão em objeto histórico (Corrent, 2022, p. 325).

Diante das pequenas considerações realizadas pelo autor, já se notava os desdobramentos que levavam o percurso das mulheres na história, revelando ser escritas por homens de forma que reafirmava constantemente sua submissão à hegemonia masculina. Comungando com o pensamento do autor, Guacira Lopes Louro (1997, p.17) em sua obra explica que essa condição emana de diversos fatores, tendo como principal —*a segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência*».

Paralelo a isso, o historiador Tedeschi (2014) também traz suas contribuições a respeito do silenciamento da mulher na história, tendo como fator determinante o patriarcalismo, nos lembrando que —*a historiografia oficial atuou como uma eficaz ferramenta de dominação e de justificação das estruturas existentes, baseadas em uma ideologia posta a serviço do patriarcado*» (Tedeschi, 2014, p. 23-24).

Em síntese, não se trata de apenas um fator que ocasionou esse apagamento, mas um conjunto deles e, que embora a desigualdade de gênero ainda ocorra, vemos que na atualidade inúmeras mulheres romperam com estes modelos e foram em busca de sua emancipação.

Chegando ao Brasil, a história de mulheres negras segundo os estudos realizados por Salvatici (2005) se dar a partir da metade do século XVI, especificamente, em 1550 com o período de colonização. Nesta época, as terras tupiniquins estavam sendo invadidas pelos europeus que, logo transformaria toda aquela circunferência de terra em palco de grandes atrocidades, dando surgimento a uma colônia com o intuito de desenvolver lucros e suprir as necessidades do homem branco no Velho e Novo Mundo.

Trazidas na condição de escravizadas, as mulheres africanas atravessavam o atlântico dentro de pequenas embarcações que duravam meses em alto mar, sendo submetidas a

inúmeras violências que iam desde as físicas até as psicológicas. Durante todo o percurso, conforme nos traz os estudos de Smith (2003) essas mulheres ficavam sem ver a luz do dia, não se alimentavam de forma adequada e chegavam ao Novo Mundo, muitas das vezes, sem vida, pois morriam de desnutrição, em outros casos, por estupros e falta de higiene, pois enjoavam e o chão dos porões acabava forrado com dejetos, exalando um fedor insuportável.

As que conseguiam desembarcar eram obrigadas a trabalhar longas jornadas em lavouras, cafezal e na cozinha de seus senhores. De acordo com Mott (1988) havia uma distinção nos valores proporcionados entre o trabalho do homem negro e da mulher negra no sistema colonial, por um lado, o trabalho masculino era mais valorizado por realizarem trabalhos braçais e garantir maior produção, colocando a mulher em um status de —menos valiosa, mas que por outro lado, já no mercado a mulher se tornava mais —cara por contemplar mão de obra barata ainda era reprodutora, pois ao engravidar daria origem a mais um escravizado, ou seja, gerando mais lucro aos seus senhores.

A jornada de trabalho enfrentada pelas mulheres era árdua, tendo seu sofrimento ainda mais estendido ao casar, pois tinham que desempenhar seu papel como esposa que durante o dia enfrentava o regime escravo e a noite era submetida aos serviços domésticos, assim como não podemos deixar de esquecer a respeito das atividades de cultivo de subsistência dos que viviam sob o sistema de compadrio e, mesmo assim, eram tidas como inferiores ao homem.

Foram inúmeros os processos de desumanização pelo qual a mulher negra sofreu desde sua saída forçada do continente africano, a tortura sofrida atravessando o transatlântico e, mesmo assim não impactaram na sua forma de tratamento, seus corpos eram identificados apenas como corpos, objetificando suas existências como nos detalha Carneiro (1995) a respeito do estupro colonial,

No Brasil, o estupro colonial perpetrado pelos senhores brancos portugueses, sobre negras e indígenas, está na origem de todas as construções sobre a identidade nacional e das hierárquicas de gênero e raça em nossa sociedade [...]. Portanto, no caso brasileiro, o discurso sobre identidade nacional possui esta dimensão escondida de gênero e raça. A teoria da superioridade racial teve na subordinação feminina seu elemento complementar. (Carneiro, 1995, p. 153-154).

Como se percebe na citação apresentada pela autora, o maior desafio da mulher preta era sobreviver diante do que lhes eram imposto. A quem suportava essas práticas de crueldade restava somente à resistência, como nos descreve Dias (2012) em sua obra:

Seguir vivendo em ambiente tão hostil exigiu força, inteligência,

capacidade de adaptação e, sempre que possível rebeldia. É como se, a todo o momento, fosse preciso inventar formas de não morrer, não adoecer e não enlouquecer enquanto serviam a seus senhores (Dias, 2012, p. 360).

Considerada uma eternidade para aqueles que atravessaram os séculos de escravidão na condição de escravizado, foram 400 anos sonhando com a liberdade e, somente com a abolição em 1888 a legitimidade do período escravocrata foi quebrado. Conforme Bairros (1995) foram muitos os obstáculos enfrentados pela mulher preta e, mesmo após um período de perversidades, a mesma ainda se encontrava em situação de desvantagem a mulher branca que, por um lado, além de ser invalidada por ser mulher ainda tinham seus recursos negados.

A população negra pós-abolição teve que passar por um processo de integração social, afinal durante 400 anos suas existências foram negadas, eram como se não existissem para a sociedade, como nos revela Nunes,

[...] a luta dos negros por um espaço naquela sociedade era desumana; estavam sozinhos —abandonados à própria sorte. O Estado, por sua vez, não propôs nenhum plano de assistência que visasse à inclusão dos ex-cativos na nascente sociedade de classes. Eles precisavam competir com a quantidade de libertos existente, com o —inimigo! imigrante mais bem estruturado, contra o preconceito que decaía sobre seus ombros pela sua recente história de escravidão e, principalmente, pelo seu habitus (no sentido bourdieusiano), mediante a socialização, a que fora submetido (Nunes, 2008, p. 250).

E, por conta desse contexto apresentado pela autora, à imagem que se tinha do povo negro naquela época dificultou ainda mais o processo de integração, como detalha Fernandes (1978) em sua obra intitulada —A integração do negro na sociedade de classes!,

Como ex-agentes do trabalho escravo e do tipo de trabalho manual-livre que se praticava nas sociedades de castas, o negro e o mulato ingressaram nesse processo com desvantagens insuperáveis. As consequências sociopáticas da desorganização social imperante no —meio negro! ou da integração deficiente à vida urbana concorreram para agravar o peso destrutivo dessas desvantagens, aniquilando ou corroendo até as disposições individuais mais sólidas e honestas de projetar o —homem de cor! no aproveitamento das oportunidades em questão. (Fernandes, 1978, p.301)

Diante dessa exclusão social encontrada nas palavras do autor, surgiam-se classificações para novamente inferiorizar os corpos pretos, eram eles: classe, raça e gênero. Após a abolição, o desenvolvimento do país ocorreu de forma acelerada, porém, de forma desigual e, que apesar desse crescimento, muitos foram os sistemas que permaneceram sendo

administrados por pensamentos do antigo regime, mantendo seu espaço de poder.

O crescimento acelerado das sociedades mais uma vez deixou o homem/mulher negro (a) em desvantagem, pois tiveram seus processos educativos negados, fator primordial na integração do homem em espaços sociais, acarretando em atrasos no que diz respeito a suas conquistas nas esferas sociais,

[...] os negros e mulatos sofreram a falta de escolarização. As crianças não eram colocadas na escola por vários motivos, inclusive, com o intuito de que esses não viessem a se desapontar no futuro quando percebessem que seus sonhos tinham limites e apostar muito alto além de suas possibilidades reais era perda de tempo (Nunes, 2008, p.253).

Diante dessa citação, vimos que, de fato, não houve uma integração do/a negro (a) na sociedade, e como liberto/a, os/as mesmos/as não estavam consciente de como agir e formar um querer coletivo, vendo sua forma cultural ser silenciada e pervertida pelo homem branco, não sobrando forças para proteger-se, o que nos leva a ir de encontro ao pensamento de Fernandes (1978, p. 222) ao refletir sobre esse esgotamento sentido pelo/a negro/a após a abolição —*o que há de ruim com os fracos é que eles não possuem força suficiente para se unirem, com o objetivo de combater as razões de sua fraqueza*ll.

Muitas foram às formas de exclusão da mulher negra na sociedade, tornando-as incapazes de serem reconhecidas à condição plena de mulher, o que provocava uma formação da hierarquia, na qual o homem branco se situava no topo e a mulher negra na base, como vemos a seguir,

Por não serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supracitada branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. (...) Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o —outroll do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o —outroll do outro (Kilomba, 2019, p. 38).

Como observado na citação acima, o racismo tomou espaço, apresentando diversos obstáculos para a sua inclusão. Quando nos referimos ao campo da educação, esse processo foi ainda mais extenso, pois ao levarmos em conta uma sociedade pós-liberta os sujeitos passam a ser caracterizados conforme seu status econômico e racial, características essas que

se faziam, cada vez mais, distante da realidade social da mulher negra.

Segundo Perrot (2007, p.29) a educação sempre foi à chave para libertação, conforme o mesmo —*a leitura abre as portas perigosas do imaginário*||, porém a população negra, especificamente, a mulher, entre outros grupos minoritários tiveram grandes dificuldades para ter acesso à educação mesmo pós-abolição. De acordo com os estudos realizados por Lima (2017) entre os séculos XV e XVIII, a educação era algo negado aos escravizados e, mesmo após a abolição, foram inúmeros os desafios para ocupar espaços nas instituições educacionais por conta do preconceito racial, conforme nos revela em seus escritos,

A primeira contribuição refere-se à denúncia de que a escola reproduz o racismo presente na sociedade. A segunda contribuição do povo negro para o pensamento educacional brasileiro, refere-se à ênfase no processo de resistência negra. A terceira contribuição refere-se à centralidade da cultura. [...] A quarta contribuição diz respeito à existência de diferentes identidades, discutindo o caráter homogeneizador da escola brasileira. (Lima, 2017, p. 38-39).

A partir destas considerações realizadas pelo autor, percebe-se a existência de uma escola que não leva em conta as diversidades presentes em seus espaços, homogeneizando as identidades de seus alunos e levando ao apagamento das diferenças culturais consideradas —valiosas|| para a valorização do povo negro na sociedade brasileira. No que diz respeito as contribuições dos povos africanos para educação, Lima (2017, p. 38) ainda reforça em seus escritos que —*os negros trouxeram para a escola a reflexão de que além de sermos seres cognitivos, somos seres culturais*||, quebrando a ideia de que o povo negro era incapaz de avanços intelectuais, descritos por Davis (2016) ao tratar sobre essa ideologia dominante,

De acordo com a ideologia dominante o povo negro era alegadamente incapaz de avanços intelectuais. Afinal de contas, tinham sido um bem móvel naturalmente inferior comparado com os epítomes (todas as coisas dos) brancos da espécie humana. Mas se eles fossem realmente biologicamente inferiores, eles não teriam manifestado nem o desejo, nem a capacidade de adquirir conhecimento. Aliás, nenhuma proibição de adquirir conhecimento teria sido necessária. Na realidade, e obviamente, que o povo negro sempre demonstrou uma impaciência furiosa no respeito pela aquisição de educação (Davis, 2016, p.77).

Conforme nos mostra a citação, foram anos na luta pelo acesso à educação, mas que conseguiram obtê-lo. A conquista de novos direitos davam brechas para o surgimento de novos problemas, o que não demorou muito para aparecer e, logo se viram ser desafiados em permanecerem no chão da escola e de terem uma educação de qualidade, pois não bastava

somente o acesso à escola, a mesma deveria carregar consigo um sentido de transformação, pois —*enquanto a escola [...] realizar equívocos e distorções históricas, veicular a falsa imagem do negro como amorfo e indolente, estará contribuindo para a reprodução do racismo* (Lima, 2017, p.38) nada adiantaria.

O primeiro acesso a processos educativos da mulher negra conforme os estudos de Soares (2016) ocorreu por meio de diversos letramentos sociais, isto é, por meio de práticas desenvolvidas entre os séculos XVIII e XIX. Esses conhecimentos eram compartilhados, muitas das vezes, por seus preceptores ou em grupos para que futuramente viesse ocorrer sua socialização com os demais membros da sociedade, bem como seu desenvolvimento profissional como nos relata o autor em sua obra,

Por muito tempo, a historiografia da educação se limitava a informar que escravizados não podiam frequentar escola e dava ênfase à educação popular na Primeira República. No entanto, as mudanças historiográficas sobre a escravidão permitiram que se vislumbresse a participação de escravizados no mundo letrado, seja em suas atividades de trabalho, práticas religiosas e em ações de resistências [grifo nosso]. Entretanto, isso não significou estudar os processos de educação de africanos e afrodescendentes (Soares, 2016, p.308).

Como vemos, as práticas de alfabetização da mulher negra foram desenvolvidas através da parceria entre associações beneficentes e centros recreativos com o objetivo de fornecer sua inclusão social, já que o Estado nada fazia, deixando à comunidade negra a margem da sociedade, contando apenas com o suporte dos movimentos e associações que se sensibilizaram e apoiavam as causas raciais do período pós-abolição.

As mulheres que conseguiam frequentar a escola lidavam com a exclusão cotidiana, pois a sala de aula eram zonas de opressão, já que eram ocupados por pessoas brancas e homens de classe. O marcador de classe, de acordo com Fernandes (1978) também fazia com que a permanência dessas mulheres negras na escola se tornasse ainda mais desfavorável.

Nesse contexto, conforme Souza e Naiff (2023) as mulheres negras eram obrigadas a iniciarem suas atividades laborais muito cedo para complementar à renda do companheiro, deixando seus estudos em segundo plano. Pensar a respeito do percurso de mulheres negras na educação é um exercício desafiador, pois segundo eles,

Na história da educação, houve privilégio de atendimento primeiro para os ricos, visto que, em tempos passados a classe pobre tinha pouco ou nenhum acesso a escolarização. Depois para os estrangeiros que fizeram parte da implantação da ideia de construção da nação brasileira, marcadas no primeiro e segundo período imperial, sendo

mais consistente no segundo período, no qual a Educação se constituiu em elemento de modernização do país. Pobres, negros, indígenas eram esquecidos, deixados à margem do cenário educacional (Souza. Naiff, 2023, p.03).

Como se percebe na citação trazida pelos autores, o fator raça acabava entrando como forma de exclusão dentro dos espaços escolares, fazendo com que esses corpos que fugiam do modelo hegemônico sofressem com preconceitos por parte dos estudantes ou até mesmo dos docentes e servidores no geral. Esses marcadores acabaram fazendo com que a disparidade de gênero e raça se mantivesse nas esferas sociais.

De acordo com Sovik (2009) em meados do final do século XX para o início do XXI, a mulher negra já se encontrava permanente nos espaços escolares, apesar de ainda terem sua permanência ameaçada até os dias de hoje acabaram sendo silenciadas, pois o conhecimento produzido pelas mesmas não eram validados, desse modo, todas suas produções eram tidas como passatempo, gerando novamente sua exclusão dos espaços de poder, principalmente, nas universidades, diferente das mulheres brancas que tinham suas narrativas —mais aceitasl.

Historicamente, buscar refúgio na escrita sempre foi algo da mulher, principalmente da mulher negra, pois eram em seus cadernos que contavam toda sua dor, era tido por elas como um desabafo. Tratar sobre nossa própria história, segundo Alves (2002) é falar de muitas outras histórias semelhantes e, era sobre isso que os primeiros escritos de mulheres negras ganhavam forma e destaque na sociedade brasileira. A literatura afro-brasileira, segundo o autor, vem rasurar um modelo que, por muito tempo, foi considerado universal, seguindo padrões e estilos eurocêntricos, sendo, prioritariamente, escrito por homens brancos,

O termo —literatura negral utilizado contemporaneamente para denominar o produto literário de toda uma geração de escritores das três últimas décadas do século 20, possivelmente teve seu uso defendido pela coletânea Cadernos negros (CN) que emerge no ano de 1978 num cenário de efervescência sociopolítica. (...). Nesse panorama nacional, manifestando-se em denúncias e protestos organizados por militantes negros, surgia o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial entre os credores sociais do governo, contestando o modelo da democracia racial brasileira como modelo de convivência entre as raças. (Alves, 2002, p. 221).

O surgimento desses escritos e o crescimento da literatura negra ou afro-brasileira em todo o território brasileiro se davam, segundo Cuti,

Sob o manto de um silêncio midiático, livros individuais, antologias de poemas, contos e ensaios e obras de referência vêm-se somando para revelar um Brasil que se quer negro também no campo da

produção literária, pois o país plural se manifesta no entrechoque das ideias e nos intercâmbios de pontos de vista (Cutí, 2010, p. 13).

Mediante o exposto, conclui-se que o corpo desses escritos nada mais era do que um posicionamento seu a respeito do que ocorriam com seus corpos na sociedade, se colocavam como personagens, resgatando sua memória cultural e trazendo a tona toda a sua ancestralidade, questionando os espaços que, por muito tempo foram ocupados pela elite branca e a injustiça que pairavam sobre os seus.

As produções desses escritos logo anunciaram um volume de obras produzidas por autores negros, eram eles os Cadernos Negros que desde 1978 até os dias atuais representa uma experiência singular alternando entre os gêneros poesia e prosa. Conceição Evaristo estreia na série Cadernos Negros em 1990, no volume 13 da coletânea, publicando os contos intitulados como —Di Lixão! e —Marial!, trazendo inúmeras contribuições para a coletânea lançada na época, como detalha Cutí,

Foram 28 poemas e 11 contos publicados em 13 volumes dos Cadernos Negros, no período de 1990 a 2011, alternando anualmente poemas e contos, como também nas antologias realizadas como desdobramentos da série (Cadernos Negros – os Melhores Poemas e Cadernos Negros – os Melhores Contos, ambas de 1998, Cadernos Negros – Três Décadas e Cadernos Negros/Black Notebooks, em dois volumes: poesia e prosa, estas últimas de 2008). Tais textos formam um coro de múltiplas correspondências temáticas, de ideias, personagens e espaços, incluindo o diálogo entre as facetas do eu lírico e as dos narradores da prosa, estabelecendo constantes vasos comunicantes entre os gêneros, polifonia esta articulada com a obra individual, publicada a partir de 2003 (Cutí, 2010, p. 04).

Como apresentado acima, a presença de Conceição Evaristo na literatura vem de longa data, além de possuir uma base sólida, trata-se de uma escritora que aborda as diversidades. Sua trajetória de vida foi fincada na literatura com o objetivo de modificar o cenário literário, trazendo os textos de gêneros diversos à temática da ancestralidade, isto é, resgatando a memória do negro desde a sua saída do continente africano, atravessando o período de escravização e o pós-libertação. Seus textos denunciam a falta de dignidade que o negro sofria e, ainda sofre por ocupar um espaço de inferioridade na sociedade, como podemos ver em seu poema intitulado —Vozes-mulheres! que discute a respeito de mulheres negras que sofreram diversos tipos de violências e que passaram a reescrever suas trajetórias,

A voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio. ecoou lamentos 12 de uma infância perdida. A voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo. A voz de minha mãe ecoou

baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela.
A minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome.
A voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes recolhe em si as
vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas. A voz de minha filha
recolhe em si a fala e o ato. O ontem – o hoje – o agora. Na voz de
minha filha se fará ouvir a ressonância o eco da vida-liberdade
(Evaristo, 2009, p. 21).

Percebemos a partir desses versos que a escrita para ela era como buscar frestas para sobreviver, um instrumento de cura, de autocuidado e de tomar contato com suas subjetividades. A poesia segundo Hooks (2022) é outra forma de se expressar, vista por a mesma como autocuidado, afinal foi à mesma que permitiu a sobrevivência de seu povo. Grada Kilomba (2019) também vem reforçar que escrever trata-se de um ato revolucionário, ou seja, para ela também significa descolonizar, ir contra a ordem, pois no momento em que um/a preto/a, LGBTQIAPN+, mulheres, indígenas, ciganos e quilombolas reproduzem a prática da escrita, eles mesmos estão depositando, automaticamente, suas subjetividades ali.

Quando a autora fala a respeito de subjetividades, a mesma refere-se à possibilidade de várias escritas possíveis que abarcam a poesia e de outras escritas literárias, tendo as mesmas como rotas de fuga, ao mesmo tempo em que realiza um resgate histórico. Portanto, cada escrevivência trará novas demandas, agregando significados as que já foram produzidas.

Por fim, toda essa situação de opressão que cerca violentamente o corpo da mulher negra, infelizmente, pode concluir que uma mulher negra (sujeito subalterno feminino) não tem voz ou, porém quando tem, não pode ser ouvida. Paulina Chiziane (2013) em seus desabafos chega até questionar à divindade associada à masculinidade, acreditando que se Deus fosse mulher a sociedade seria mais justa e igualitária —*Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas ideias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade. Dentro de mim, qualquer coisa me faz pensar que a nossa sorte seria diferente se Deus fosse mulher*‖ (CHIZIANE, 2013, p. 200).

CAPÍTULO 4: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Neste último capítulo, realizaremos uma análise a partir da obra intitulada —Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus acerca da representação de gênero através de suas escritas, compreendendo que o fator gênero é um fator atenuante de opressão e que o mesmo resulta em um sistema perverso de opressão. O capítulo ainda lança foco sobre a realidade da periferia, desafiando-nos a refletir sobre a persistência das desigualdades sociais que tende a inferiorizar, em todas as esferas, a mulher negra aos demais indivíduos perante a sociedade.

4.1. Carolina e a representação da mulher negra

Há livros que nos faz viajar para realidades que, embora sejam desconhecidas para o leitor, acabam sendo inesquecíveis e profundamente impactantes. A obra —Quarto de Despejo acaba sendo esse portal, um verdadeiro tesouro literário que vem apresentar a vida nas comunidades periféricas do estado de São Paulo-SP, refletindo a respeito do nível alarmante de desigualdades sociais que assolam todo o território brasileiro, como nos revela a autora nos primeiros momentos de sua obra,

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro podre. Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristal, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (Jesus, 1993, p.09).

A seguinte citação formulada pela escritora nos traz uma metáfora criada pela mesma com o intuito de caracterizar sua comunidade, fazendo jus o título de sua obra. Nota-se também a partir da seguinte passagem que a autora denunciava as condições precárias de vida na periferia, realizando comparações com a realidade encontrada nos centros e regiões privilegiadas da cidade, onde a mesma idealizava uma planta de uma casa e a repartia da seguinte forma —[...] *Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos* (Jesus, 1993, p. 12).

Historicamente, a representação da mulher na literatura foi desenhada e delimitada em torno do contexto de submissão, tidas como —para o lar! desempenhando funções domésticas,

ao mesmo tempo em que cuida dos filhos, cenário que se repete ao mergulharmos nos escritos de Carolina Maria de Jesus,

[...] Fiz café e mandei os filhos lavar-se para ir na escola. Depois saí e fui catar papel. Passei no Frigorífico e a Vera foi pedir salchicha. Ganhei só 55 cruzeiros. Depois voltei e fiquei pensando na minha vida. O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles. [...] Quando eu estava preparando para fazer o jantar ouvi a voz da Juana que pediu-me alho. Dei-lhe 5 cabeças. Depois fui fazer o jantar e não tinha sal. Ela deu-me um pouco (Jesus, 1993, p.18).

Esse trecho como pode ver, traz a tona mais uma vez, dentro da literatura brasileira, a experiência de várias mulheres negras brasileiras pauperizadas. Carolina Maria de Jesus foi mãe solo de três filhos e os sustentava com diversos trabalhos e que através dessa passagem acaba se posicionando a partir de uma literatura não hegemônica, denunciando o sistema patriarcal e atribuindo a imagem do homem ao ato de covardia, já que muitos costumam abandonar seus relacionamentos ao saberem da gravidez de suas parceiras, papel esse diferente do que estávamos acostumados a ver na literatura ao serem retratados como heróis.

Por outro lado, ao falar a respeito de seu lugar enquanto mulher negra, Carolina acaba demonstrando alguns preconceitos, como vemos nesta citação,

Durante o dia a Leila e o seu companheiro Arnaldo brigaram. O Arnaldo é preto. Quando veio para a favela era menino. Mas que menino! Era bom, iducado, meigo, obediente. Era o orgulho do pai e de quem lhe conhecia. – Este vai ser um negro, sim senhor! É que na África os negros são classificados assim: - Negro tú. – Negro turututú. – É negro sim senhor! Negro tú é o negro mais ou menos. Negro turututú é o que não vale nada. E o negro Sim Senhor é o da alta sociedade. Mas o Arnaldo transformou-se em negro turututú depois que cresceu. Ficou estúpido, pornográfico, obsceno e alcoolatra. Não sei como é que uma pessoa pode desfazer-se assim. Ele é compadre da Dona Domingas. Mas que compadre! Dona Domingas é uma preta boa igual o pão. Calma e útil (Jesus, 1993, p. 51).

Mediante o exposto, a escritora costumava reproduzir preconceitos em seus escritos, mesmo que compreensíveis para sua época, já que —*é sobre a égide machista (e racista) que ela vive e nisso é que ela acredita* (Macena, 2018, p. 08), desse modo, a mesma acabava demonstrando um conhecimento do ser negro, o que tornava sua literatura uma literatura negra, como nota-se nesta seguinte citação,

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de

negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. [...] O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 1993, p. 64).

Ainda o falar de seu lugar como mulher, a escritora também realizava uma crítica às mulheres da periferia, descritas por elas como —*horríveis numa briga. O que podem resolver com palavras elas transformam em conflito. Parecem corvos, numa disputa.*||, atribuindo-as o estereotipo de mulher negra barraqueira (Jesus, 1993, p. 51), além de aliviar o comportamento do homem em sociedade, atribuindo-lhes o papel de mediador e delicados, como descreve em suas seguintes palavras —*Nas favelas, os homens são mais tolerantes, mais delicados. As bagunceiras são as mulheres*|| (Jesus, 1993, p. 21).

Apesar de ser uma escrita da desordem, a escritora encontra-se dentro de um sistema estrutural, tendo seus escritos e pensamentos, mesmo que inconscientemente, vinculados ao racismo e ao machismo, este cenário é vivido em diversos momentos por mulheres que, assim como a mulher periférica, possui a pele negra e estão inteiramente ligadas a estereótipos que estão no imaginário da sociedade em relação a essas mulheres. Devido essa visão, as mulheres acabam sendo vulneráveis e encaram situações cotidianas de constrangimento e de violências simbólicas e físicas. Outra visão que complementa esse cenário é visto na citação a seguir,

...Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a Historia do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da patria. Então eu dizia para a minha mãe: - Porque a senhora não faz eu virar homem? Ela dizia: - Se você passar por debaixo do arco-iris você vira homem. Quando o arco-iris surgia eu ia correndo na sua direção. Mas o arco-iris estava sempre distanciando. Igual os politicos distante do povo. Eu cançava e sentava. Depois começava a chorar. Mas o povo não deve cançar. Não deve chorar. Deve lutar para melhorar o Brasil para os nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para a mamãe: - O arco-iris foge de mim (Jesus, 1993, p 44).

Os seguintes escritos fazem alusão à hierarquia social do gênero masculino e a cumplicidade feminina com sua própria opressão, o que nos leva a ir de encontro à citação de Boccini e Zolin (2009), como o que Beauvoir afirma, que a opressão da mulher,

está também, e principalmente, na crença de que o destino da mulher é ser passiva, uma vez que a passividade integra, irremediavelmente, sua natureza. Em vista disso, e não podendo rebelar-se contra a natureza, o mundo não lhe pertence e sua energia é canalizada para o

narcisismo, o romantismo ou a religião. O acesso a elevados valores humanos, como o heroísmo, a invenção e a criação lhe é vedado (Bocchini; 2009, p. 224).

Apesar do desabafo de Carolina e da sua crítica na vontade de ser homem devido ao comportamento social e a opinião pública da época, a mesma demonstrava que não necessitava de um homem e/ou buscava para suprir seus momentos de solidão, levando novamente ao entendimento de sua posição como mulher, tornando sua literatura feminina e não uma produção literária de autoria feminina, como muitos pensamentos retrógrados enxergam sua obra nos dias atuais e, que sim, podemos perceber esse empoderamento através de seus escritos, na qual a mesma buscava viver longe das amarras do homem,

O homem entra pela porta. O filho é raiz do coração. [...] O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel embaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (Jesus, 1993, p.49).

Os escritos de Carolina também reconstruíam a imagem da mulher, já que na literatura a mesma sempre foi sinônimo de —desconforto, por isso a mulher sempre foi posta de lado, o que mudou nas narrações da escritora. A mulher passou a ocupar o lugar de uma mulher sem medo, tendo forças para cuidar sozinha de seus filhos e buscar seus direitos, como qualquer outro indivíduo que exerce plenamente sua cidadania, como se ver em uma de suas citações,

Terminaram a refeição. Lavei os utensílios. Depois fui lavar roupas. Eu não tenho homem em casa. É só eu e meus filhos. Mas eu não pretendo relaxar. O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu não estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir em favela. [...] Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo (Jesus, 1993, p. 22).

Ao explicar seu lugar de periférica, Carolina Maria de Jesus entre um parágrafo e outro acaba percebendo que a favela acaba —mudando os indivíduos que nele vivem,

... As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo (Jesus, 1993, p. 38).

Segundo a citação acima apresentada por Carolina, conforme seu pensamento a favela tem a capacidade de moldar indivíduos sociais, levantando a discussão que de um dia para noite, famílias que chegavam de outros locais e se estabeleciam nas periferias acabavam incorporando comportamentos de pessoas que ali viviam, bem como as expressões e gírias locais, denominados por ela como práticas violentas, além de serem rotulados como ignorantes por —falarem errado‖ ao comparar com o português falado nos centros urbanos.

Os escritos de Carolina ainda estão fincados ao pensamento dominante que costuma impor às comunidades e seus moradores um estigma de exclusão e criminalidade, não por querer, mas por ser vítima do racismo estrutural que se faz enraizado em nossa sociedade. Esse grande abismo social acaba também sendo refletido através da linguagem, fazendo com que aqueles que falam o português periférico, acabem carregando este estigma negativo associado à sua comunidade onde quer que abram a boca (Nascimento, 2019).

Antes de julgarmos Carolina, faz-se necessário entendermos a respeito do Lugar de Fala, termo criado por Djamila Ribeiro (2019), pois muitos que buscam ler —Quarto de Despejo‖ acabam esperando por uma literatura que rompa com os modelos literários produzidos por homens e que ao se debruçarem sobre os escritos da autora acabam se assustando ao verem uma mulher negra falando de racismo, machismo e sexismo, assuntos que por muito tempo, foram apresentados por homens.

O controle do discurso se justifica através de um processo de legitimação daquele que fala, isto é, as vozes que seriam validadas para falar do racismo, machismo e sexismo com propriedade, seriam as pessoas que sofrem cotidianamente essa discriminação, neste caso as mulheres e os indivíduos negros, como nos afirma Ribeiro,

Para além da questão concreta daquela mulher ser obrigada a calar-se, a usar um artefato em sua boca, Kilomba pensa essa máscara como a afirmação do projeto colonial. Vê essa máscara como —a mask of speechless‖ – em tradução literal —a máscara daquelas que não podem falar—. Nessa perspectiva, essa máscara legitima a política de silenciar —Os Outros‖, afirma a pensadora. As perguntas que a autora faz neste capítulo são importantes para a nossa reflexão de quem pode falar. Questiona: —Quem pode falar?‖, —O que acontece quando nós falamos?‖ e —Sobre o que é nos permitido falar?‖ (Ribeiro, 2019, p.43).

Os seguintes questionamentos apresentados por Ribeiro (2019) são necessários, pois nos leva a refletir e compreender o lugar de fala de cada um. Exemplificando o contexto que antecede a literatura negra brasileira, as pessoas que tinham o direito de fala eram os homens brancos da classe alta, e caso as mulheres tentassem ter algum tipo de voz eram silenciadas.

Com essa obra de resgate e discussão sobre as vivências periféricas, como o —Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, há a luta contra o apagamento de memórias e subjetividades, como menciona Mbembe (2018):

—A violência colonial era, por fim, uma violência _fenomênica_. Nesse sentido, afetava tanto os domínios sensoriais quanto os domínios psíquico e afetivo. (...) Atingindo o tempo, um dos principais enquadramentos mentais de qualquer subjetividade, fazia com que os colonizados corressem o risco de perder o recurso a quaisquer vestígios mnemônicos, justamente aqueles que permitiam _fazer da perda algo além de um abismo hemorrágico_. Uma das suas funções era não somente esvaziar o passado do colonizado de qualquer substância, mas, pior ainda, precluir seu futuro. (...) Sua psiquê não era poupada, já que a violência visava nada mais nada menos que a sua descerebração (Mbembe, 2018, p.79).

Então, por muito tempo, concordar com o discurso do opressor se tornou um modo de sobrevivência. Com o surgimento de agentes representantes das vozes marginalizadas na literatura, como Carolina Maria de Jesus, acabavam ocupando um lugar de maior competência e de eficiência social por terem lugar de fala ao abordarem sobre determinados assuntos.

Carolina tinha essa autoridade, pois vivia na pele o estigma e o preconceito, além de falar sobre a periferia em seus escritos que se diferenciava das manchetes produzidas por jornalistas que, sequer, tiravam um tempo para visitar a comunidade que descreviam em suas redações, afinal era ali que morava. Portanto, —*não se trata apenas da possibilidade de falar [...] mas da possibilidade de „falar com autoridade“*” (Dalcastagnè, 2012, p.19).

Isto posto, é nítido a necessidade de abrir espaços de expressão para as classes até então excluídas do universo do fazer literário, dando voz e vez aqueles que, historicamente, foram silenciados e retirados de suas próprias histórias, evitando assim, o perigo e as consequências de uma história única, isto é, uma história a partir dos olhos do opressor. Os perigos de uma história única, segundo Adichie (2019) é que ela desencadeia um apagamento histórico, ocultando toda uma produção que não os pertencessem, tais como: grandes construções, modos de produção, civilizações e, principalmente da escrita, tornando-se privilégio único do homem branco da elite.

Retomando as análises, a escritora mostrava incessantemente uma preocupação com a criação de seus filhos, como mostrado nesta citação,

Estou desorientada, sem saber o que iniciar. Quero escrever, quero trabalhar, quero lavar roupa. Estou com frio. E não tenho sapato para calçar. Os sapatos dos meninos estão furados. E o pior na favela é o que as crianças presenciam. Todas crianças da favela sabem como é o

corpo de uma mulher. [...] Tudo que é obsceno pornográfico o favelado aprende com rapidez. ...Tem barracões de meretrizes que praticam suas cenas amorosas na presença das crianças (Jesus, 1993, p.45).

A mulher novamente neste parágrafo é ligada a sedução e erotismo, sendo tratada como algo obsceno. Por serem crianças, o primeiro tipo de pensamento é a fantasia, desse modo, a escritora se vê preocupada, já que a fantasia é considerada por muitos estudiosos como um pensamento mágico que satisfaz alucinatoriamente os desejos não realizados. Por não conseguirem se adaptar ao mundo real, as crianças acabam tomando a si e a seu corpo como objeto erótico, preocupação que levou Carolina a desabar em sua obra (Zolin, 2003).

A falta de políticas públicas também é descrita na obra Quarto de Despejo,

Li que uma senhora e três filhos havia suicidado por encontrar dificuldade de viver. (...) A mulher que suicidou-se não tinha alma de favelado, que quando tem fome recorre ao lixo, cata verduras nas feiras, pedem esmola e assim vão vivendo. (...) Pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se, porque as mães tem muito dó dos filhos. Mas é uma vergonha para uma nação. Uma pessoa matar-se porque passa fome. E a pior coisa para uma mãe é ouvir esta sinfonia: - Mamãe eu quero pão! Mamãe, eu estou com fome! Penso: será que ela procurou a Legião Brasileira ou Serviço Social? Ela devia ir nos palácios falar com os mandado chuva. A notícia do jornal deixou-me nervosa. Passei o dia chingando os políticos, porque eu também quando não tenho nada para dar aos meus filhos fico quase louca (Jesus, 1993, p. 63).

A citação acima traz uma crítica aos políticos por aparecerem somente na época de eleições, não fazendo nada pelos excluídos e periféricos durante seus anos de gestão. Desse modo, a ausência do Estado para com os excluídos e marginalizados não passaram despercebidos dos escritos de Carolina. Conforme ela diz:

Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre. Se a maioria se revoltar, o que pode fazer a minoria? Eu estou ao lado do pobre, que é o braço. Braço desnutrido. Precisamos livrar o país dos políticos açambarcadores. (Jesus, 1993, p.43).

Eram inúmeras as críticas realizadas por Carolina, assim como podemos ver na citação acima, consciência crítica herdada pela mãe, como a mesma nos conta,

Eu nada tenho que dizer da minha saudosa mãe. Ela era muito boa. Queria que eu estudasse para professora. Foi as contingências da vida que lhe impossibilitou concretizar o seu sonho. Mas ela formou o meu caráter, ensinando-me a gostar dos humildes e dos fracos. É por isso que eu tenho dó dos favelados (Jesus, 1993, p.48-49).

Outro ponto bastante importante gira em torno uma descrição das características físicas dos dois meninos que teriam fugido da instituição e procurado a favela do Canindé para pedir ajuda, feitas por Carolina da seguinte forma,

[...] Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito. Contaram-me os horrores do Juizado. Que passam fome, frio e que apanham ininterruptamente. Perguntaram se eu podia arranjar-lhes umas camisas. Dei-lhes as camisas e as calças. Perguntei-lhes os nomes. O mulato é Antonio e o branco Nelson (Jesus, 1993, p.61).

A partir da seguinte passagem, percebe-se o desenrolar da história que tornaram essas crianças sob a custódia do Estado no juizado de menores da cidade de São Paulo-SP que acontece a partir do momento em que José Carlos, seu filho, encontra essas duas crianças na rua e os levam para sua casa com o intuito de sua mãe ajuda-los com algum pouco de comida e/ou com algumas peças de roupa.

A forma que Carolina caracterizava essas crianças era um pouco duvidosa, mas que não se pode concluir que Carolina estaria fazendo qualquer descrição discriminatória ao utilizar adjetivos positivos para descrever o menino branco e adjetivos negativos para o menino negro, pois conscientemente, a escritora a todo o momento, em suas narrações, se mostrava orgulhosa pela sua negritude, além de ser consciente a respeito de sua condição e identidade racial, sendo bastante empática com outras pessoas negras e suas vivências.

Muitas vezes, Carolina Maria de Jesus descrevia negativamente seus vizinhos da comunidade, brancos, negros, nordestinos, entre outros, em grande parte pelo tratamento hostil que recebia de alguns deles, desse modo, a escritora fazia questão de descrevê-los do jeito que vinha em sua mente, ponto que nos leva a ir de encontro ao que ela mesma diz que ao invés de discutir, ela escreve, apesar de reconhecer que —*há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais*! e, ela nos tem mostrado isso em cada detalhe de sua obra (Jesus, 1993, p. 46).

Essa passagem acaba nos conectando com o pensamento de Evaristo (2009, p. 57) ao tratar sobre a escrevivência que, segundo ela, a leitura foi um caminho encontrado para suportar o mundo e a escrita foi um meio de se inserir nesse espaço, isto é, —fugir para sonhar e inserir-se para modificar, fato comprovado pela própria autora,

Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes

de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Evaristo, 2009, p.58).

A partir do exposto, podemos ainda enfatizar a questão de a escritora ser excluída tanto pela sociedade, quanto pelo meio literário, no qual almejava ser inserida, pois Carolina Maria de Jesus tinha objetivos de ascender socialmente através de seus escritos, no entanto, a mesma acabava não escrevendo para os excluídos, mas para o meio da qual desejava fazer parte que, segundo Sousa (2012),

Para se compreender a obra de Carolina, é necessário, portanto, destacar as relações dos excluídos com o sistema literário, a inclusão da voz do subalterno – o processo dialético que leva um excluído a desejar ter voz e, para moldar essa voz, escolher o mesmo discurso/forma que o exclui (Sousa, 2012, p. 24)

Assim, conforme a citação nos revela, Carolina demonstrava em sua escrita à possibilidade de se diferenciar dos demais de sua comunidade, onde muitos eram analfabetos, mas que socialmente e financeiramente estavam na mesma posição e, mesmo que a escritora não se sentisse representada por eles, a mesma ao escrever sentia sua dignidade elevada.

Um fator que a levava em contradição era a respeito de suas tentações com a bebida, onde a mesma nos diz que —*Hontem eu bebi uma cerveja. Hoje estou com vontade de beber outra vez. Mas, não vou beber. Não quero viciar. Tenho responsabilidade. Os meus filhos! E o dinheiro gasto em cerveja faz falta para o escencial*‖ (Jesus, 1993, p. 20), o que acabava levando-a a ser alvo pela comunidade, sendo taxada de —esnobe‖ porque —queria ser muita coisa‖, como nos revela em uma de suas passagens,

[...] Tem pessoas aqui na favela que diz que eu quero ser muita coisa porque não bebo pinga. Eu sou sozinha. Tenho três filhos. Se eu viciar no alcool os meus filhos não irá respeitar-me. Escrevendo isto estou cometendo uma tolice. Eu não tenho que dar satisfações a ninguém. Para concluir, eu não bebo porque não gosto, e acabou-se. Eu prefiro empregar o meu dinheiro em livros do que no alcool. Se você achar que eu estou agindo acertadamente, peço-te para dizer: - Muito bem, Carolina! (Jesus, 1993, p. 72).

Além dos pré-julgamentos sofridos por sua comunidade, Carolina ainda revela que soube separar da qual a mesma reconhece por —banalidades‖, nas quais outras mulheres de sua realidade estavam inseridas. Carolina Maria de Jesus acabou assemelhando seu —caráter‖ a sua prática de leitura e escrita, inferiorizando todas as outras que não possuíam sequer o ensino fundamental incompleto, vistas pela mesma como desocupadas,

O que me aborrece é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior [...] Mesmo elas me aborrecendo, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter (Jesus, 1993, p. 11).

Ainda no que se refere à escrituragem, a escritora traz em suas narrações sua condição de mulher, negra e periférica. A mesma consegue abordar esses três marcadores, ao mesmo tempo, em que se reconhece como as três minorias de direito, mostrando um entendimento aprofundado de suas condições que, segundo ela, não deseja passar pelos processos de branqueamento, muito menos de reproduzir discursos hegemônicos que tendem a apagar suas condições de mulher negra e favelada.

A respeito de sua bagagem, Carolina Maria de Jesus havia tido contato com outras obras de escritores românticos e, que começou escrever somente após as inovações literárias oriundas do Modernismo. Conforme os estudos de Sousa (2012) um dos fatores que torna a obra interessante e relevante diz respeito à repetição dos traumas da escritora, conforme nos explica na citação a seguir,

É no contar que Carolina mostra o passar do tempo, contrariando a inexorabilidade de sua condição social de favelada, de excluída sem direito à voz. Apesar de narrar essa inércia, essa imobilidade da condição social de todo favelado (como escapar desse mundo?), Carolina mostra em filigrana, na relação e no retrato da sucessão dos dias e das ações que protagoniza, seu desejo de construir paulatinamente uma experiência de vida calcada na escrita da vida. É na repetição do gesto cotidiano de relatar sempre o mesmo dia infinitamente que vemos se construir o edifício literário de uma experiência singular. (...) (Souza, 2012, p. 88-89)

A partir da citação, nota-se que a prática de escrever fazia parte de um auto compromisso diário de Carolina. A respeito de seu trabalho enquanto catadora de lixo, a mesma desabafa entre pontos e vírgulas —*Parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato a felicidade* (Jesus, 2014, p. 91).

Em sua obra, também há considerações sobre tudo que era ganho e gasto por Carolina e seus filhos, afirmando que o dinheiro que ganhava era sempre insuficiente para manter as despesas e para a manutenção das necessidades básicas, como: alimento, água, luz, lazer, transporte entre outros, como a seguinte passagem demonstra,

3 de junho. Quando eu estava no ponto do bonde a Vera começou a chorar. Queria pasteis. Eu estava só com 10 cruzeiros, 2 para pagar o bonde e 8 para comprar carne moída. A Dona Geralda deu-me 4 cruzeiros para eu comprar os pasteis (Jesus, 1993, p. 50).

Conforme a explanação acima, o custo de vida era elevado, os produtos alimentícios ficavam cada vez mais caros e o medo de passar fome com seus filhos era sua grande inimiga, desabafando da seguinte forma: —[...] *De manhã eu estou sempre nervosa. Com medo de não arranjar dinheiro para comprar o que comer* (Jesus, 1993, p. 49) e mais adiante, acrescenta que —*7 de junho Os meninos tomaram café e foram a aula. Eles estão tão alegres porque hoje teve café. Só quem passa fome é que dá valor a comida* (Jesus, 1993, p. 53).

Desse modo, podemos concluir que,

—[...] todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de lócus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (Ribeiro, 2019, p. 21).

Por fim, é por isso que denominamos sua literatura de literatura negra feminina, pois carrega um grande peso social, principalmente ao ser comparada com outras produções anteriores e posteriores à sua, fator primordial tanto para movimento negro quanto para o movimento feminista. A Obra —Quarto de Despejo pelo impacto social que causou, foi e ainda é um dos motivos porque hoje ainda se discute esse estilo de literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra —Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus (1993) nos revela que Carolina que tem propriedade para falar sobre as temáticas que traz, falando a partir de um lugar de maior opressão e maior proximidade dos subalternos, ao contrário da literatura que antecede o surgimento da literatura negra no Brasil.

A representação da mulher negra a partir da sua obra é explanada da mesma forma como estávamos acostumados ver nas obras escritas por homens, mas que, se diferencia dos demais, pois Carolina vivia aquela realidade, a mesma sofria na pele o estigma e o preconceito, fazendo com que a partir de seus escritos encorajassem outros grupos não- hegemônicos, contribuindo assim, para a quebra de um discurso universal estabelecido por uma sociedade branca, patriarcal, cis e heterossexual.

O que acaba diferenciando as mulheres dos homens na questão da escrita, é o fato das mulheres, antes de tudo, quererem escrever para se tornarem sujeito da sua própria história, como nos confirma Rago (2013, p. 50) —*[...] trata-se de assumir o controle da própria vida, tornar-se sujeito da própria vida, tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da subjetividade possibilitado pela “escrita de si”*.

O objetivo desta dissertação foi investigar a escrita de Carolina Maria de Jesus (1993) a partir de sua obra intitulada —Quarto de Despejo, publicada pela primeira vez durante a década de 1960. Essa obra possui temáticas comuns que abordam a pobreza, a vida nos subúrbios de São Paulo e as formas como as mulheres são tratadas e representadas em uma sociedade estruturalmente racista, machista e sexista.

Para fundamentar teoricamente e embasar nosso pensamento sobre a temática foram trabalhados com os seguintes autores (as), Borges (2020); Bourdieu (1998; 2003); Butler (2018); Carneiro (1995; 2003); Evaristo (2009); Fanon (2008); Fernandes (1978); Ferreira (2020); Freire (2005); dialogando com outros estudos relacionados à temática.

O trabalho buscou também analisar e descrever a mulher negra na literatura brasileira, tendo Carolina Maria de Jesus como referencia. Os resultados enegrecem que a representação da mulher negra a partir de sua obra é explanada da mesma forma como estávamos acostumados ver nas obras escritas por homens, mas que, se diferencia, pois Carolina vivia aquela realidade, sofrendo na pele o estigma e o preconceito.

De fato, pretende-se com esses escritos, incentivar futuras investigações no que diz respeito à herança literária deixada e produzida nos dias atuais por outras mulheres negras, possibilitando pesquisadores e interessados na temática explorarem novos caminhos.

Além disso, os resultados irão me incentivar para continuar realizando novas pesquisas dentro da temática, com interesse em criar futuramente um curso de formação, com caráter extensionista sobre Educação e Literatura Negra, tendo como foco obras literárias de outras mulheres negras que, ultimamente, tem revolucionado o campo da literatura.

Sei que esta dissertação poderia ser mais bem escrita, melhor pensada e/ou até mesmo melhor reformulada, pois sempre há uma possibilidade de recomeçar, seja uma nova amizade, um novo relacionamento, um novo parágrafo e, assim por diante. E por fim, recomeço novamente, em outro lugar, em outro tempo. Deixo-lhes com o poema de Nego Bispo,

Fogo!...Queimaram Palmares, Nasceu Canudos. Fogo!...Queimaram Canudos, Nasceu Caldeirões... E nasceram, e nascerão tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando Porque mesmo que queimem a escrita, Não queimarão a oralidade [...] Mesmo queimando o nosso povo, Não queimarão a ancestralidade (BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 45).

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, Jussara. Entrevista com Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito linguístico, variação linguística e ensino. **Caderno de Letras da UFF**, Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, n. 36, p. 11–26, 1º sem. 2008.
- ABRANO, Jaqueline. Mulheres negras no mercado de trabalho. In: FÓRUM MUNDIAL NACIONAL. **Anais do Fórum Mundial Nacional**. Porto Alegre: Brasil, 2010.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.). **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza; PUC Minas, 2002.
- AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. 51. ed. Rio de Janeiro: Record; São Paulo: Martins, 1958.
- AMORIM, Anna Carolina H. Eu sou: Homofobia. In: GARCIA, Olga Regina Zigelli; GROSSI, Miriam Pillar (org.). **Fuxico**: uma maneira lúdica de contribuir para o aprendizado das questões de gênero, sexualidades e raça/etnia. Santa Catarina: Editora Copiart, 2013.
- ARAÚJO, Ariella S. A mulher negra no pós-abolição. **Revista da ABPN**, v. 5, n. 9, p. 22–36, nov./fev. 2013.
- AZERÊDO, Sandra. Teorizando sobre gênero e relações sociais. **Revista Estudos Feministas**, ano 2, p. 203–216, 2º semestre, 1994.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 36. ed. São Paulo: Ática, 1890.
- AZEVEDO, F. F. dos S. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? 45. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261–306.
- BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Analía S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 119–140, 2002.
- BARROS, Mariana Luz Pessoa de. **O discurso da memória**: entre o sensível e o inteligível. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, Berenice A. M. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCTI, 2015.

BORGES, José Carlos; LAPOLLI, Édis Mafra; AMARAL, Melissa Ribeiro do. A mulher e suas concepções históricas. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 5, ed. 6, v. 9, p. 5–21, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183–191.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALDWELL, K. L. Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, ano 8, p. 91–107, 2º semestre, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2003.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Belo Horizonte: Scripta, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOOKS, bell. **A gente é da hora**: homens negros e masculinidades. São Paulo: Elefante, 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 1993.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

YEMONJÁ, Mãe Beata de. **Caroço de dendê**: a sabedoria dos terreiros. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Desconstruindo a opressão**: a imagem feminina em *A república dos sonhos* de Nélida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.